

**Lívia Aparecida Ferreira Lenzi
Marta Lígia Pomim Valentim
(Org.)**

Atuação do profissional bibliotecário

**cotidiano vivenciado em
diversos tipos de unidades de
informação**

Edufal

**Lívia Aparecida Ferreira Lenzi
Marta Lígia Pomim Valentim
(Org.)**

Atuação do profissional bibliotecário

**cotidiano vivenciado em
diversos tipos de unidades
de informação**

 **Edufal**

**Maceió/AL
2024**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Reitor

Josealdo Tonholo

Vice-reitora

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

Diretor da Edufal

Eraldo de Souza Ferraz

Conselho Editorial Edufal

Eraldo de Souza Ferraz - Presidente
Fernanda Lins de Lima - Secretária
Alex Souza Oliveira
Cícero Péricles de Oliveira Carvalho
Cristiane Cyrino Estevão
Elias André da Silva
Fellipe Ernesto Barros
José Ivamilson Silva Barbalho
José Márcio de Moraes Oliveira
Juliana Roberta Theodoro de Lima
Júlio Cezar Gaudêncio da Silva
Mário Jorge Jucá
Muller Ribeiro Andrade
Rafael André de Barros
Tobias Maia de Albuquerque Mariz
Walter Matias Lima

Núcleo de Conteúdo Editorial

Fernanda Lins de Lima – Coordenação
Mariana Lessa de Santana – Diagramação
Roselito de Oliveira Santos – Registros e catalogação

Conselho Científico da Edufal

César Picón - Cátedra Latino-Americana e Caribenha (UNAE)
Gian Carlo de Melo Silva – Universidade Federal de Alagoas (Ufal)
José Ignacio Cruz Orozco - Universidade de Valência - Espanha
Juan Manuel Fernández Soria - Universidade de Valência - Espanha
Junot Cornélio Matos – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
Nanci Helena Rebouças Franco – Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Patrícia Delgado Granados - Universidade de Sevilla-Espanha
Paulo Manuel Teixeira Marinho – Universidade do Porto - Portugal
Wilfredo Garcia Felipe - Universidad Nacional de Educación (UNAE)

Projeto gráfico

JDMM

Editoração eletrônica e Capa

JDMM

Revisão de Língua Portuguesa

Rafael Giardini Lenzi

Revisão da ABNT

Rafael Giardini Lenzi

Catalogação na fonte

Editora da Universidade Federal de Alagoas - EDUFAL

Núcleo de Conteúdo Editorial

Bibliotecário responsável: Roselito de Oliveira Santos – CRB-4 – 1633

A886 Atuação do profissional bibliotecário: cotidiano vivenciado em diversos tipos de unidades de informação / Organizadores: Livia Aparecida Ferreira Lenzi, Marta Lígia Pomim Valentim. — Maceió : Edufal, 2024. 297 p.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5624-288-0 E-book

1. Atuação do bibliotecário. 2. Biblioteconomia. 3. Ciência da informação. 4. Vivência em bibliotecas. I. Título.

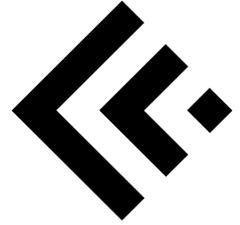
CDU: 002.6–057.4

Direitos desta edição reservados à
Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas
Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões
CIC - Centro de Interesse Comunitário
Cidade Universitária, Maceió/AL Cep.: 57072-970
Contatos: www.edufal.com.br | contato@edufal.com.br | (82) 3214-1111/1113

Editora afiliada:

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

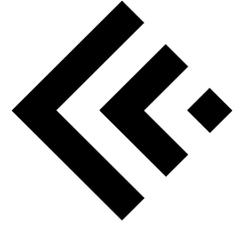
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.



Sumário

PREFÁCIO <i>Maria de Lourdes Lima</i>	06
APRESENTAÇÃO <i>Lúvia Aparecida Ferreira Lenzi</i>	16
CAPÍTULO 1 - Atuação do bibliotecário em diferentes unidades de informação <i>Marta Lígia Pomim Valentim</i> <i>Lúvia Aparecida Ferreira Lenzi</i>	19
CAPÍTULO 2 - Um amor chamado Mário de Andrade <i>Alessandra Atti</i>	38
CAPÍTULO 3 - Relato de experiência das ações gerenciais e de gestão do conhecimento utilizadas na coordenação do Grupo de Trabalho de Competência em Informação da FEBAB <i>Camila Araújo dos Santos</i>	57
CAPÍTULO 4 - Atuação na Biblioteca do IFSP – Câmpus Birigui: relato de experiência <i>Daniel Abraão Pando</i>	73
CAPÍTULO 5 - Podcast juntos, tecendo como experiência social e de mediação na Biblioteca Pública Municipal de Cravinhos <i>Everton da Silva Camillo</i>	96





CAPÍTULO 6 - Biblioteca da Unesp, Câmpus de Dracena: um espaço multiuso, de aprendizagem e de interação social **116**
Fábio Sampaio Rosas

CAPÍTULO 7 - A biblioteca escolar enquanto agente de mudança na periferia **136**
Gabriela Bazan Pedrão

CAPÍTULO 8 - Do credenciamento às boas práticas editoriais: a experiência do Portal de Periódicos da Universidade Estadual de Campinas **153**
Gildenir Carolino Santos

CAPÍTULO 9 - Do positivo ao negativo: o bibliotecário especialista em imagens **196**
João de Pontes Junior

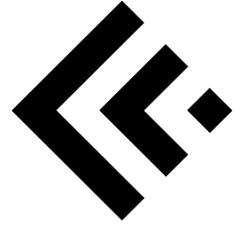
CAPÍTULO 10 - Relato de experiência vivenciada na Diretoria de Bibliotecas Públicas do Município de Londrina **219**
Leda Maria Araújo

CAPÍTULO 11 - Reflexões de uma garota do programa **256**
Liliana Giusti Serra

CAPÍTULO 12 - Gestão da informação jurídica: relato de experiência **272**
Regina Céli de Sousa

SOBRE OS AUTORES **287**





PREFÁCIO

As Confissões no Portal da Informação

Maria de Lourdes Lima

1 NAS BORDAS DO SAGRADO E DO PROFANO

Nos limites deste preâmbulo, tem-se o portal como entrada/saída por onde circula e navega a *informação*, vetor e insumo, sujeito a um determinado sentido, quando se pensa e se opera por meio das linguagens, verbal, visual e sonora, quer na sua forma (in)orgânica, (i)material, quer na forma analógica e/ou digital. Em síntese, é por meio desse construto associado a um trabalho social imerso no processo de comunicação de uma dada linguagem, que a *necessidade de informação* se confirma e se refaz no *continuum* da vida ordinária.

Certamente, a presente coletânea se presta a informar ao(à) leitor(a) o que as experiências realizadas em diferentes unidades de informação, por profissionais da área da Ciência da Informação, C.I., foram capazes de conceber e lograr, em diferentes momentos, espaços e lugares. O que torna justificável o termo *Confissões* (c.





400 d.C.), extraído de um dos clássicos da literatura ocidental, representada por Santo Agostinho (354–430 d.C.), nascido em Tagaste, na Numídia, Norte da África, hoje Argélia, um dos pontos de clivagem entre Ocidente e Oriente, Norte e Sul. Portanto, mundos sujeitos a pressões de diversas ordens.

Nesse sentido, tem-se uma triangulação entre *História*, *Memória* e *Esquecimento*, (Ricoeur, 2007), objeto do tripé formulado pelo filósofo e historiador da cultura, Paul Ricoeur (1913-2005). Contraponto dado pelas *Confissões* de Agostinho em relação à intercessão entre as três primeiras formas de representação material e abstrata da Vida e do Mundo, acima, referidas.

Essa escrita de Agostinho serve de marco fundador do Medievo, no qual também se inscreve a gênese do livro, similar ao códex, cujo lastro acompanha a história do pensamento ocidental (Chartier, 1998). Ambos, suporte e conhecimento, responsáveis por reter duas formas de escritas e de tensão: uma pagã, originária da cultura indo-europeia e helênica no Mediterrâneo, mas, com lastro no Oriente Médio, entre judaísmo, islamismo, Bizâncio e Mesopotâmia, os próximos-distantes; e outra de procedência cristã, nascida das contradições da civilização greco-romana, além dos seus pontos de enfrentamento/amalgamento com os reinos bárbaros adjacentes, cujo mosaico cultural, apontado pelo historiador Lucien Febvre (2004), faz repensar o mapa cultural europeu como um somatório da presença Oriental, no Ocidente, responsável (in)direta pela sua formação constitutiva, no que diz respeito ao Ocidente, matéria desta discussão.





Essas aproximações nos servem de mediação entre as formas de questionamento e de sedução, nas quais estão incluídas as “formas do fazer”, na perspectiva posta pelo historiador francês Michel de Certeau (1925-1986), quando fala do homem, da cultura e da linguagem *ordinária* (Certeau, 1996).

Na medida em que se toma por eixo temático as bordas que configuram o desenho entre o Sagrado e o Profano, tem-se, como pano de fundo, a necessidade de se pensar os nexos entre o *Abstrato* e o *Concreto* no plano das ações humanas, sejam elas eivadas da fé no sagrado, vide Agostinho, cuja projeção, mais tarde, é a *Cidade de Deus*; sejam no plano do desejo, que move a condição humana no seu contato imediato com a vida terrena, a qual se atribui a esfera do profano.

É neste embate entre o Alto e o Baixo que a peleja ganha corpo, luta e sentido, respectivamente, nos dois planos: as ações dadas pelo *Sagrado*, em contraposição às práticas que permeiam o *Profano*. Neste último campo, configuram-se a historiografia e os demais gêneros literários que instituem os relatos que falam de si e do vivido. Lugar para o qual convergem também os dois historiadores que subsidiam Agostinho, Ricoeur e Certeau; e os demais que seguem paralelo às narrativas de um escritor de ficção, mas que também fizeram uso da primeira pessoa do singular. Aqui, representado pelo comerciante, administrador público, jornalista, professor (conhecido em sua cidade natal Palmeira dos Índios -AL como mestre Graça} e homem das letras, o escritor Graciliano Ramos de Oliveira (1892-1953). Logo, os embates entre o mundo





abstrato das ideias e o concreto pensado e vivido das ações e das práticas humanas sobre a terra são reais.

2 JOGOS DE SEDUÇÃO: CRIADOR E CRIATURA

Daí a tríade constituída por Agostinho, Paul Ricoeur e Michel de Certeau, inseridos numa constelação maior, de outros sujeitos, igualmente históricos. O que os aproximam, efetivamente? Os relatos do modo ordinário da vida, postos na rolagem dos dias e das noites, feito uma teia, e/ou um *télos*, processo do qual deriva o *continuum*, como fluxo, presença e ruptura. Qual seria a relação entre a Coletânea, objeto deste Prefácio, e a triangulação entre os três autores e pensadores citados? O primeiro proveniente do norte da África, os dois últimos cidadãos, franceses, nossos contemporâneos mais próximos, no tempo? Certamente, os relatos de trabalho, e/ou de gestão, ao se imiscuírem no cotidiano das práticas e dos hábitos.

Têm-se os relatos como testemunhos dessas práticas, sem as quais os registros se perderiam, e/ou se esfumariam, na poeira dos tempos, caso não houvesse o ato de intervenção e de problematização inerente à natureza teórico-filosófica da triangulação entre História/Memória/Esquecimento pelo viés de uma escrita e de uma leitura. Mas, de um modo de pensar que retira do *continuum* do tempo as formas de dissolução do vivido numa escala espaço-temporal atada à teia dos instantes.





A história, portanto, é tida como *devoir* e como “operação de caça”, que agrega formas do fazer postas num *modus operandi* (Certeau, 2015). Ao lidar com a memória, no presente, encontra os instrumentos necessários para romper com as formas do esquecimento, impostas por *Lethe*, na sua tensão com *Mnemosine* (Weinrich, 2001). Deste conflito perene e incessante, a Memória se nutre, continuamente, de matéria e energia, corpo e sentido do vivido que se reinventa, insistentemente, como ato e prática, num dado presente que tem como interlocução passado e futuro. Disso trataram, por vias próprias, em diferentes momentos e lugares, Agostinho, Ricoeur e Certeau. Todavia, a Memória, na escrita da historiadora inglesa Frances A. Yates (1899-1981), apresenta-se como *Arte*. Nesta, Agostinho é um dos poucos a discorrer, em suas *Confissões*, sobre a memória, a alma e o corpo, de modo tão visceral e cruento nas suas batalhas íntimas (2007). O que possibilita, neste Prefácio, tomá-lo como um elo aglutinador entre Ricoeur e Certeau. Ambos escolhidos em razão dos seus vínculos pessoais com as ordens do sagrado, existencialmente, tecidas no cristianismo católico apostólico romano e/ou nas cisões da Reforma Protestante que explodiram no século XVI, na Europa. Uma parte dessas *Confissões* está imersa nesses plasmas.

Na outra ponta, localizam-se os Relatos dos gestores da Ciência da Informação, presentes nesta Coletânea, que também se aproximam e se confundem com os atos de uma Confissão ao “Deus Escondido”, na acepção de Lucien Goldman, e/ou ao(à) seu(sua) interlocutor(a). Se, por um lado, a costura do texto





acadêmico, no geral, ganha um tom formal dada as circunstâncias de um tipo particular de escrita que se desloca em função de um determinado cânone, ao fazer uso de um tratamento mais impessoal, sujeito a determinadas regras, polido e hermético, próprio do lugar do conhecimento de onde se fala; por outro, há uma tentativa de burlar esse cânone e inserir uma abordagem mais irreverente e provocadora. Este aspecto me parece o diferencial no conjunto da Coletânea.

Nesse sentido, é importante atentar para o tratamento dispensado a 3 (três) relatos de um conjunto de 12 (doze), na medida em que surpreende o(a) leitor(a) com um tipo de argumento e de linguagem que foge ao convencional. Deles, fazem parte: a declaração de amor explícita a Mário de Andrade, isto é, a Biblioteca Pública da cidade de São Paulo; as declarações “íntimas” de uma “garota de programa”, dado o seu caráter provocador, o que reforça o traço de humor e de irreverência dirigidos ao leitor(a); e o que flerta com o maniqueísmo do “positivo/negativo”, em face do caráter singular da fotografia analógica na sua assimetria no plano da duplicidade de uma mesma linguagem visual. Busca-se, então, o(a) leitor(a) como um(a) possível aliado(a) nos jogos de sedução da leitura.

Ao comparar as *Confissões* de Agostinho, no alvorecer do Medievo, com os textos de uma historiografia contemporânea, de extração recente, presentes em Ricoeur e Certeau, de extração mais contida e formal, observa-se um tom mais intimista, que aproxima os três relatos acima destacados dos





arrebatamentos de Agostinho, nas tensões entre corpo/alma expostas nas suas *Confissões*, comparado aos dois últimos historiadores franceses, mais contidos e formais, no plano do seu objeto do desejo e do conhecimento.

De um modo geral, os relatos de gestão, ou de experiências de trabalho, adotam o tom pessoal de uma escrita, na primeira pessoa do singular e/ou na primeira do plural, a evocar um dado testemunho, a singularizar o sujeito ou a coletivizar o conjunto de um trabalho de equipe. Ao fazê-lo, os sujeitos desejan-tes, mediante as circunstâncias, os embates e os resultados são expostos *A media luz*, a evocar o tango argentino.

Logo, os jogos de sedução parecem se deslocar, como num jogo de espelhos, ora o Criador, ora a Criatura. Porque um se desdobra, necessariamente, no outro. E vice-versa, feito uma sucessão de instantes, acontecimentos, um rebobinar de ondas em razão de marés e de luas, nas inconstâncias da força gravitacional que se desloca, incessantemente, entre um ponto e outro, como a perscrutar, a inquirir, espelho de si mesmo. Objeto e desejo, latitude e longitude, coordenadas que mensuram localização e busca.



3 AS ENCRUZILHADAS ENTRE SERTÃO E MAR

Mais uma inclusão. Por se tratar de memórias, confissões e relatos, no plano de uma escrita local. É o caso do escritor alagoano Graciliano Ramos (1892-1953), quando resolve expor as suas



desventuras com o regime político, que se instituiu no Brasil, em 1935, com a era getulista. Ramos, em *Memórias do Cárcere*, obra póstuma, deixa-se moer, macerar feito Agostinho, nas tensões da engrenagem de uma ordem instada pelo profano das relações sócio-política-econômica e culturais. A referência central dá lugar a um testemunho que lança, sobre si, a necessidade do autodesnudamento, na escrita, a partir dos impasses e das angústias vividas em processos que se pautam pelo agônico desses sujeitos, face o seu tempo e às suas circunstâncias.

Não é à toa que Agostinho se apropria de três elementos centrais nas suas *Confissões*: a **memória**, o **esquecimento** e o **tempo**. Tripé sobre o qual recai os demais relatos, indistintamente, independentes de quais contextos possam, ou não, dar substância e sentido ao que foi objeto do vivido e/ou da matéria finda. É como se evocasse a necessidade de não se deixar morrer, perecer. E, ao fazê-lo, utiliza-se do testemunho pessoal como uma âncora lançada à pedra, imagem fantasmática e inverossímil. Mas, metaforicamente, se abre como possibilidade de sonho e desejo. Em outras palavras, é uma prestação de contas que está em curso, ou que sempre esteve, a curto, médio e longo prazos. Dos quais se revestem do relativismo inerente à condição humana posta pela *vigília*.





4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestes termos, estão em curso as encruzilhadas entre sertão, mar e ser tã. Na medida em que todos derivam de uma única fonte, o *devir*. E, aqui, confronta-se, mais uma vez, o jogo de espelhos que passa a ser dado pela recorrência da memória, do esquecimento e do tempo. De modo a plasmar as Confissões, as Memórias e os Relatos no afã de recolher as pedras do caminho. Caso similar ao do poeta de Itabira, na sua busca de reviver o vivido pelo ato da palavra e do verbo.

Um conceito se apoia e se apropria do outro feito um escudo, uma janela, um rio, uma canoa, por onde se alcançam a navegação e a viagem no mar. Cientes, emissor e receptor, de que cada um traz como seu antagonista o outro, como aliado e opressor. É desta combinação contraditória, a partir de pares opostos, entre *tempo-memória-esquecimento-tempo* que os relatos parecem ganhar uma sobrevida a mais no exercício das coisas findas. Mas, cuja recusa ao finito se faz sentir pela necessidade, pelo desejo e pelo exercício da *Escrita* e da *Leitura*, elementos indispensáveis à relação entre Emissor e Receptor, no Portal da Informação.





REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. J. Oliveira Santos; A. Ambrósio de Pina (Trad.). 12.ed. Braga, Portugal: Livraria Apostolado da Imprensa, 1990.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Maria de Lourdes Menezes (Trad.). 3.ed. Rio de Janeiro: Editora Forense, 2015.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Efraim Ferreira Alves (Trad.). 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. Reginaldo de Moraes (Trad.). São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

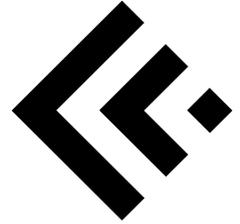
FEBVRE, Lucien. **A Europa: gênese de uma civilização**. Ilka Stern Cohen (Trad.). Bauru, SP: EDUSC, 2004.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Alan François [et al.] (trad.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP: 2007.

WEINRICH, Harald. **Lete: arte e crítica do esquecimento**. Lya Luft (Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

YATES, Frances A. **A arte da memória**. Flavia Bancher (Trad.). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.





APRESENTAÇÃO

Livia Aparecida Ferreira Lenzi

A concepção desse livro se deu quando da distribuição de disciplinas para o período (durante a pandemia, quando as aulas eram *online*), e me foi passada a disciplina Bibliotecas públicas, escolares e especializadas, cuja ementa, de acordo com o Projeto Pedagógico do curso de Biblioteconomia – 2019 é:

Processos, serviços e atividades de informação em unidades públicas, escolares e especializadas e sua relação com a educação, a cultura e as transformações sociais e tecnológicas. O ambiente informacional e os recursos das unidades de informação em escolas, órgãos do governo, indústrias, empresas e negócios.

Ao realizar o planejamento da disciplina, refleti sobre esse conteúdo a ser ministrado e comecei a procurar textos sobre o tema para trabalhar com os alunos. Nessa reflexão, percebi que em todos os textos, independente do tema que abordavam, a





teoria era linda... Mas e a prática? Como seria atuar nesses espaços, baseado apenas na teoria ministrada? Não encontrei nenhum texto que trouxesse algum relato de experiência em qualquer tipo de biblioteca, muito menos em outros espaços de atuação do bibliotecário. Afinal, trabalhamos com informação, independente do suporte em que está inserida, seja analógico ou digital.

Resolvi trabalhar os textos com os alunos e, imediatamente, proporcionar uma palestra com diferentes profissionais que atuavam nesses espaços, incluindo as bibliotecas universitárias. A surpresa foi grande!

Pudemos observar que era possível aliar ou não a teoria à prática e até inserir novas atividades, dependendo do espaço de trabalho, normas da instituição, etc. Além disso, foi possível a discussão sobre outros tipos de atuação, mas para saber como era atuar nesses diferentes espaços, só conhecendo e conversando com esses profissionais. Além disso, pudemos observar os problemas de atuação, pois a maioria tem várias dificuldades, como por exemplo: poucos funcionários, pouca verba, horários de funcionamento, etc. Pudemos ver, também, a necessidade de criatividade dos profissionais no exercício da profissão, independente do espaço ou suporte de informação. Ou seja, o profissional tem que se adaptar ao que é oferecido pela instituição, procurando sempre inovar (o que atrai mais público).

A tecnologia ajuda e muito nessa inovação. Práticas que antes demoravam dias, meses e até anos, ou não existiam, hoje podem ser oferecidas, como o atendimento a públicos com

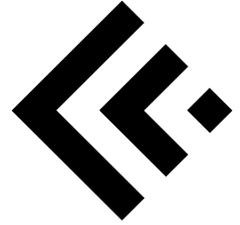




necessidades especiais, independentemente de quais sejam, facilitando assim a acessibilidade.

Ao conversar com a docente Maria de Lourdes Lima, responsável, no passado, pela disciplina, esta sugeriu que a minha experiência, em sala de aula, fosse objeto de um livro. De modo que todos tivessem acesso a relatos como os que foram vivenciados durante a realização da referida disciplina. Contactei, então, a professora Dra. Marta Lúgia Pomim Valentim que ajudou a selecionar autores para os capítulos que compõem esse livro.





CAPÍTULO 1

Atuação do bibliotecário em diferentes unidades de informação

Marta Lígia Pomim Valentim

Livia Aparecida Ferreira Lenzi



1 INTRODUÇÃO

A formação em Biblioteconomia se destaca pelo amplo mercado de trabalho, pois o bibliotecário (ao contrário do que muitas pessoas imaginam) não trabalha apenas em bibliotecas. A atuação profissional abrange contextos analógicos e/ou digitais e, assim, pode atuar em qualquer espaço em que dados, informação e conhecimento exijam um trabalho que possibilite a busca, o acesso, o tratamento, a organização, a mediação, a gestão e a disseminação da informação.

Desde os primórdios o ser humano procurou criar métodos e técnicas para registrar o conhecimento construído nas mais diversas áreas, objetivando a evolução e a melhoria da



qualidade de vida da sociedade, bem como contribuindo para o desenvolvimento dos indivíduos. Nessa perspectiva, surgiram as escritas rupestres, tabletes de argila, escritas cuneiformes, papiro e o papel, o que possibilitou o melhor manuseio dos documentos, posteriormente a criação da prensa de Gutemberg¹ e, finalmente, os livros como são conhecidos hoje em dia, desde os impressos, até os eletrônicos e digitais.

A biblioteca historicamente tem como missão, a incumbência de ser guardiã, organizadora e disseminadora da informação, possibilitando o acesso democrático e irrestrito ao conhecimento registrado, a todo e qualquer público.

Vivemos em um contexto hiperconectado em que os dados trafegam em alta velocidade. Acrescenta-se a isso o volume de informação que é produzido cotidianamente no mundo e, assim, torna-se uma tarefa trabalhosa a sua seleção, tratamento, organização e gestão, evidenciando a necessidade de ações rápidas e consistentes.



1 Johannes Gutenberg (1396-1468). Inventor alemão, o primeiro a usar a prensa e os tipos móveis de metal, inventos que revolucionaram a técnica de impressão. Em 1434 já era conhecido como um homem de grande habilidade mecânica, proprietário de uma oficina onde ensinava vários ofícios, entre eles o de talhador de pedra, cortador e polidor de espelhos, ourives etc. Como o inventor não tinha o hábito de datar e assinar seus trabalhos pouco se sabe sobre o que foi impresso nesse período. Conta-se que alguns fragmentos de um poema e de um calendário astronômico tenham sido impressos. Segundo astrônomos, o calendário refere-se ao ano de 1448 e foi impresso com tipos móveis, criados por Gutenberg. Admitida como certa a conclusão dos astrônomos, deduz-se que a tipografia com caracteres ou tipos móveis foi usada pela primeira vez entre 1439 e 1447. Disponível em: https://www.ebiografia.com/johannes_gutenberg. Acesso em: 23 fev. 2022.



Isso requer planejamento e procedimentos adequados para suprir as necessidades de informação dos usuários, pois sabe-se que o conhecimento é dinâmico, renovando-se rapidamente, impondo às unidades de informação maior responsabilidade em manter os documentos atualizados para de fato atender a comunidade usuária.

A gestão da informação e do conhecimento deveria ser o principal objetivo dos gestores da administração pública, bem como das instituições privadas, da própria sociedade civil organizada, enfim, de todos aqueles que almejam uma sociedade reflexiva e crítica que contribua para o desenvolvimento do País.

A escola tem papel primordial na concretização desse objetivo, principalmente a educação dos anos iniciais. Isso envolve uma série de questões como, por exemplo, as políticas públicas que viabilizam investimentos em infraestrutura, como também no que tange a formação de profissionais competentes para atuar com métodos pedagógicos contemporâneos, que proporcionem aos alunos criticidade e reflexividade e não apenas replicabilidade dos conteúdos ensinados. Além disso, a ética e o senso de comprometimento no intuito de contribuir para tornar a sociedade mais tolerante e democrática, em que as liberdades individuais e os direitos dos cidadãos sejam respeitados e incentivados.

Dessa maneira, destaca-se que “A formação e a atuação profissional são imbricadas e, portanto, exigem projetos pedagógicos alinhados às demandas sociais que de fato atendam as expectativas da sociedade ou de segmentos específicos” (Santos, 2010, p.59).





2 RELAÇÕES ENTRE FORMAÇÃO E ATUAÇÃO

A formação profissional no âmbito do ensino superior é essencial para propiciar a aprendizagem básica necessária para qualquer profissional atuar no mundo do trabalho.

A formação em Biblioteconomia requer uma atenção especial, visto que as transformações provocadas pelos avanços das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) são constantes, exigindo dos educadores a atualização dos conteúdos formadores aplicados às práticas profissionais.

A IFLA (2022) publicou um relatório atualizado das tendências que de alguma maneira podem influenciar o futuro das bibliotecas, destacando 11 (onze) recomendações:

1. Precisamos ver as bibliotecas como atores em uma ampla variedade de áreas políticas.
2. Devemos ser mais abertos sobre onde e como nos envolvemos em *advocacy*², tornando nossa uma ampla variedade de questões.

2 *Advocacy* é uma prática ativa de cidadania. Tal iniciativa se caracteriza pela argumentação e defesa de causas e direitos, podendo influenciar a criação de políticas públicas efetivas, que tragam benefícios aos temas debatidos. O termo é inglês, derivado do verbo *to advocate* (advogar), mas tem origem no Latim *advocare*, cujo significado está associado à realidade da atividade e corresponde ao verbo ajudar. Pessoas físicas e inúmeras organizações validam essa prática, a partir de um nicho específico com os quais se identificam e passam a trabalhar a favor. Disponível em: <https://www.childfundbrasil.org.br/blog/advocacy-voce-sabe-o-significa>. Acesso em: 19 abr. 2023.





3. Devemos intensificar e melhorar nossa própria *advocacy*.
4. Precisamos adotar uma definição ampla do nosso campo e garantir que fazer parte dele seja sinônimo de ação.
5. Devemos entender a divulgação como a chave para alcançar nossas missões.
6. Precisamos ter um senso de agência diante do futuro.
7. Precisamos adotar e compartilhar a inovação.
8. Precisamos nos ver como uma parte central da infraestrutura educacional.
9. Precisamos apoiar os líderes emergentes como um dos pilares da sustentabilidade, ao mesmo tempo em que vemos que todos temos potencial para desenvolver.
10. Devemos tornar a conexão com outras pessoas em nosso campo parte integrante da nossa prática.
11. Devemos investir seriamente em nossas conexões com parceiros e apoiadores (IFLA, 2022, p.8, tradução livre).





No que tange a formação profissional em relação a primeira recomendação, é necessário que as matrizes curriculares contemplem conteúdos formadores relacionados às políticas de informação, de modo que os estudantes desenvolvam competências para a formulação de políticas públicas (legislação, planos de ação e programas) que valorizem a biblioteca, a leitura e o livro em seus distintos suportes.

A participação efetiva do bibliotecário nas decisões dos gestores públicos no contexto em que está inserido é fundamental. Para tanto, os currículos devem contemplar conteúdos que propiciem competências e habilidades para o estudante saber argumentar e influenciar tomadores de decisão, envolvendo diferentes atores da sociedade por meio da conscientização e do engajamento, com o objetivo de manter ou promover a mudança de uma política pública de interesse amplo.

Além disso, a formação em Biblioteconomia necessita desenvolver competências, habilidades e atitudes que propiciem ao estudante saber argumentar e defender as causas biblioteconômicas, influenciando na criação de políticas efetivas que empoderem a sociedade em relação à informação e ao conhecimento.

Os bibliotecários devem ter uma atitude proativa e se envolverem com as questões relacionadas a informação, conhecimento, leitura etc. no contexto em que atuam. Nessa perspectiva, a formação deve contemplar conteúdos que capacitem o estudante a compreender o campo em sua complexidade, isto é, entender o campo de modo amplo e não fragmentado.





No que tange a quinta recomendação, a formação em Biblioteconomia deve oferecer conteúdos formadores que contemplem a comunicação, o marketing, o *design* e as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) como elementos essenciais para que a sociedade conheça de fato o potencial da biblioteca, bem como perceba o que este tipo de instituição cultural representa para o desenvolvimento local.

Quanto a sexta recomendação, a formação em Biblioteconomia deve propiciar conteúdos voltados ao planejamento de ações intencionais, visto que é essencial que os profissionais que atuam em redes, sistemas e unidades de informação desenvolvam o senso de agência que, por sua vez, se caracteriza por gerar efeitos na sociedade através das próprias ações.

O campo da Biblioteconomia é afetado constantemente pelas TIC, visto que o desenvolvimento das tecnologias são uma constante. No âmbito da formação é fundamental que a matriz curricular contemple conteúdos formadores que capacitem os estudantes a inovarem. Nessa perspectiva, o estudante deve desenvolver competências, habilidades e atitudes voltadas a aprendizagem ao longo da vida, ou seja, abertos ao novo e ao desconhecido. Além disso, aprender a compartilhar as descobertas e atuar em redes colaborativas e/ou de cooperação, de modo a contribuir para o avanço da área.

Em relação a oitava recomendação, a formação do bibliotecário deve fortalecer os conteúdos relacionados a atuação





em redes, sistemas e unidades de informação vinculadas às instituições de ensino, nos âmbitos do ensino fundamental, médio ou superior. A biblioteca precisa ser reconhecida como parte central da estrutura educacional e o bibliotecário deve participar das decisões pedagógicas, criando espaços de aprendizagem, defendendo políticas educacionais que valorizem a alfabetização nos mais diferentes níveis.

A formação profissional deve contemplar conteúdos que desenvolvam competências, habilidades e atitudes voltadas à liderança e ao protagonismo. Além disso, ressaltar que no âmbito da atuação profissional, apoiar as lideranças existentes é uma maneira de fortalecer e consolidar o campo.

O bibliotecário deve participar ativamente das associações de classe e dos organismos vinculados à área de Biblioteconomia, de modo a usufruir e contribuir com as interações, trocas, compartilhamentos de experiências e de boas práticas. Nessa perspectiva, os currículos devem contemplar conteúdos formadores que estimulem o estudante a participar ativamente, e a formar redes de contatos que possam ser duradouras e sustentáveis ao longo de sua atuação profissional.

A última recomendação que se refere ao bibliotecário investir em conexões com parceiros e apoiadores, destaca-se que a formação profissional pode incluir conteúdos que reforcem o trabalho colaborativo, a construção de comunidades que valorizem e apoiem as atividades desenvolvidas pela biblioteca.





A formação deve ser dinâmica e, para tanto, a matriz curricular dos cursos de Biblioteconomia precisam ser flexíveis e adaptativos, respondendo rapidamente as demandas da sociedade. Se por uma lado não é uma tarefa fácil, por outro lado é uma tarefa imprescindível.

3 ATUAÇÃO PROFISSIONAL: PERSPECTIVAS

O mercado de trabalho está condicionado as alterações provocadas pelas (r)evoluções sociais, políticas e econômicas, ou seja, fatores como a mundialização do capital, introdução de tecnologias digitais nos processos de trabalho, diversificadas formas organizacionais, reestruturação produtiva, entre outras. O resultado dessas transformações podem fazer com que as profissões sejam modificadas, reconfiguradas e, até mesmo, extintas.

Souza (2000) utiliza-se do cenário da política, da educação e da economia brasileira como marcos essenciais sobre o entendimento da Biblioteconomia no contexto nacional no Século XX. Este autor sustenta que no âmbito da Biblioteconomia

[...] seus momentos de (re)escritura e inovação dos conhecimentos têm relação muito aproximada com os momentos históricos em que o País deu saltos tecnológicos pela assimilação de novas formas de produção industrial, de intermediação comercial, de fornecimento de serviços financeiros, de comunicação impressa, de telecomunicação





ou novos processos de gestão política ou econômica da riqueza pública e privada. (Souza, 2009, p.19)

Assim, percebe-se o papel, ou melhor, a relação que a economia e a educação podem exercer sobre o (re)desenho do perfil profissional. Por um lado, o desenvolvimento econômico gera emprego e renda, além do que o excedente de riqueza possibilita a criação e manutenção de espaços dedicados as manifestações e fruição cultural, como no caso das bibliotecas. Se por um lado isso parece ser positivo, por outro o País atingiu nos últimos anos índices alarmantes de desemprego (estrutural e conjuntural) em todas as regiões brasileiras, tanto na iniciativa privada quanto pública.

Além desse fator, deve-se considerar que em uma sociedade baseada no consumo de informação, por meio dos diversos aparatos tecnológicos e

[...] a quantidade e os perfis dos usuários crescem exponencialmente, exigindo um perfil profissional do bibliotecário cada vez mais multivalente, atualizado com questões políticas, sociais, econômicas e tecnológicas [...]. O bibliotecário do século XXI, um indivíduo pertencente à era da informação digital, deve, por exemplo, dominar as redes digitais sociais e se tornar aquele profissional da informação que conhece e entende das mídias sociais digitais e que atua como curador digital, educador, filtro,





conector, facilitador, experimentador, guia e norteador (Gottschalg-Duque; Santos, 2018, p.55).

Outro aspecto que merece destaque à discussão encontra-se que no decorrer do processo histórico pelo qual as bibliotecas foram submetidas ao longo de décadas – laicização, democratização, especialização e socialização (Martins, 2001), provocaram em cada etapa desse processo transformações no suporte da informação e nas expectativas da sociedade em relação ao tratamento, disseminação e uso da informação, bem como no papel e no fazer profissional. Isso nos leva a crer que se altera o suporte, mas não se extingue o objeto de trabalho e suas inter-relações com os métodos, técnicas, como também a representação, mediação e a gestão da informação e do conhecimento em espaços, não somente tradicionais, mas multirreferenciais de informação.

Dessa maneira, pode possibilitar a atuação dos profissionais frente as alterações no mercado profissional advindas pela inter-relação entre as tecnologias digitais de informação e comunicação, inovação (processos, produtos, serviços), estruturas de trabalho e as relações profissionais (reformas trabalhistas - flexibilização, terceirização, entre outras).

Hayes, Henry e Shaw (2021) realizaram uma pesquisa com aproximadamente quatro mil bibliotecários e usuários de bibliotecas. Segundo estes autores, três descobertas são particularmente impressionantes:





A primeira se refere a uma lacuna de conhecimento oriunda: dos clientes em relação ao suporte biblioteconômico disponível para eles; dos bibliotecários no que tange às necessidades emergentes de seus usuários e das novas ou aprimoradas áreas de prestação de serviços. Segundo Hayes, Henry e Shaw (2021), essa lacuna de conhecimento pode contribuir para a diminuição da centralidade do bibliotecário na experiência do usuário.

A segunda está relacionada ao fluxo de descoberta do usuário que, em geral, se inicia fora da biblioteca. No entanto, conforme Hayes, Henry e Shaw (2021) o uso subsequente da biblioteca pelo usuário, valoriza os serviços, recursos e espaços da biblioteca.

A terceira está relacionada a afinidade que os usuários possuem com os bibliotecários. Ao contrário do que muitas vezes se imagina (de que os usuários só querem ser deixados em paz), na pesquisa realizada por Hayes, Henry e Shaw (2021), 88% dos usuários pesquisados instalariam um aplicativo da biblioteca que frequentam de modo a usufruírem dos serviços, recursos ou conhecimentos disponibilizados quando necessário.

Hayes, Henry e Shaw (2021, p.63) identificaram as funções exercidas pelos bibliotecários participantes da pesquisa: referência (40%); conexão acadêmica (37%); instrução (35%); desenvolvimento de coleções (33%); competência em informação (33%); recursos eletrônicos (29%); serviços de acesso (21%); aquisição (20%); direção ou chefia (20%); sistemas de informação (17%); catalogação (17%); serviços técnicos (16%);





circulação (15%); seleção (12%); coleções especiais (10%); não informaram (2%).

Gwyer (s.d.) apresenta dez dicas para o bibliotecário se preparar para o futuro: 1. ser capaz de gerenciar mudanças; 2. provar o valor da biblioteca para a organização, evidenciando o retorno sobre o investimento; 3. ser capaz de influenciar e negociar no contexto organizacional; 4. ser criativo e inovador; 5. desenvolver serviços de comunicação acadêmica: acesso aberto, Altmetria, compartilhamento de dados, humanidades digitais, mineração de texto/dados, uso das mídias sociais para divulgar e financiar pesquisas; 6. desenvolver a competência midiática nos usuários; 7. aplicar o marketing, maximizando o acesso a conteúdos e serviços digitais e impressos; 8. gerenciar informações: direitos, curadoria, preservação, comunicação e disseminação; 9. criar novos espaços físicos e virtuais para os serviços e produtos ofertados e para apoiar o ensino-aprendizagem; 10. atuar de modo colaborativo e/ou cooperativo.

Inamdar (2022) explora o impacto das tecnologias emergentes nas bibliotecas, destacando:

1. Tecnologias assistivas: visando tornar as coleções e serviços mais inclusivos e acessíveis a todos os usuários;

2. Inteligência Artificial (IA): objetivando melhorar a experiência do usuário, bem como auxiliar na gestão de coleções, analisando padrões de uso;





3. *Big data*: auxiliando na identificação de tendências e padrões de comportamento do usuário, otimizando as coleções e desenvolvendo estratégias de marketing e divulgação mais eficazes;

4. *Blockchain*: visando garantir a segurança e privacidade dos dados do usuário;

5. Computação em nuvem: visando auxiliar no armazenamento e gerenciamento de dados, e fornecendo acesso *online* a recursos, serviços e produtos;

6. Tecnologias colaborativas: de modo a estabelecer parcerias com outras instituições, organizações e comunidades no intuito de fornecer e compartilhar recursos, serviços e produtos;

7. Preservação digital: visando preservar e gerenciar objetos digitais, contribuindo assim para a preservação da memória e história;

8. Internet das Coisas (IoT): ajudando a mais bem gerenciar coleções e recursos, bem como fornecendo informações em tempo real aos usuários sobre disponibilidade e localização de materiais;

9. Dispositivos móveis: ajudando a alcançar mais usuários e fornecer serviços e produtos acessíveis.

10. Acesso aberto: proporcionando maior acesso a materiais acadêmicos.

11. Mídias sociais: visando promover serviços, produtos, coleções, ferramentas, bem como comunidades *online* incentivando a colaboração e o compartilhamento de conhecimento.





12. Realidade virtual e aumentada: criando aprendizado imersivo de experiências para os usuários, como visitas virtuais e aprendizado interativo por meio de jogos, bem como criando modelos 3D de objetos raros ou frágeis para que possam ser vistos virtualmente.

A partir desses *insights* evidencia-se que o bibliotecário tem um amplo campo de atuação profissional, cujas perspectivas são diversas e complexas. Cabe a ele capacitar-se para exercer plenamente a profissão e ocupar um lugar de destaque na sociedade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atuação do bibliotecário em diferentes unidades de informação exige uma formação plural, mas é necessário que o profissional perceba que não pode se ater apenas a essa formação básica, ao contrário deve buscar seu aperfeiçoamento constante, e estar voltado a aprendizagem ao longo da vida.

Compreender a importância do aperfeiçoamento contínuo é essencial para os bibliotecários. Embora a formação básica em Biblioteconomia forneça as bases teóricas e práticas necessárias para o exercício profissional, o ambiente informacional está em constante evolução, exigindo que os bibliotecários acompanhem as mudanças e se mantenham atualizados.

A busca pelo aprendizado ao longo da vida é crucial, pois novas tecnologias, modelos, métodos e técnicas de tratamento, organização e gestão da informação surgem e se desenvolvem.





A atualização constante possibilita que os profissionais estejam preparados para enfrentar os desafios do mundo digital e aproveitem as oportunidades.

Destaca-se que os bibliotecários desempenham papel fundamental no apoio à educação e à aprendizagem, devem ser considerados como agentes de transformação e promoção da cultura do aprendizado contínuo. Nessa perspectiva, a participação em cursos, seminários, conferências e *workshops* relacionados à Biblioteconomia e áreas afins, como Tecnologia da Informação, gestão de projetos, marketing digital, entre outras é fundamental.

A formação plural supracitada é essencial, pois a atuação profissional pode ocorrer em diversos contextos, como bibliotecas públicas, escolares, universitárias, especializadas, arquivos, centros de documentação, entre outros. Cada um desses contextos tem suas particularidades e demandas específicas. Sendo assim, os bibliotecários devem buscar conhecimentos, competências e habilidades adicionais para atender às necessidades dos usuários e otimizar os serviços e produtos de informação em cada ambiente.

A atuação do bibliotecário em diferentes unidades de informação exige uma formação plural, mas a busca pelo aperfeiçoamento constante e a aprendizagem ao longo da vida são fundamentais para que se mantenha atualizado, acompanhe as mudanças no campo da informação e seja capaz de oferecer serviços de qualidade em um mundo em constante transformação.





O papel do bibliotecário como facilitador do acesso à informação deve ser efetivo, pois com o avanço tecnológico e a crescente quantidade de informações disponíveis, espera-se que assuma um papel mais ativo. Envolve a criação de sistemas de busca eficientes, a organização e curadoria de recursos digitais, além de fornecer orientação e apoio à pesquisa.

Sem dúvida um papel que deve ser assumido, cada vez mais, pelo bibliotecário se refere a desenvolver a competência em informação e a competência midiática nos usuários. Os bibliotecários podem desempenhar um papel crucial na educação e no treinamento de usuários, ajudando-os a desenvolver habilidades para avaliar, utilizar e compartilhar informações de forma crítica e ética.

No que se refere a gestão de dados e a preservação digital, os bibliotecários assumem um papel importante na gestão e curadoria de dados, incluindo a preservação de informações digitais para as gerações futuras. Envolve desde a implementação de políticas de preservação, a organização de repositórios digitais e a garantia da acessibilidade e integridade dos dados.

À medida que os desafios enfrentados pela sociedade se tornam cada vez mais complexos, espera-se que os bibliotecários trabalhem em colaboração com profissionais de outras áreas, como cientistas, pesquisadores, educadores e profissionais de tecnologia.

No que tange ao contínuo avanço tecnológico, os bibliotecários precisam se atualizar constantemente sobre as





novas tecnologias e tendências, envolvendo a adoção de sistemas de gerenciamento de bibliotecas mais avançados, a exploração de tecnologias emergentes, como inteligência artificial e realidade virtual, e a adaptação às mudanças nas preferências e necessidades dos usuários.

Em suma, embora o papel do bibliotecário possa evoluir no futuro, a necessidade de um profissional capaz de facilitar o acesso à informação, promover a competência em informação e a preservação do conhecimento permanece fundamental.

REFERÊNCIAS

GOTTSCHALG-DUQUE, Cláudio; SANTOS, Jhonathan Divino Ferreira dos. A Concorrência do bibliotecário no Século XXI. *In*: RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (Org.). *Bibliotecário do século XXI: pensando o seu papel na contemporaneidade*. Brasília: IPEA, 2018. 99p.; p.47-66. Disponível em: https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/180406_bibliotecario_do_sec_XXI.pdf. Acesso em: 22 fev. 2023.

GWYER, Roisin. **Ten tips for librarians looking to future-proof their skills**. [s.n.t.]. Disponível em: <https://librarianresources.taylorandfrancis.com/insights/librarian-skills-development/10-skills-librarians-need-future>. Acesso em: 19 abr. 2023.

HAYES, Matthew A.; HENRY, F. A.; SHAW, R. **Librarian futures: Charting librarian patron behaviors and relationships in the networked digital age**. [Online]: Lean Library, 2021. 65p. Disponível em: <https://doi.org/10.4135/wp.20211103>. Acesso em: 19 abr. 2023.





IFLA. **IFLA Trend Report 2022 Update**: A call for radical hope across our field. The Hague, 2022. 40p. Disponível em: <https://trends.ifla.org>. Acesso em: 19 abr. 2023.

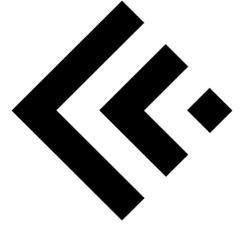
INAMDAR, Sayed Ahmed. The future of libraries: Exploring emerging technologies and their implications for library services and operations. **Journal of Emerging Technologies and Innovative Research (JETIR)**, v.9, n.5, i446-i449, May 2022. Disponível em: <https://www.jetir.org/papers/JETIR2205C63.pdf>. Acesso em: 19 abr.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

SANTOS, Josiel Machado. Bibliotecas no Brasil: um olhar histórico. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**: Nova Série, São Paulo, v.6, n.1, p.50-61, jan./jun. 2010. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/132/168>. Acesso em: 22 fev. 2022.

SOUZA, F. C. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro**: século XX. Florianópolis: EDUFSC, 2009.





CAPÍTULO 2

Um amor chamado Mário de Andrade

Alessandra Atti

1 INTRODUÇÃO

Nunca disse que queria ser bibliotecária, simplesmente fui, ou melhor, sou. Com o passar dos anos, meu amor e dedicação pela profissão que escolhi, no susto, tomou uma proporção que eu jamais imaginei. Cursei biblioteconomia na Universidade Estadual de Londrina (Paraná) entre os anos de 1995 e 1998; no ano seguinte, fui aprovada em um processo seletivo para professor na mesma Universidade, ministrei aulas no curso de graduação por 1 ano.

Em 2001 me mudei para São Paulo (capital), meu plano era cursar mestrado na USP, mas logo no primeiro mês em que eu estava residindo na cidade, fui convidada a participar de uma entrevista para uma vaga de bibliotecária no Centro Universitário da Fundação Educacional Inaciana (FEI), onde atuei por pouco





mais de quatro anos, quando fui contratada, também como bibliotecária, pelo Instituto de Educação Superior Vera Cruz (ISE Vera Cruz).

A cidade de São Paulo me oportunizou grandes encontros e experiências profissionais. Além do trabalho formal, de carteira assinada, podemos assim dizer, atuei com *freelancer* em diversos locais diferentes daqueles que tradicionalmente conhecemos, como: bibliotecas, arquivos, centros de documentação. Minha paixão e dedicação me fez alçar voos que jamais imaginei.

O mais alto dos voos me levou até a Biblioteca Mário de Andrade (BMA), quando em 2005 fui contratada para realizar a catalogação do acervo FAPESP, assim denominado por ter sido adquirido com verba da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). O acervo era composto por 1.800 livros que haviam sido localizados em caixas guardadas há mais de 10 anos. Naquela época a Biblioteca sofria com a falta de computadores, problemas de rede e internet e migração do software de gerenciamento. O trabalho durou mais do que o planejado.

Em 2007, o então diretor da BMA, Luiz Francisco Carvalho Filho, me convidou para um novo projeto, o Projeto Carpeaux. Tratava-se da catalogação do acervo do já falecido crítico e autor Otto Maria Carpeaux, que totalizava 1.500 livros. O trabalho de catalogação em ambos os projetos, FAPESP e Carpeaux, envolvia a busca, localização, indexação, classificação, autoridade e a catalogação descritiva.





No ano de 2008, ainda enquanto estava trabalhando no projeto Carpeaux, recebi a informação sobre o concurso para bibliotecário na Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP). Fiz a prova, fui aprovada e, por sorte, consegui na escolha das vagas, optar pela BMA.

Em 05 de janeiro de 2009 iniciei minha jornada como bibliotecária na Biblioteca Mário de Andrade, a segunda maior e mais importante biblioteca pública no país, e com um acervo de obras raras e especiais que supera muitas bibliotecas importantes no exterior.

Trabalhar na BMA foi a realização de um sonho pessoal e profissional, mas que contou com a participação de pessoas as quais eu não poderia deixar de mencionar: a bibliotecária Célia Francisca Rocha de Oliveira do Prado e o bibliotecário e curador de obras raras Rizio Bruno Sant'Ana. Meu respeito, admiração e agradecimento a ambos.

Daqui em diante seguirei apresentando o trabalho desenvolvido na Mario de Andrade, no decorrer dos quase 8 anos em que fui bibliotecária, na Supervisão de Tratamento da Informação e na Supervisão de Acervo.

2 MANIFESTO DA BIBLIOTECA PÚBLICA IFLA-UNESCO

O Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO está para a biblioteconomia assim como a Constituição Federal está para a nação. O manifesto é a nossa “Carta Magna”. Todos, bibliotecários e





bibliotecárias, atuantes em bibliotecas públicas, têm por obrigação conhecê-lo e segui-lo. Trata-se de um documento basilar para desenvolvimento e gestão das bibliotecas, independente do país onde estejam localizadas, do tamanho, da estrutura ou de seus serviços e produtos.

Segundo o IFLA UNESCO (2023),

[...] a biblioteca pública - porta de acesso local ao conhecimento - fornece as condições básicas para uma aprendizagem contínua, para uma tomada de decisão independente e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais.

As missões da biblioteca pública destacam aspectos centrais de seus serviços e produtos, relacionados à informação, alfabetização, educação, inclusão, participação cívica e cultural. É por meio dessas que as bibliotecas contribuem para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) e para a construção de sociedades mais igualitárias, humanas e sustentáveis (IFLA UNESCO, 2023).

A seguir apresentamos as missões das bibliotecas públicas, segundo a IFLA UNESCO (2023):

1. Proporcionar oportunidades em prol do desenvolvimento criativo individual e estimular a imaginação, criatividade, curiosidade e empatia;





2. Criar e fortalecer os hábitos de leitura nas crianças, desde o nascimento até a idade adulta;
3. Promover, apoiar e participar de atividades e programas de alfabetização para desenvolver habilidades de leitura e escrita, viabilizar o desenvolvimento das habilidades para leitura midiática e alfabetização digital para todas as pessoas em todas as idades, no intuito de promover uma sociedade informada e democrática;
4. Fornecer serviços às suas comunidades de maneira presencial e remota por meio de tecnologias digitais que [permitam] acesso a informações, coleções e programas sempre que possível;
5. Garantir acesso para todas as pessoas ao conhecimento comunitário e oportunidades para a organização comunitária, em reconhecimento ao papel central da biblioteca no tecido social;
6. Promover o acesso das comunidades ao conhecimento científico, como resultados de pesquisas e informações de saúde que possam impactar a vida de seus usuários, além de possibilitar a participação no progresso científico;





7. Fornecer serviços de informação de qualidade às empresas, às associações e aos grupos de interesse locais;
8. Preservar e promover acesso a dados, conhecimentos e tradições locais e indígenas incluindo a tradição oral, proporcionando um ambiente no qual a comunidade possa ter um papel ativo na identificação de materiais a serem coletados, preservados e compartilhados de acordo com os desejos da comunidade;
9. Fomentar o diálogo intercultural e favorecer a diversidade cultural;
10. Promover a preservação e o acesso a expressões culturais e tradições, à apreciação das artes, ao acesso aberto a conhecimento científico, pesquisas e inovações expostas na mídia tradicional ou em materiais digitais ou que venham ser digitalizados.



As bibliotecas públicas são de responsabilidade do Estado, em suas três esferas: municipal, estadual e federal. Devem oferecer produtos e serviços gratuitos que garantam o acesso à cultura e à informação, a alfabetização e a educação.

A organização das bibliotecas municipais, estaduais e federais é garantida pela promoção de redes de bibliotecas com padrões de serviços previamente estabelecidos. São também



consideradas para a criação de redes de bibliotecas outras tipologias que dialogam com as públicas, como as bibliotecas de pesquisa, especializadas, escolares e universitárias.

Para funcionamento e gestão das bibliotecas públicas é preciso que haja uma política clara, com objetivos e prioridades definidas e serviços que estejam relacionados diretamente às necessidades da comunidade a ser atendida. Ainda sobre o atendimento à comunidade, os serviços devem estar fisicamente acessíveis a todos e todas. Os edifícios devem ser bem situados, oferecer boas condições para a leitura e o estudo, acesso à tecnologia adequada e horários convenientes para os frequentadores.

Além disso, é importante que as bibliotecas se ocupem da formação de potenciais utilizadores, além dos que já utilizam, para que todos se beneficiem dos recursos por elas oferecidos. Assim como devem manter-se próximas de parceiros relevantes como grupos de utilizadores e outros profissionais a nível local, regional, nacional e internacional (IFLA UNESCO, 2023).

O bibliotecário, por sua vez, tem um importante papel a desempenhar nas bibliotecas públicas. Ele atua como mediador entre os frequentadores e os produtos/serviços disponíveis. Portanto, a manutenção da formação profissional contínua do bibliotecário é indispensável para assegurar a qualidade do trabalho realizado.





3 O SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS PÚBLICAS

O Sistema Municipal de Bibliotecas (SMB)³ da cidade de São Paulo é formado por 106 bibliotecas, dentre as quais estão 51 bibliotecas públicas distribuídas pelos bairros da capital paulistana. Somam-se a este número 5 bibliotecas centrais de grande importância, não só para a cidade: a Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato – biblioteca de referência nacional na área de literatura infantil e infantojuvenil, a magnífica Biblioteca Mário de Andrade – sobre a qual falaremos mais adiante, e 3 bibliotecas no Centro Cultural São Paulo.

Além dessas, temos a biblioteca do Arquivo Histórico Municipal, a Biblioteca do Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso - Biblioteca Jayme Cortez, a Biblioteca do Centro de Formação Cultural Cidade Tiradentes - Biblioteca Maria Firmina dos Reis - temática de direitos humanos e a Biblioteca do Centro Cultural da Penha - Biblioteca José Paulo Paes. É claro, não poderíamos deixar de mencionar as 46 bibliotecas nos Centros Educacionais Unificados, conhecidos como CEUs.

Abertas ao público em geral, as bibliotecas da cidade de São Paulo recebem, juntas, cerca de quatro milhões de consultas por ano. Os acervos somam mais de cinco milhões de livros, incluindo outros materiais.

As bibliotecas oportunizam aos frequentadores a leitura, a pesquisa, o empréstimo domiciliar, além de oferecer uma

3 Informações extraídas de: SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS (2017).





programação cultural diversificada, realizada em todas as bibliotecas de bairro e em algumas das centrais. São produtos e serviços diferenciados tanto quanto o bairro onde está localizada cada uma das bibliotecas, assim como a população que o compõe.

Além disso, o SMB conta com alguns serviços de extensão: Bosque da Leitura - ambiente cultural alternativo localizado em alguns parques da cidade de São Paulo, que disponibiliza materiais para leitura e consulta local pelos frequentadores dos parques; Pontos de Leitura - espaços criados em locais alternativos, onde não há fácil acesso às bibliotecas públicas, que disponibilizam livros, revistas, gibis, entre outros materiais para consulta e empréstimo domiciliar; Caixa estantes – serviço móvel de leitura e extensão com acervo variado, instalado em associações de bairro, entidades ou empresas; Ônibus-biblioteca – projeto de biblioteca itinerante que leva leitura, cultura, informação e programação cultural aos bairros mais distantes da cidade (SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS, 2017).



4 BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE

Uma das mais importantes bibliotecas de pesquisa do país. Fundada em 1925 como Biblioteca Municipal de São Paulo, é a maior biblioteca pública da cidade e a segunda maior biblioteca pública do país, superada, apenas, pela Biblioteca Nacional.

Sua coleção inicial foi formada por obras que se encontravam em poder da Câmara Municipal de São Paulo.



Em 1937 incorporou a Biblioteca Pública do Estado e outras importantes coleções de livros, entre eles livros raros e especiais.

O edifício localizado na Rua da Consolação, projetado pelo arquiteto francês Jacques Pilon e considerado um marco da arquitetura moderna em São Paulo, foi inaugurado em 1942. A Seção Circulante, acervo da BMA disponível para empréstimo domiciliar, foi inaugurada em 1944. Sua entrada é pela Rua São Luís, local para onde retornou em 2010 quando de sua reabertura ao público, após ter ocupado outros prédios públicos da cidade (Biblioteca Mário de Andrade, 2022).

Em 1945 foi inaugurada a Seção de Obras Raras e especiais, criada por Rubens Borba de Moraes. Dentre suas principais coleções está a Biblioteca de Félix Pacheco, escritor, Senador e Ministro das Relações Exteriores, que reúne a maior coleção privada de obras raras e de Brasileira do país. Outras valiosas bibliotecas fazem parte do acervo, como a de Batista Pereira, advogado, genro de Rui Barbosa; a de Paulo Prado, escritor, organizador da Semana de Arte Moderna; a Biblioteca de Pirajá da Silva, médico, pesquisador da esquistossomose. Inclui ainda outras coleções importantes, como as bibliotecas particulares de Otto Maria Carpeaux, Francisco Carvalho Franco, José Pereira Matos, Antonio de Paula Souza, Alceu Maynard de Araújo, José Perez e Paulo Duarte, além de demais obras doadas por instituições ou particulares (Biblioteca Mário de Andrade, 2022).

Em 25 de janeiro de 1945 foi inaugurada a Seção de Artes, que reúne uma coleção especializada de livros, revistas e reproduções de artes.





Em 2005 a BMA adquiriu o status de Departamento, o que significou maior autonomia administrativa, mas somente em 2009, quando foi aprovada sua reestruturação administrativa, lhe foram conferidas as condições necessárias para o cumprimento adequado de sua dupla missão: preservação e acesso.

Entre os anos de 2008 e 2010, a Biblioteca esteve fechada para reforma. O edifício foi reformado, móveis foram restaurados, acervos foram desinfestados, higienizados e receberam uma nova reorganização física.

Em 2010, embora a reforma do edifício não tivesse sido concluída, a Biblioteca Circulante foi reaberta ao público, que pôde usufruir de um espaço agradável para permanência, pesquisa, leitura, convívio e atividades. O acervo contava, àquela época, com mais de 42 mil volumes atualizados e informatizados e um amplo horário de atendimento.

No ano seguinte foi a vez de reinaugurar o prédio principal da BMA. As demais áreas do edifício foram abertas ao público, assim como as áreas de consulta das coleções fixas – Artes, Coleção Geral, Mapoteca e Obras Raras e Especiais – bem como o Auditório.

Com a reforma da BMA e a reorganização de seu acervo, foi necessário um novo edifício para abrigar as coleções de jornais e revistas. Assim, em dezembro de 2012 a Biblioteca inaugurou um prédio na rua ao lado para abrigar a Hemeroteca. Além de preservar e disponibilizar a consulta às principais coleções de





jornais e revistas do país, atende tanto o público interessado na leitura e consulta diária de jornais e revistas quanto estudiosos, pesquisadores, artistas e intelectuais.

5 MINHA HISTÓRIA COM A MÁRIO É MAIS OU MENOS ASSIM...

Logo quando ingressei na BMA, no ano de 2009, foi nomeada como Diretora da Biblioteca a Bibliotecária e Professora da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA USP) Maria Cristina Barbosa de Almeida. O então Secretário da Cultura, Carlos Augusto Calil, atribuiu a ela a missão de comandar a organização da Biblioteca, que estava em vias de ser reinaugurada.

A bibliotecária e professora, com sua experiência acadêmica em planejamento de bibliotecas e serviços de informação, brilhantemente conduziu a equipe de bibliotecários e outros profissionais que compunham o quadro de funcionários, que juntos realizaram todas as atividades necessárias para as três grandes reaberturas da BMA: em 2010 – a Biblioteca Circulante, em 2011 – demais áreas da Biblioteca e em 2012 – a Hemeroteca.

Os desafios eram muitos, a Biblioteca sofria com a falta de profissionais, principalmente de bibliotecários, mas que foi suprida com a chegada de 11 novos bibliotecários que haviam sido nomeados no concurso público, dentre os quais estava eu.

Logo nos primeiros meses de gestão da diretora Maria Cristina fui convidada por ela para assumir a Supervisão de Tratamento da Informação, responsável pela indexação,





classificação, representação descritiva e preparo físico dos materiais que compunham os mais diversos acervos da BMA. Permaneci nessa supervisão por aproximadamente 5 anos.

Durante este período, além das atividades comuns de processamento técnico, a Supervisão de Tratamento da Informação desenvolveu inúmeros projetos dos quais cito:

1. tratamento técnico da Coleção Sala São Paulo;
2. tratamento técnico da Coleção de Referência da Sala de Artes;
3. tratamento técnico da Coleção *Window of Shanghai*;
4. desenvolvimento do Banco de Dados de Periódicos e Obras Raras e Especiais;
5. tratamento técnico de parte do acervo de publicações periódicas, incluindo jornais;
6. tratamento técnico de obras raras e especiais;
7. continuidade da catalogação retrospectiva da Coleção Geral;
8. elaboração de manuais de catalogação de livros, publicações periódicas e filmes cinematográficos.



Destaca-se que todas as atividades técnicas, desde sempre, foram desenvolvidas de acordo com os padrões internacionais. Para indexação é utilizado o *Library of Congress Subject Headings*, para a classificação a 21ª edição da *Dewey Decimal Classification*



(CDD 21), o *Anglo American Cataloging Rules, 2nd ed (AACR-2)* e o formato *Machine Readable Cataloguing (MARC21)*.

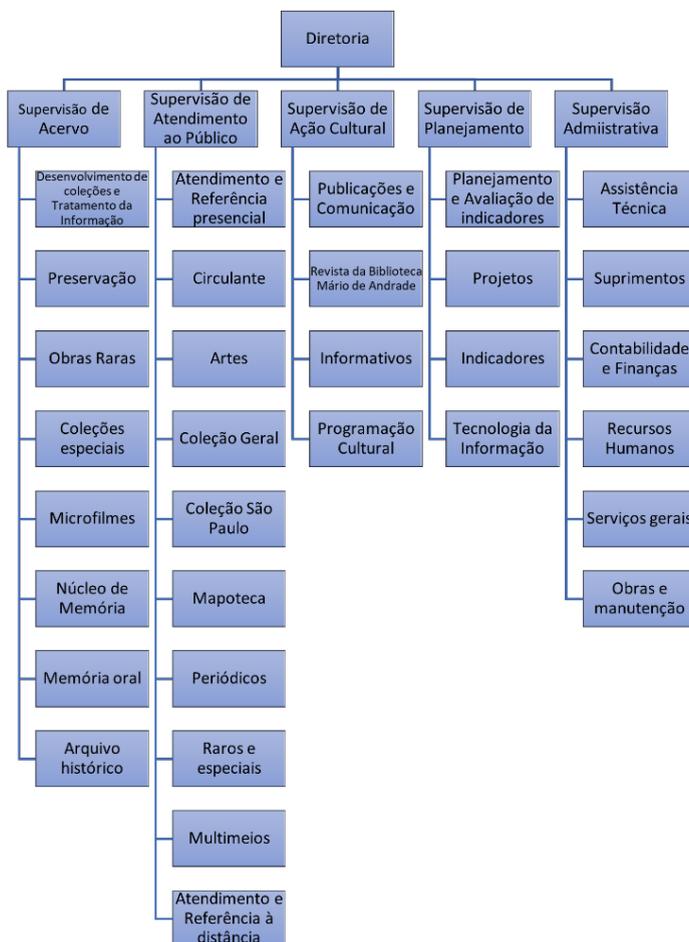
Em 2013, com a mudança no governo municipal, o filósofo, docente e pesquisador do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo Luiz Armando Bagolin assume a diretoria da BMA, e alguns meses depois, fui convidada por ele para ocupar o cargo de supervisora de acervo.

Como pode-se observar na imagem a seguir, em que é apresentada a estrutura administrativa da BMA, a Supervisão de Acervo responde por oito supervisões, entre elas a Supervisão de Desenvolvimento de Coleções e Tratamento da Informação, que até então eram duas supervisões distintas, das quais eu coordenava a segunda. A junção das supervisões foi uma proposta por mim apresentada e aceita pelo Diretor Luiz Armando.





Figura 1: Estrutura da Biblioteca Mário de Andrade⁴



Fonte: Elaboração própria a partir de Biblioteca Mário de Andrade (2019).

4 A estrutura administrativa da BMA foi definida pelo Decreto n. 58.207, em 24 de abril de 2018, porém não há grandes diferenças daquela aprovada em 2009, quando a Biblioteca ganhou o status de Departamento, em 2009.



Como não amar a Mário de Andrade diante de tantos desafios que foram colocados a mim durante a minha passagem por lá? A Supervisão de Acervos representou uma significativa mudança de patamar. A bibliotecária graduada em 1998 pela Universidade Estadual de Londrina jamais imaginou que, após 15 anos de profissão, estaria responsável pela supervisão que responde pelo segundo maior acervo de biblioteca pública do país.

Isso significava que, além do tratamento da informação eu supervisionava todas as atividades e projetos desenvolvidos pelas demais áreas: o desenvolvimento de coleções (compra, permuta, doação e desbaste), a preservação e a conservação de todos os acervos da Biblioteca; o Setor de Obras e Especiais; a Coleção de Microfilmes; o Núcleo de Memória Oral e o Arquivo Histórico.

Foi um grande desafio, maior foi o meu aprendizado. Tive oportunidades que talvez muitos profissionais que hoje estão na BMA possam não estar tendo. Trabalhei com bibliotecários experientes, aprendi e ensinei o que sabia, fui tratada com respeito e empatia por todos.

Entre os anos de 2015 e 2017 fui diretora da Divisão de Desenvolvimento de Coleções e Tratamento da Informação da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas (CSMB), quando retornei para a BMA para uma breve passagem e, desta vez, despedida.

Em 2017 havia assumido a direção da Biblioteca o empresário e fundador da Editora Cosac Naify, Charles Cosac. Meu





retorno às funções de catalogadora - nunca por mim exercida efetivamente na Biblioteca, desde meu ingresso em 2009, acabou despertando no então diretor o interesse em que eu assumisse novamente a Supervisão de Acervo, a mesma que deixei quando fui para a CSMB.

O amor pela Mário sempre falou mais alto em minha vida. Aceitei o convite do Charles e novamente estive à frente de um grande desafio. Era o momento de terminar alguns trabalhos que tinham começados sob a minha supervisão, em 2013 e 2014, além de realizar outros que demandavam urgência.

O término do inventário da Coleção de Obras Raras e Especiais e a continuidade da catalogação da mesma coleção foi motivo de grande orgulho e realização profissional (ATTI, 2019). O setor de preservação e conservação enfrentava problemas com o ar-condicionado das áreas de armazenamento de acervos que pareciam ser insolúveis; havia problema na segurança dos acervos que demandava contrato de manutenção de fechaduras eletrônicas; um depósito com centenas de livros adquiridos por compra e doação para serem catalogados; e para completar a lista de ações emergenciais, por parte da supervisão, era preciso planejar o teste do sistema anti-incêndio no prédio da Hemeroteca e, por último, reelaborar o termo de referência para abertura de processo de licitação para contratação de empresa terceirizada, que realizaria a catalogação retrospectiva da Coleção Geral da Biblioteca.

Foram oito ou dez meses de trabalho intenso e dedicação, mas nem tudo pode ser concluído. Em junho de 2018 deixei a BMA





para trabalhar em uma daquelas 51 bibliotecas públicas de bairro que mencionei anteriormente, a Biblioteca Camila Cerqueira César, que está localizada na região oeste da cidade de São Paulo e na qual desde 2021 estou como gestora.

E a Mário de Andrade?

Ela foi o meu primeiro amor!

6 CONSIDERAÇÕES

Resumir em poucas páginas tudo o que vivenciei nesses 15 anos como bibliotecária na PMSP foi um exercício de memória e de muito sentimento. A trajetória profissional de qualquer um, assim como a minha, será sempre marcada por momentos de felicidade e por momentos não tão felizes.

Enquanto eu escrevia perdi as contas de quantas vezes parei para enxugar as lágrimas que correram no meu rosto ao lembrar do quanto me realizei profissionalmente na BMA, ou então, por lembrar de colegas de trabalho que já se foram, como o meu Mestre Rizio Bruno Sant'Ana.

A BMA foi uma grande escola, daquelas que nos despertam interesse, vontade e paixão, daquelas que promovem grandes encontros entre alunos e professores, que nos instigam a aprender mais para fazer o melhor.

Por fim, eu não poderia deixar de mencionar que o trabalho de catalogação desenvolvido na BMA reacendeu meu desejo de cursar mestrado na ECA USP, mas dessa vez na





área de Catalogação Descritiva. Apresentei minha dissertação em dezembro de 2021, sob o título *Abordagem do processo de ensino de Seymour Lubetzky aplicado à disciplina de Catalogação descritiva*, outro sonho realizado.

Tenho certeza de que todas as minhas escolhas e dedicação para com a minha profissão e instituições onde atuei estiveram muito além do que eu poderia imaginar. Meu dever foi cumprido até aqui, mas sempre estou aguardando pelo que está por vir.

REFERÊNCIAS

ATTI, Alessandra. Notas sobre a catalogação e o inventário de Obras Raras e Especiais. São Paulo, **Revista da Biblioteca Mário de Andrade**, n. 72, 2019, p.14 – 19.

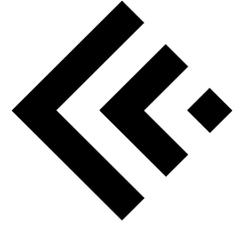
BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE. **Estrutura**. 2019. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/estrutura/index.php?p=7963>. Acesso em: 30 abr. 2023.

BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE. **História da Biblioteca Mário de Andrade**. 2022. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/historico/index.php?p=7653>. Acesso em: 30 abr. 2023.

IFLA UNESCO. **Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022**. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6247>. Acesso em: 30 abr. 2023.

SISTEMA MUNICIPAL DE BIBLIOTECAS. **Quem somos**. 2017. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/smb/index.php?p=1197>. Acesso em: 30 abr. 2023.





CAPITULO 3

Relato de experiência das ações gerenciais e de gestão do conhecimento utilizadas na coordenação do Grupo de Trabalho de Competência em Informação da FEBAB

Camila Araújo dos Santos



1 INTRODUÇÃO

A Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB), sociedade civil sem fins lucrativos, desde sua fundação, possui como missão desenvolver e apoiar projetos na área com o intuito de aprimorar o desenvolvimento profissional e das bibliotecas e contribuir para a criação e o desenvolvimento das atividades das Comissões e dos Grupos de Trabalho (GT) em áreas especializadas de Biblioteconomia e Ciência da Informação (FEBAB, 2015).

Historicamente, a FEBAB iniciou sua trajetória com a Competência em Informação (CoInfo) no Brasil no ano de 2003,



especialmente com os trabalhos da Profa. Dra. Regina Célia Baptista Belluzzo (FEBAB, 2013a). Também possui destaque no campo político com as publicações da Declaração de Maceió sobre a competência em informação (FEBAB, 2011) e do Manifesto de Florianópolis sobre competência em informação e as populações vulneráveis e minorias (2013b).

No ano de 2020, a FEBAB criou o Grupo de Trabalho de Competência em Informação (GT - ColInfo) coordenado pela Dra. Camila Araújo dos Santos.

Este capítulo aborda as ações gerenciais que culminaram na cristalização do Plano de Ação e Estratégias do GT e as técnicas de Gestão do Conhecimento (GC) utilizadas pela Coordenação para a consecução das atividades⁵.



2 GT - COINFO DA FEBAB: OBJETIVO, EIXOS DE TRABALHO E AÇÕES EMPREENDIDAS

O GT - ColInfo da FEBAB foi oficialmente formado e apresentado às comunidades associativa e científica em maio do ano de 2020. Ele foi criado com o objetivo de

5 Agradeço à Adriana Ferrari e ao Jorge do Prado, da Diretoria Executiva da FEBAB, por terem acreditado no potencial e na contribuição do GT - ColInfo para as áreas da Biblioteconomia e da Ciência da Informação do Brasil. O GT - ColInfo é fruto de um trabalho coletivo, integrado e respeitoso e, por isso, agradeço às integrantes que estão desde sua formação: Cristina Marchetti Maia, Gabriela Belmont de Farias, Kelly Rita de Azevedo, Luciane Meire Ribeiro e Marta Leandro da Mata. Também agradeço às pessoas que já integraram o GT em outros períodos e que colaboraram, efetivamente, para a consecução de nossas ações.



[...] dialogar e refletir sobre a competência em informação no cenário emergente empreendendo ações de sensibilização, conscientização e disseminação para a classe bibliotecária brasileira. Visa contribuir com ações e estratégias para a formação e capacitação contínua de profissionais e discentes de Biblioteconomia e Ciência da Informação para que possam atuar com a temática nas instituições e ambientes em que atuam e/ou atuarão como agentes educacionais que buscam construir uma sociedade mais igualitária e justa por meio do uso inteligente, ético e responsável das informações (GT COINFO, 2020, p.9).



Para atingir o objetivo proposto, traçou 6 (seis) eixos de trabalho, a saber: **1)** Fortalecimento das discussões, estudos e práticas acerca da Competência em Informação no cenário nacional; **2)** Elaboração de materiais didáticos feitos pelos membros do GT - ColInfo, com selo FEBAB, sobre a Competência em Informação em sua transversalidade, considerando os diversos ambientes e práticas informacionais; **3)** Formação e aprimoramento profissional com a oferta de cursos, palestras e eventos sobre Competência em Informação abrangendo seus aspectos teóricos e práticos; **4)** Mapeamento da Competência em Informação nas bibliotecas brasileiras por meio da aplicação de pesquisas (uso do questionário como método para compilação e análise dos dados) a partir de ações conjuntas de divulgação



e de colaboração com Associações Bibliotecárias, Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação, grupos locais e as Comissões e Grupos de Trabalho da FEBAB; **5)** Participação dos membros do GT - ColInfo em eventos profissionais e científicos para constituir uma ampla rede de contatos e linhas de ações com profissionais e pesquisadores sobre a temática; e **6)** Constituição de uma rede colaborativa para o compartilhamento de ações, de boas práticas e de pesquisas em ColInfo (GT COINFORM, 2020, p.9).

Ao longo de sua trajetória, o GT - ColInfo tem se dedicado a sensibilizar e a conscientizar profissionais, estudantes e docentes das áreas de Biblioteconomia e Ciência da Informação e demais interessados sobre a importância da ColInfo nas esferas informacionais, educacionais, sociais, midiáticas e políticas. Suas estratégias e ações, de curto, médio e longo prazo, buscam estreitar laços entre os campos científicos e profissionais e contribuir para que a classe bibliotecária possa colocar em curso ações e programas de ColInfo em suas instituições. Para esse propósito, tem ofertado diversas ações⁶, dentre elas destacamos:

1. Leituras recomendadas no site "Ações FEBAB"⁷;
2. Publicação semanal da série "ColInfo Indica": indicação de textos nacionais e internacionais, de acesso aberto,

6 Todas as ações do GT - ColInfo são publicadas em suas redes sociais: Instagram do GT - ColInfo: @gt_coinfo.febab e Página Oficial do GT - ColInfo no Facebook: @GT.ColInfo.febab.

7 Ações do GT - ColInfo da FEBAB. Disponível em: <https://www.acoesfebab.com/competenciainfo>.





em suas redes sociais, sobre as diversas vertentes da temática;

3. Coleção do GT - Colnfo no Repositório da FEBAB⁸ com materiais produzidos e disponíveis para *download* das pessoas convidadas e integrantes do GT;
4. Promoção de *lives* com temas contemporâneos proferidas por convidados(as) nacionais e internacionais disponíveis no Youtube da FEBAB;
5. Participação do GT em eventos nacionais como no V Seminário de Competência em Informação promovido pela UNESP - Marília, UnB e IBICT em 2021; no VII Fórum de Competência em Informação promovido pela Rede Colnfo do Rio de Janeiro em 2021; no 12º Seminário Internacional Biblioteca Viva promovido pela SP - Leituras e SisEB em 2021 e dentre outros; e internacional como no *New Librarianship Symposia "Post-Neutrality Librarianship Symposia"* liderado pelo Prof. David Lankes em 2021⁹;
6. Publicação do Dossiê V Seminário de Competência em Informação, v. 17, n. 2 (2021) na Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (RBBB)¹⁰;



8 Coleção do GT - Colnfo no Repositório da FEBAB: <http://repositorio.febab.org.br/collections/show/51>.

9 Disponível em: <https://scholarcommons.sc.edu/newlibrarianshipsymposia/newlibrarianshipsymposia/post-neutrality/8>.

10 Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/issue/view/95>.



7. Mapeamento das práticas de ColInfo no Brasil lançado em 11 de novembro de 2021¹¹;
8. Parcerias (participação das pessoas integrantes do GT em palestras, oficinas e aulas) com cursos de Biblioteconomia e Pós-Graduação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), da Universidade Federal do Ceará (UFC) e com o Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal de São Carlos (SIBi-UFSCar);
9. Organização do “I Fórum de Debate sobre Competência em Informação”¹² com o tema central “Competência em Informação e Agenda 2030: combate à desinformação e às *fake news* para a promoção de sociedades inclusivas, pacíficas e justas” que ocorreu no âmbito do 29º Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBB) organizado pela FEBAB no ano de 2022. O evento contou com a participação de diversas pessoas pesquisadoras brasileiras da área e de membros internacionais da *Information Literacy Section da International Federation of Library Associations and Institutions* (ILS-IFLA) (Seção de Competência em



11 Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSc8SyZxVcJ-oPtH-Z-8ennR5pZ3zkSkE-k2Sie2nXiM0nQ0tA/viewform>.

12 Disponível em: <https://cbbd2022.ciente.live/home/programacao-site>. Acesso em: 10 abr. 2023.



Informação da Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias) Ning Zou - Chair da ILS-IFLA e Shahajada Masud Anowarul Haque (ILS-IFLA-Bangladesh);

10. Publicação do “Manifesto Político Sobre Competência em Informação - 2022 - Bibliotecário: Profissional Luz” decorrente do Fórum¹³.

Para que o gerenciamento e a consecução de todas essas ações e estratégias fossem efetivadas, além do trabalho integrado, colaborativo, ético, responsável e competente da equipe do GT, ações gerenciais e de GC, por parte da Coordenação, foram e são necessárias para a consolidação do “trilhar” do GT - ColInfo.



3. AÇÕES GERENCIAIS E DE GESTÃO DO CONHECIMENTO (GC) UTILIZADAS NA COORDENAÇÃO DO GT - COINFO DA FEBAB

O plano de ação do GT - ColInfo da FEBAB foi pautado, fundamentalmente, nas funções gerenciais que cerceiam os processos administrativos presentes nas organizações, quais sejam: planejamento, organização, liderança, execução e controle.

13 Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6255>. Acesso em: 11 abr. 2023.



Quadro 1: Principais funções ou processos da administração

PROCESSO OU FUNÇÃO	SIGNIFICADO
PLANEJAMENTO	Processo de definir objetivos, atividades e recursos.
ORGANIZAÇÃO	Processo de definir e dividir o trabalho e os recursos necessários para realizar os objetivos. Implica a atribuição de responsabilidades e autoridade a pessoas e grupos.
LIDERANÇA	Processo de trabalhar com pessoas para assegurar a realização dos objetivos.
EXECUÇÃO	Processo de realização atividades e consumir recursos para atingir os objetivos.
CONTROLE	Processo de assegurar a realização dos objetivos e de identificar a necessidade de modificá-los.



Fonte: Maximiano (2011, p.14).

As funções gerenciais oferecem as condições ideais para atingir as metas organizacionais (ROBBINS; DECENZO; WOLTER, 2014).

O **planejamento** consiste em um processo que busca administrar as relações com o futuro. Nesta função gerencial, define-se o objetivo, o estabelecimento de uma estratégia global para atingi-lo e “[...] o desenvolvimento de uma hierarquia abrangente de planos para integrar e coordenar as atividades” (Robbins; Decenzo; Wolter, 2014, p.9).



Para Chiavenato (2023), o planejamento envolve avaliação da situação atual, processo decisório, definição de objetivos e estabelecimento de planos. Cada etapa influencia as outras e o processo decisório e, nem sempre, são seguidas à risca (Chiavenato, 2023).

Para estruturar o Plano de Ação e Estratégias, o GT - ColInfo pautou-se e alinou-se às diretrizes institucionais para a composição de Comissões e Grupos de Trabalho e à missão e aos objetivos da FEBAB. Tal como se aponta na literatura em Administração (Chiavenato, 2023, 2020; Chiavenato; Arão, 2020; Maximiano, 2011), todo planejamento deve ser esboçado de acordo com a missão, a visão e os valores da organização. No caso do GT - ColInfo, no âmbito da estrutura organizacional, a FEBAB representa o nosso nível estratégico, visto que é constituída pelo(a) presidente e diretores(as) (Diretoria Executiva) e trata de assuntos globais da Federação (Chiavenato, 2023).

A partir desse cenário, o GT - ColInfo se reuniu para desenvolver o Plano de Ação e Estratégias. Na *avaliação da situação atual* (Chiavenato, 2023), tínhamos um cenário desafiador: a dimensão do nosso público-alvo e as práticas de ColInfo no Brasil. Por fazermos parte de um movimento associativo e, também por compreendermos a conjuntura de pesquisas sobre ColInfo no Brasil, o GT *decidiu (processo decisório e definição de objetivos)* focar suas ações (*estabelecimento de planos*) em torno da sensibilização, da conscientização, da promoção e do mapeamento sobre a temática à classe bibliotecária brasileira.





À medida que o Plano se concretizava, definíamos sua **organização**, que se configura em um processo de ordenamento dos recursos em uma estrutura que facilite a realização dos objetivos (Maximiano, 2011).

Após definidos os eixos de trabalho, delimitamos, ao menos, um objetivo principal – o objetivo estratégico – e suas respectivas metas, estratégias, ações e responsáveis para sua consecução.

A fim de obtermos uma visão mais integrada, crítica e holística de nossas ações, todo nosso Plano foi estruturado em uma tabela, dividida por cada eixo e seu(s) respectivo(s) objetivo(s) estratégico(s), metas, ações e responsáveis com o cronograma a ser cumprido. É importante destacar que o Plano foi estruturado conjunta e colaborativamente a partir de reuniões via *Google Meet* e de documento compartilhado no *Google Docs*.

Após organizarmos nosso Plano, perfilamos sua forma de **execução**, que é um processo que consiste em realizar as atividades planejadas por meio da integração e da mobilização dos recursos humanos, materiais e informacionais (Robbins; Decenzo; Wolter, 2014).

No início de cada ano, no mês de fevereiro, temos uma reunião para definir e realinhar o planejamento das ações. A Coordenação, após esta reunião, organiza o calendário e o insere no *Google Agenda* com alerta para os responsáveis.

Todas as ações do GT - ColInfo ficam congregadas em uma pasta no *Google Drive*, que se subdivide por ano e ações/met





específicas com um cronograma para cada uma delas (curto, médio ou longo prazo). Todas as pessoas integrantes têm acesso à edição dos documentos.

Para a consecução dos objetivos, além das reuniões via *Google Meet*, são realizadas chamadas e convocações pelo e-mail institucional e/ou pelo grupo de *WhatsApp* do GT.

A fim de se obter um olhar crítico e holístico acerca do andamento e da realização dos objetivos e das ações, é necessário que se faça um **controle** (Chiavenato, 2023).

Para o monitoramento dos objetivos e das ações, a Coordenação utiliza o cronograma delimitado pelo GT - ColInfo no início de cada ano e que está disponível no Google Agenda. Este controle permite que a coordenadora tenha uma visão sistêmica sobre o andamento das ações, condição que permite avançar ou “recuar” no planejamento. A partir desse olhar sistêmico sobre nossas ações, temos segurança para flexibilizar o andamento e as tomadas de decisões.

No fim de ano, no mês de dezembro, temos uma reunião de balanço que trata das ações que foram e não foram concretizadas. Essa reunião faz o diferencial para atingir a meta institucional do GT, uma vez que é a partir dela que compreendemos crítica, reflexiva e holisticamente, o nosso “trilhar”. É nesse momento que fazemos uma autorreflexão acerca dos caminhos que iremos traçar no ano posterior. É válido destacar também que, a Coordenação envia, anualmente, um relatório para a FEBAB acerca das ações





realizadas, o que fornece um panorama crítico e integrado para o realinhamento das estratégias.

Em consonância com todos os processos administrativos (planejamento, organização, execução e controle) há a **liderança**, que se cristaliza no processo de gestão de pessoas e busca trabalhar com elas a fim de se atingir o(s) objetivo(s) organizacional(s). É um processo complexo, uma vez que envolve “[...] coordenação, direção, motivação, comunicação e participação no trabalho em grupo” (MAXIMIANO, 2011, p.13).

Para dirigir e motivar a equipe do GT - ColInfo, destaco que a Gestão do Conhecimento (GC) foi um processo fundamental para mapear competências e habilidades da equipe e para utilizar o conhecimento tácito como insumo estratégico de consecução das atividades e de tomadas de decisões. A GC consiste no gerenciamento de

[...] um conjunto de estratégias para criar, adquirir, compartilhar e **utilizar ativos de conhecimento a fim de auxiliar na geração de ideias, solução de problemas e tomada de decisões**, trabalhando essencialmente com os fluxos informais de informação (VALENTIM, 2002 *apud* CERVANTES *et al.*, 2010, p.40, grifo nosso).

A utilização da GC, na ação de Coordenação no GT - ColInfo, fez o diferencial para o andamento de nossos fazeres, uma vez que na equipe há pessoas pesquisadoras e bibliotecárias com uma





bagagem de conhecimentos científicos e práticos que, quando integrados e socializados, nos proporcionou um olhar crítico, sensível e estratégico acerca das práticas de ColInfo no Brasil.

No âmbito da Coordenação, foi pertinente utilizar o que Chiavenato (2022) denomina de “Monitoração”: é um banco de talentos que consiste em como saber o que são e o que fazem as pessoas, ou seja, mapear e registrar as competências e as habilidades da equipe.

A Coordenação solicitou às pessoas integrantes do GT que preenchessem um quadro para descrever seus conhecimentos empíricos e científicos sobre ColInfo, assim como suas competências e suas habilidades em diversas esferas como facilidade no uso de tecnologias de informação e comunicação, domínio de línguas, uso de mídias, estratégias de *marketing* e dentre outros. A partir deste banco de talentos, a delegação de responsabilidades se torna mais eficiente e eficaz.

A técnica de GC denominada de *brainstorming* também é constantemente utilizada pela Coordenação do GT para socializar o conhecimento tácito da equipe.

O conhecimento tácito é aquele ligado à cultura e às experiências pessoais que pode ser transmitido pela socialização e pela convivência com outras pessoas (Nonaka; Takeuchi, 1997).

Nas reuniões, a partir da pauta, emprego e adapto a técnica de *brainstorming* que é “[...] utilizada para gerar ideias soltas e criativas que possam resolver problemas da organização” (Chiavenato, 2020, p.151).





Nos momentos que precisamos vislumbrar elementos para compreender cenários, dialogamos e refletimos, respeitosamente, sobre a temática em foco.

À medida que ocorre o debate, as ideias são registradas em um arquivo no *Google Docs* para que, posteriormente, toda a equipe possa ler, refletir e tomar decisão conjunta e colaborativamente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ação de liderança é um desafio constante em qualquer tipo de organização. Para gerenciar as ações de planejamento e de GC do GT- ColInfo, enquanto coordenadora, compreendo que todos nós somos seres inacabados (máxima de Paulo Freire) e que, pela condição de inacabamento, estamos em constante aprendizado.

Por isso, compreendo que o respeito à pluralidade de ideias e o diálogo e a comunicação saudáveis são os “guias” para a criação de um ambiente fluído e harmonioso de relações de trabalho que propiciam um aprendizado significativo e colaborativo para e entre a equipe do GT.

É por meio da competência e do comprometimento da equipe, do ambiente harmonioso de trabalho e do monitoramento de tendências na área de ColInfo, que o GT- ColInfo da FEBAB tem conseguido atingir, com excelência, suas ações e estratégias.





REFERÊNCIAS

CERVANTES, Brígida Maria Nogueira *et al.* **Glossário trilingue de termos em gestão da informação:** subárea inteligência competitiva organizacional. Marília: FUNDEPE Editora; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

CHIAVENATO, Idalberto. **Iniciação à administração.** 4. ed. Barueri: São Paulo, 2023.

CHIAVENATO, Idalberto. **Treinamento e desenvolvimento de recursos humanos:** como incrementar talentos na empresa. 9. ed. Barueri: Atlas, 2022.

CHIAVENATO, Idalberto. **Administração nos novos tempos:** os novos horizontes em Administração. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2020.

CHIAVENATO, Idalberto; ARÃO, Sapiro. **Planejamento estratégico:** da intenção aos resultados. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2020.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES. **Estatuto.** São Paulo: FEBAB, 2015. Disponível em: https://febab.org/wp-content/uploads/2020/12/Estatuto_FEBAB_2015-1.pdf. Acesso em: 11 abr. 2023.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES. **Competência em informação.** São Paulo: FEBAB, 2013a. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4557>. Acesso em: 30 mar. 2023.





FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DE INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES. **Manifesto de Florianópolis sobre competência em informação e as populações vulneráveis e minorias.** 2013b. Disponível em: http://febab.org.br/manifesto_florianopolis_portugues.pdf. Acesso em: 14 abr. 2023.

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS, CIENTISTAS DA INFORMAÇÃO E INSTITUIÇÕES. **Declaração de Maceió sobre a competência em informação.** 2011. Disponível em: http://febab.org.br/declaracao_maceio.pdf. Acesso em: 14 abr. 2023.

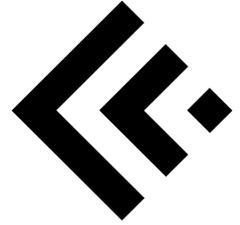
GRUPO DE TRABALHO DE COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO. **Proposta de Plano de Ação e Estratégias apresentado à Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB).** São Paulo: GT - ColInfo - FEBAB, 2020.



MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Introdução à Administração.** 8. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

NONAKA, Ikujiro; TAKEUCHI, Hirotaka. **Criação de conhecimento na empresa:** como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação. 19. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

ROBBINS, Stephen P.; DECENZO, David A.; WOLTER, Robert M. **A nova administração.** São Paulo: Saraiva, 2014.



CAPÍTULO 4

Atuação na Biblioteca do IFSP – Câmpus Birigui: relato de experiência

Daniel Abraão Pando

1 INTRODUÇÃO

O advento da escrita contribuiu para que novas alternativas de armazenagem e transmissão das informações fossem utilizadas deixando de prender os homens apenas à capacidade de seus semelhantes em deter o conhecimento oralmente. Dessa maneira, disponibilizou-se uma maneira corrente e mais próxima aos acontecimentos registrados. A aventura da escrita deu, e dá ao homem, a liberdade de poder registrar sua história deixando para a posteridade seu legado artístico, cultural e moral ao longo dos séculos.

O surgimento e o aperfeiçoamento da imprensa (Século XV) revolucionou por completo a história da escrita e da armazenagem de informações por permitir que um mesmo livro (ou documento) fosse impresso em vários exemplares aumentando o alcance da





obra do autor, proporcionando, assim, meios de proliferação e aumento da capacidade de criação bibliográfica do homem.

Os acontecimentos pós-imprensa proporcionaram constantes aparições de inventos que aperfeiçoaram a disponibilização de informações de forma incontável, vinculadas ao progresso do conhecimento. A respeito dessa temática, Peter Burke (2002) apresenta, não apenas os benefícios da imprensa, mas, numa abordagem menos triunfalista, os desafios e as mudanças por ela impostas. Assim, o autor, partindo do pressuposto de que nas atividades humanas todas as soluções de um problema, cedo ou tarde, geram outro problema, examina algumas das consequências “imprevistas” do invento e seus efeitos colaterais.

Dessa maneira, um dos aspectos analisados diz respeito ao que muitos autores denominam de “explosão da informação”. Nesse sentido, o autor argumenta que a quantidade de informações se alastrou de uma forma e velocidade nunca antes vistas e, em consequência disso,

[...] mais sério ainda era o problema da preservação da informação e, ligado a isso, o da seleção e crítica de livros e autores. Em outras palavras, a nova invenção produziu uma necessidade de novos métodos de gerenciamento da informação (Burke, 2002, p.2).

Entende-se, a partir dessa perspectiva, que esta proliferação de livros agravou uma preocupação que já se delineava desde os





primórdios da aventura da escrita, qual seja, a armazenagem e a recuperação de informações de forma satisfatória. Deste modo, segundo Burke (2002, p.3), “[...] a multiplicação de livros criou imediatamente um problema para um grupo profissional, o dos bibliotecários, embora seja óbvio que eles se tornaram ainda mais indispensáveis”. O referido autor afirma que, embora a existência dos livros tenha facilitado a tarefa de circulação de informações, a dificuldade residia em encontrar o livro certo, o qual traria a informação correta.

Assim, com a constante proliferação de materiais bibliográficos o homem se vê às voltas com questões cruciais em termos de aquisição do conhecimento visto que a produção aumentava de forma exponencial sendo impossível para a capacidade humana armazenar a grande quantidade de material que era disponibilizada, principalmente porque, começam a aparecer novos materiais e suportes mais baratos.

Se de um lado a proliferação de informações contribui para que o conhecimento seja socializado e disponibilizado a uma maior gama de pessoas, podendo estas terem mais oportunidades de acesso e de geração de novos conhecimentos, por outro, ocorre que muita informação nem sempre quer dizer que as pessoas terão acesso a elas. Assim, para que o acesso possa ser efetuado de uma forma eficiente, torna-se indispensável, então, a questão do tratamento da informação como forma de garantir adequada organização dos materiais bibliográficos que fazem parte dos acervos (impressos ou eletrônicos) à espera de serem analisados, tratados e disponibilizados aos usuários.





Nesse contexto, ao longo do tempo as bibliotecas tiveram, e ainda hoje tem, uma importância que não pode ser desconsiderada. Assim, o bibliotecário que por lei é habilitado legalmente para atuar na direção e organização de acervos bibliográficos e por ser um profissional que lida diretamente com as questões relacionados aos processos de criação, organização e disponibilização de informações, a cada dia se torna mais indispensável em um mundo fluído e permeado por novos e constantes desenvolvimentos tecnológicos. Se levarmos em conta o termo “navegação”, que para efeito de metáfora, é muito utilizado para designar o ato daqueles que fazem uso das novas tecnologias, podemos afirmar que as bibliotecas podem ser entendidas como verdadeiras “ilhas” em que, em termos informacionais, os usuários podem utilizar para acessarem conteúdos com qualidade e validade.



Desse modo, se por um lado as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) garantem uma diversidade de suportes e ativos informacionais disponíveis nos mais diferentes formatos (textos, vídeos, imagens dentre outros), por outro, essa grande quantidade de informações requer cada vez mais uma sistematização e uma capacidade de organização que permita uma rápida e eficiente recuperação. E nesse sentido, tanto as bibliotecas quanto os bibliotecários têm um importante papel a cumprir como facilitadores de acesso e orientações para a grande massa documental.

Assim, tendo delineado o contexto de atuação do profissional bibliotecário, uma vez que o propósito nesse capítulo



é apresentar uma trajetória profissional voltada para a atuação em um espaço que cada vez mais se torna de fundamental importância para orientações e disponibilizações de ofertas de possibilidades de acesso aos mais diferentes suportes informacionais, qual seja, a biblioteca, passaremos no próximo momento a especificar a criação da rede federal de educação, responsável pelo surgimento e implantação dos institutos federais de ensino e, dentro de sua estrutura organizacional, o papel das bibliotecas como importantes ferramentas de auxílio as atividades de ensino, pesquisa e extensão, tripé sobre o qual se apoiam as atividades educativas e acadêmicas que são desenvolvidas pelas referidos instâncias educacionais e espaço no qual exerço a minha atuação profissional enquanto bibliotecário.



2 REDE FEDERAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

Em de 23 de setembro de 2022, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica completou 113 anos de existência. Conforme apontam Cordão e Moraes (2017), ela teve início com a criação das primeiras Escolas de Aprendizes Artífices, pelo então presidente da República Nilo Peçanha, em 1909, quando foram criadas dezenove escolas de aprendizes artífices que se tornaram o embrião dos Centros Federais de Educação Profissional e Tecnológica (CEFET). Ainda de acordo com os referidos autores, no início essas escolas foram idealizadas



como instrumento político voltado para os menos favorecidos. “Hoje, a rede federal atua em todo o território nacional e é uma estrutura importante para que todas as pessoas tenham acesso efetivo às conquistas científica e tecnológicas acumuladas pela humanidade” (Cordão; Moraes, 2017, p.91).

Conforme apontam Santos, Gracioso e Amaral (2018), ao longo de sua trajetória, a rede passou por várias nomenclaturas: Patronatos Agrícolas, Liceus Industriais, Escolas Industriais e Técnicas, Escolas Técnicas Federais, Escolas Agrícolas Federais, Escolas Agrotécnicas Federais e Centros de Educação Profissional e Tecnológica. Além das várias nomenclaturas, a rede também passou por várias institucionalidades, marcos legais e objetivos pedagógicos. No entanto, sempre manteve como foco principal de atuação a formação qualificada para o trabalho, a inclusão social, o desenvolvimento humano e a intervenção na sociedade.

Um destes marcos legais se deu através da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008 que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT) e criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia constituindo-se em um marco significativo na ampliação, interiorização e diversificação da oferta de educação profissional e tecnológica no país. Segundo Costa e Marinho (2018), este foi o maior processo ocorrido no âmbito da educação profissional brasileira.

Desde o seu surgimento, a Rede Federal foi reconhecida não apenas pela excelente qualidade do ensino ofertado, mas também pela diversidade de cursos e por ter uma relevante atuação junto à





população e às empresas locais onde suas unidades são instaladas, atuando no sentido de potencializar o que cada região oferece de melhor em termos de trabalho, cultura e lazer.

Integrante do sistema federal de ensino vinculado ao Ministério da Educação, a Rede Federal foi instituída pela reunião de um conjunto de instituições, conforme preconiza a Lei 11.892, a saber:

- I - Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (Institutos Federais);
- II - Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR;
- III - Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca do Rio de Janeiro (CEFET-RJ) e de Minas Gerais (CEFET-MG);
- IV - Escolas Técnicas vinculadas às Universidades Federais; e
- V - Colégio Pedro II.

Ainda em conformidade com a lei que instituiu a referida rede, essas instituições possuem autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didático-pedagógica e disciplinar. No decorrer dos anos, a centenária Rede foi modernizada e está presente em todo o território brasileiro, principalmente em seu interior. Atualmente são 661 *campi* em 578 municípios do País em todas as 27 unidades federadas do país. Mais de um milhão e meio de estudantes frequentam um dos quase 12 mil cursos ofertados desde o nível básico até a pós-graduação. Para isso, a estrutura nacional conta com mais de 80 mil servidores.





O Instituto Federal de São Paulo (IFSP) é o maior da rede, com mais de 50 mil alunos, quase cinco mil servidores e 37 campi espalhados por 34 cidades paulistas, oferecendo cursos de excelência alinhados às demandas do setor produtivo local. Atualmente conta uma expansão em novas unidades, sendo as mais recentes o campus de São José do Rio Preto e para este ano de 2023 está prevista a instalação da unidade de Bauru e já em andamento as tratativas para a instalação do campus de Ribeirão Preto.

No âmbito do Ministério da Educação, compete à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC/MEC) o planejamento e o desenvolvimento da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, incluindo a garantia de adequada disponibilidade orçamentária e financeira.

As instituições da Rede Federal seguem as determinações da Lei nº 12.711 de 2012, com a reserva de 50% das vagas a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, sejam matriculados em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Ainda, metade delas é voltada para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário-mínimo e meio per capita.

Em ambos os casos, também são levados em conta percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas na Unidade Federada, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). São também de responsabilidade das Instituições Federais de





Educação Profissional, Científica e Tecnológica (IF) a implantação de programas de educação de jovens e adultos, conforme previsto no Decreto nº 5.840/2006, de criação do Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade da Educação de Jovens e Adultos (PROEJA). A oferta nessa modalidade pelos Institutos deve alcançar pelo menos 10% do total das vagas de ingresso da instituição. Esta meta do PROEJA contribuiu para o atendimento de um dos objetivos dos IF estabelecidos em sua lei de criação (Lei nº 11.892/2008) de atender ao público da educação de jovens e adultos nesta forma integrada de oferta.

Assim, pelo relato acima exposto, é possível perceber o quão importante são as ações educativas desenvolvidas pelas instituições integrantes da rede federal de educação científica e tecnológica que visa o aperfeiçoamento da capacidade produtiva da região onde estas se instalam e o desenvolvimento acadêmico e científico dos alunos que frequentam seus espaços educativos pautados na tríade: ensino, pesquisa e extensão.

Assim, tendo delineado de maneira bem horizontal o surgimento da rede federal de educação tecnológica, passaremos no próximo tópico a uma abordagem sobre a inserção da biblioteca na estrutura organizacional dos IF e suas peculiaridades.





3 BIBLIOTECAS DOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PECULIARIDADES

Os Institutos Federais são portadoras de características singulares, com estrutura multicampi (organizados em reitoria e campus), contemplam diferentes modalidades de ensino em uma única instituição (podem ofertar desde cursos de qualificação profissional até pós-graduações), estão presentes em várias localidades que não comportam uma universidade federal, dentre outras e, dentro desse contexto organizacional, estão inseridas suas respectivas bibliotecas (Hoffman; Boccato; Santos, 2011; Santos; Gracioso; Amaral, 2018).

Se levarmos em conta que uma das características básicas dos IF é a diversidade de atuação pedagógica e administrativa, podemos inferir que isso interfere significativamente na estrutura e funcionamento de suas bibliotecas visto que elas são parte integrante na estruturação e implantação dos referidos institutos em seus respectivos campis.

As bibliotecas, dentro de seu escopo de atuação, atendem a uma comunidade diversificada de usuários abarcada pelo tripé ensino, pesquisa e extensão. Dessa maneira, “[...] devem prestar assessoria aos processos de ensino-aprendizagem, aos processos investigativos e aos processos extensionistas de cada campus, oferecendo infraestrutura informacional adequada e de boa qualidade” (Ferreira; Cervantes, 2016, p.166).





No entanto, cabe ressaltar que as bibliotecas dos IF ao atenderem um público diversificado e caracterizado pelos diferentes níveis de ensino, acabam por receber uma demanda informacional que, aliada ao compromisso social da instituição, não permite que elas se enquadrem de forma categórica nos conceitos de tipologias de bibliotecas que já estão consolidadas na literatura do campo, a saber: biblioteca escolar, biblioteca universitária, biblioteca pública, biblioteca especializada ou biblioteca comunitária (Santos; Gracioso; Amaral, 2018).

Dada sua atuação, pode-se inferir, de acordo com Hoffman, Boccato e Santos (2011, p.30), que as bibliotecas dos IF congregam uma junção das diferentes tipologias de biblioteca como apontado acima:



Biblioteca universitária: os Institutos Federais podem ofertar cursos superiores em tecnologia, licenciatura e pós-graduação lato sensu e stricto sensu;

Biblioteca escolar: os Institutos Federais podem ofertar cursos técnicos integrados ao ensino médio;

Biblioteca especializada: acervo especializado e suas respectivas áreas de atuação, de acordo com a oferta de cursos.

Assim, quando a Lei nº 11.892/2008 estabeleceu o nível e as modalidades de ensino, a quantidade e a prioridade de vagas



a serem ofertadas, conseqüentemente também estabeleceu o público ao qual as bibliotecas dos Institutos Federais atenderiam. Desse modo, Santos, Gracioso e Amaral (2018) esclarecem que este público pode ser delineado a partir da seguinte estrutura:

1. cursos de nível médio: acarretarão dois tipos de público usuário para a biblioteca: um formado por adolescentes com idade a partir de 14 anos e outro formado por jovens e adultos que, em muitos casos, ficaram anos fora da escola;
2. cursos de formação inicial e continuada de curta duração: conhecidos por cursos FIC acarretarão um público heterogêneo que pode ser destinado a um grupo específico (ex. grupo de auxiliares de biblioteca da rede municipal de ensino) ou aberto à comunidade em geral exigindo apenas o ensino fundamental (ex. um curso de auxiliar administrativo);
3. cursos em nível superior: sobre a oferta de educação em nível superior subentende-se que esta instituição deverá possuir uma biblioteca universitária com a ressalva de que a oferta dos cursos por eixos tecnológicos poderá caracterizar acervos especializados por eixo.



Com base nos desdobramentos dessa singularidade dos Institutos Federais e as especificidades de sua atuação e, considerando-se o percentual de vagas definidas nos artigos 7º



(incisos III e IV) e 8º da Lei 11.892/2008, pode-se inferir que as bibliotecas dos referidos institutos serão: “[...] 50% bibliotecas escolares; no mínimo 20% bibliotecas universitárias e nos demais 30% uma mescla de características de bibliotecas escolares, universitárias, públicas e especializadas” (Santos; Gracioso; Amaral, 2018, p.32).

Ainda de acordo com os referidos autores, outro fator a se considerar quando se analisa as singularidades de atuação dos Institutos Federais, diz respeito à sua regulação, avaliação e supervisão conforme disposto no artigo 2º, inciso 1º da Lei 11.892/2008. Segundo esse artigo e inciso, embora os IF não ofertem somente educação em nível superior, os instrumentos e normativas que regulam o funcionamento desse nível de ensino também serão aplicados em sua estruturação. Desse modo, as suas bibliotecas serão estruturadas e avaliadas com base no SINAES e nos instrumentos de avaliação e reconhecimento de cursos do INEP/MEC (Santos; Gracioso; Amaral, 2018).

Nesse contexto, vislumbra-se um novo conceito tipológico de bibliotecas e da mesma forma um novo perfil de bibliotecário que deverá atuar em diferentes setores da biblioteca e atendendo um público heterogêneo e com necessidades específicas (Ferreira; Cervantes, 2016).

Por essa razão, a literatura do campo vem discutindo essa nova realidade de atuação e configuração das bibliotecas no contexto dos Institutos Federais. De acordo com Franco et.al (2019, p.2) “[...] inseridas em um contexto acadêmico multinível estão as





bibliotecas do IFSP que atendem a uma diversidade de públicos que procuram aprendizado e qualificação para o trabalho desde formação inicial até a pós-graduação”.

Assim, surge uma nova tipologia classificatória para designar as funções e atuação das referidas bibliotecas, qual seja, a biblioteca multinível. Sobre essa perspectiva, Almeida (2015) evidencia a aceitação de tal tipologia ao discorrer que: as bibliotecas da Rede Federal (EPCT) são modelos para um novo tipo de biblioteca, as bibliotecas Multiníveis, que devem atender às necessidades de estudo, consulta e pesquisa de um público diversificado, com necessidades formativas e informativas diferenciadas.

Ressalte-se que essa discussão ainda se encontra de forma incipiente no campo literário e ainda carece de estudos mais aprofundados mas no tocante ao referido relato de experiência, adotaremos essa perspectiva uma vez que a proposta é retratar a atuação profissional do autor no contexto de uma biblioteca vinculada a um dos *campi* do Instituto Federal, qual seja, a Biblioteca do câmpus Birigui.

Desse modo, passaremos no próximo tópico a uma breve caracterização do surgimento dessa unidade no contexto do Instituto Federal e de forma complementar a atuação da biblioteca.





4 INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO – CÂMPUS BIRIGUI

Birigui é uma cidade de porte médio situada no interior do estado de São Paulo. Tem uma ativa e importante indústria calçadista, razão pela qual também é conhecida como a cidade dos calçados.

A história do câmpus do IFSP na cidade de Birigui remete ao ano de 2010 quando teve início o processo de instalação em um Bairro periférico da cidade, o Portal da Pérola II. Trata-se de uma localidade com alto índice de vulnerabilidade social e a implantação do câmpus nessa localidade foi uma estratégia no sentido de potencializar o seu desenvolvimento. Vale ressaltar que com a instalação do câmpus outros empreendimentos começaram a serem desenvolvidos e atualmente o bairro conta com uma infraestrutura completa com linhas de ônibus circular, mercados, farmácias, escolas, posto de combustível além de outras melhorias que estão direta e indiretamente relacionadas a instalação do câmpus.

O Câmpus Birigui é resultado dos esforços da Prefeitura de Birigui e do IFSP, que responderam à Chamada Pública do MEC/SETEC n.º 001/2007 - Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Tecnológica – Fase II. A Portaria MEC nº 116, de 29 de janeiro de 2010, autorizou o funcionamento do Campus Birigui, que iniciou as atividades em 16 de agosto de 2010, na Rua Pedro Cavallo, nº709, no Bairro Portal da Pérola II, em Birigui, a 520 km da capital, em um terreno cedido pela Prefeitura de Birigui.





Com doze anos e meio de funcionamento, o câmpus oferece cursos técnicos de nível médio, concomitantes e subsequentes, nas áreas de Administração e Automação Industrial; cursos técnicos integrados ao ensino médio nas áreas de Administração e Informática, cursos superiores de licenciatura em Matemática e em Física para formação de professores e cursos superiores de Tecnologia em Sistemas para Internet e Tecnologia em Mecatrônica Industrial. Além desses, o câmpus oferta cursos de Formação Inicial Continuada (FIC) para trabalhadores e na modalidade de jovens e adultos, para as primeiras séries do ensino fundamental, realizados por meio de parcerias com as prefeituras de Birigui e de cidades da região como Araçatuba e Penápolis.



5 BIBLIOTECA DO CÂMPUS BIRIGUI: PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Inaugurada em setembro de 2011, a Biblioteca do Câmpus Birigui é estruturada de forma a dar suporte ao ensino, pesquisa e extensão tendo por finalidade disponibilizar recursos informacionais de modo a contribuir na formação de cidadãos leitores e reflexivos.

Alocada em um espaço físico de 135 m², a Biblioteca atende a comunidade interna e externa, disponibilizando um acervo físico que dispõe atualmente de 11.700 obras; 8 computadores com acesso à internet; 6 mesas para estudo em grupo, totalizando



30 assentos e 8 cabines de estudo individual. Em 2022 foram realizados 2.248 empréstimos de obras e 4.602 atendimentos.

Em seu quadro administrativo conta com 2 bibliotecários e 3 auxiliares que atuam 12h por dia de forma ininterrupta no atendimento dos usuários. Disponibiliza o acesso ao acervo através do sistema de gerenciamento Pergamum, possibilita o acesso ao Portal de Periódicos da Capes, a uma biblioteca virtual (Pearson) com acesso 24h por dia e também a plataforma Target Gedweb que permite o acesso a todas as normas emanadas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e também de normas do Mercosul e outras normas internacionais.

A Biblioteca do câmpus Birigui tem como objetivos principais: incentivar o uso da comunidade, interna e externa, por meio de um ambiente agradável e convidativo à prática da leitura e ao estudo, além de propiciar a imaginação, a criatividade e o desenvolvimento cognitivo do estudante; busca também fomentar a inclusão social, digital e informacional de seus usuários pois a Biblioteca é um espaço que a cada dia se torna mais indispensável em um mundo fluído e permeado por novos e constantes desenvolvimentos tecnológicos e pela quantidade de informações produzidas diariamente; reconstruir a imagem e importância das bibliotecas para a sociedade, enquanto espaço de leitura e aprendizado para a formação de cidadãos críticos e conscientes de suas responsabilidades na produção, consumo e divulgação de informações em um momento que tanto se fala em *fake news* e proliferação de incontáveis casos onde a desinformação leva a consequências catastróficas.





Para tanto oferece os seguintes serviços: consulta local ao acervo; empréstimo domiciliar; levantamento bibliográfico; acesso às bases de dados das diversas áreas do conhecimento, por meio do Portal de Periódicos da CAPES; acesso à coleção de normas técnicas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) e da Associação Mercosul de Normalização (AMN); orientação para normalização bibliográfica, de acordo com as normas da ABNT e outras normas que venham a ser solicitadas por áreas específicas; elaboração de fichas catalográficas; acesso a computadores e internet; empréstimo entre bibliotecas; treinamentos de uso das bases de dados, biblioteca virtual, normalização e outros; exposições temáticas; atividades culturais: sarau cultural, hora do conto, encontro com o autor, semana do livro e da biblioteca, feira do livro, concurso book trailer, cinema na biblioteca e outros; oferta de oficinas: normalização, formatação de trabalhos acadêmicos, gerenciadores de referências bibliográficas, escrita criativa dentre outros.



Como se pode perceber, a atuação da Biblioteca do câmpus Birigui está voltada para uma organização e aperfeiçoamento dos diversos instrumentos de ensino e aprendizagem que fazem parte de seu escopo de atuação. Como em outras realidades, a Biblioteca do câmpus Birigui ainda necessita de maiores investimentos estruturais como forma de adequar sua realidade administrativa e educacional aos desafios e demandas de um mundo que constantemente se vê às voltas com novos e gigantes desafios, principalmente os informacionais e o surgimento de novas e complexas tecnologias informacionais.



Apesar de não estar devidamente alocada em um espaço que permita novas ações estratégicas e pedagógicas, o trabalho desenvolvido na Biblioteca do câmpus Birigui busca parcerias com professores e com a direção do câmpus de forma a propiciar constantes aperfeiçoamentos em sua atuação acadêmica.

Como visto anteriormente, talvez um dos maiores desafios profissionais que se enfrenta ao atuar em uma biblioteca dessas características, multinível, seja atender de forma satisfatória a diversidade de público e de necessidades informacionais que são diariamente impostas e levadas para o acervo da biblioteca. A diversidade de público e de objetivos dos cursos é um desafio que deve ser enfrentado com muita criatividade para que a biblioteca consiga atender as demandas de seus diversos tipos de usuários que vão desde jovens em início de estudos até pesquisadores experientes em nível de pós-graduação.

Porém, longe de ser algo que desmotive, isso leva a que, enquanto profissional, estejamos sempre na perspectiva de uma melhora na formação profissional que leve a um constante buscar de novas competências pessoais, e também profissionais, que possibilitem o atendimento com qualidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atuar na Biblioteca do câmpus Birigui é um constante aperfeiçoamento das qualidades e competências pessoais e profissionais dada sua característica de congregar em um único ambiente públicos tão distintos e com necessidades tão heterogêneas.





Imagine acabar de atender um aluno com seus 14 anos, iniciando sua trajetória acadêmica (uma vez que o ensino médio no instituto já é voltado para as práticas de pesquisa) com necessidades tão elementares em termos informacionais e um instante depois atender um experiente pesquisador com necessidades refinadas de pesquisa em bases nacionais e internacionais nos mais diferentes assuntos. Em outros momentos atender comissões de autorização e reconhecimento do MEC, participar como consultor em montagens de projetos pedagógicos e atender demandas de professores e coordenadores de curso com necessidades específicas para os diversos cursos ofertados além de pensar em estratégias de atendimento da comunidade (que embora não possam fazer empréstimos domiciliares, podem frequentar a Biblioteca e consultar seus materiais bibliográficos).



Essa constante disparidade não nos deixa ficar em uma zona de conforto ou assumir uma postura passiva diante das inúmeras e diversificadas necessidades informacionais dos usuários. Desde minha chegada ao câmpus Birigui em janeiro de 2020 foram muitos aprendizados e um constante repensar de práticas e concepções profissionais.

Ao atuar em uma instituição com um histórico centenário de atuação e voltado para o atendimento de necessidades diversas, o bibliotecário deve sempre se reinventar, buscar novas competências, não ter receio ou temor de buscar qualificação e principalmente sempre estar disposto a aprender, a rever seus conceitos. Fazer desse aprendizado uma nova



concepção de atuação profissional e atualizar-se em termos de relacionamentos interpessoais, empatia com o usuário e atender de forma digna e cortes seus clientes informacionais sem dúvida passa a ser uma necessidade real e necessária para um bom desenvolvimento profissional.

Por essa razão, tem sido um constante desafio atuar na Biblioteca do IFSP, câmpus Birigui, um local que apesar de sua falta de estrutura adequada, proporciona condições singulares de aprendizado e o encontro com diversificados públicos com as mais dispares e incomuns necessidades.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. L. S. **A Biblioteca como organização aprendente:** o desenvolvimento de competências em informação no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, 2015. 122 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão nas Organizações Aprendentes) – Faculdade de Filosofia e Ciências “Júlio de Mesquita Filho”, Universidade Federal da Paraíba, 2015.

BRASIL. Decreto nº 5.840, de 13 de julho de 2006. Institui, no âmbito federal, o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos - PROEJA, e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2006/decreto-5840-13-julho-2006-544587-norma-pe.html>. Acesso em: 22 mar. 2023.

BRASIL. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de





ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 30 ago. 2012. Seção 1, p.1. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso em: 22 mar. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Câmpus Birigui. Projeto Político Pedagógico 2015-2019. Birigui: IFSP, 2016. Disponível em: <https://bri.ifsp.edu.br/index.php/pppprojecto-politico-pedagogico>. Acesso em: 05 mar. 2023.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 30 dez. 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11892.htm. Acesso em: 15 mar. 2023.

BURKE, P. Problemas causados por Gutenberg: a explosão da informação na Europa moderna. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.16, n.44, jan./abr. 2002.

CORDÃO, F.A.; MORAES, F. **Educação profissional no Brasil**: síntese histórica e perspectivas. São Paulo: Editora Senac, 2017.

COSTA, P.L.A.; MARINHO, R.J.A. Educação profissional e tecnológica brasileira reinstitucionalizada: uma visão geral dos embates sobre a aprovação dos IFs. In: FRIGOTTO, G. et al. **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia**: relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2018. p.63-82.





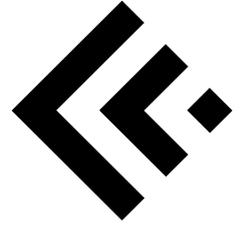
FERREIRA, F.; CERVANTES, B.M.N. Processo de Indexação nas bibliotecas dos Institutos Federais do Paraná-IFPR. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v.14, n.1, p.1164-179, jan./abr. 2016.

FRANCO, A.H.C. et. al. Mapeamento de processos: uma experiência nas bibliotecas do IFSP. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 28. Vitória, 2019. Disponível em:
<http://repositorio.febab.org.br/files/original/24/3289/2324-2341-1-PB.pdf> Acesso em: 25 mar. 2023.

HOFFMANN, W.A.M.; BOCCATO, V.R.C.; SANTOS, C. A.S. O profissional da informação nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: um estudo de percepção. **Revista EDICIC**, v.1, n.3, p.127-142, jul./sep. 2011. Disponível em:
http://200.136.214.89/nit/refbase/arquivos/hoffmann/2011/621_Hoffmann_etal2011.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

SANTOS, M.A.B.; GRACIOSO, L.S.; AMARAL, R.M. As bibliotecas dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia: uma análise da literatura científica. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.14, n.2, p.26-43, maio/ago., 2018.





CAPÍTULO 5

Podcast juntos, tecendo como experiência social e de mediação na Biblioteca Pública Municipal de Cravinhos

Everton da Silva Camillo



1 INTRODUÇÃO

Motiva desenvolver este relato a experiência que eu, bibliotecário e pesquisador do domínio da Ciência da Informação (CI), tive, em 2022, logo que tomei posse no cargo de bibliotecário da Prefeitura Municipal de Cravinhos, cidade do interior paulista. Na ocasião, após assumir a biblioteca pública, notei a ausência de um histórico de atividades culturais que, talvez, pudessem ter ocorrido no espaço anteriormente à minha chegada e que orientaria a mim quanto à continuação de algumas atividades. Tal registro, contudo, inexistia.

Criada em 07 de setembro de 1975, a Biblioteca Pública Municipal Professor Oswaldo Arruda Stein já esteve em diversos pontos centrais da cidade, como relatado por servidores públicos



municipais vinculados às Secretarias Municipais da Educação e da Cultura e Turismo. Hoje, embora pertença oficialmente à Secretaria Municipal de Cultura e Turismo, a biblioteca se localiza anexada ao atual prédio da Secretaria Municipal de Educação de Cravinhos, assentado em uma das principais ruas da região central da cidade. Perto do estabelecimento há instituições financeiras, rodoviária, pontos de ônibus, comércio em geral e outras repartições públicas. Logo, trata-se de uma área urbana em que há intensa circulação de pessoas e pontos de interesse que atraem os munícipes diariamente.

Ter uma biblioteca localizada na região central da cidade, nesses moldes, facilita em grande medida a aproximação dos usuários potenciais e a fidelização de alguns deles como usuários reais da informação. Nesse sentido, sabemos que profissionais da informação, neste caso os da Biblioteconomia, devem atuar de forma ativa, enérgica, criativa e com estratégias plausíveis nas suas unidades de informação para atrair usuários da informação. Entretanto, é válido salientar que de nada adianta haver uma biblioteca, um bibliotecário, dois auxiliares de biblioteca e uma localização predial privilegiada, como é o caso da Biblioteca Pública Municipal de Cravinhos, se não houver propostas culturais que atraiam a população a esse espaço de cultura, informação e conhecimento.

Apesar de não haver registros de atividades culturais desempenhadas pelo profissional de Biblioteconomia anterior a mim, confesso que havia, naquela altura, uma planilha de Excel





que demonstrava a circulação de livros do acervo local referente a um pequeno número mensal de usuários reais cooptados por ele, o que facilitou em grande medida a estruturação de uma ideia que tive e que tem ganhado cada vez mais pujança atualmente: ouvir as impressões dos leitores a respeito das obras que levaram emprestadas da biblioteca – um experimento social. Isso culminou na ideia de construir um *podcast* para a biblioteca pública.

Vale destacar que a minha experiência profissional em uma biblioteca escolar da Rede Municipal de Bibliotecas Escolares da Prefeitura Municipal de Vila Velha, no Espírito Santo, demonstra que é possível inovar neste sentido, já que pude fazê-lo ao longo do ápice da pandemia por Coronavírus no primeiro trimestre de 2021. Em bibliotecas escolares, é natural que os usuários da informação – majoritariamente crianças – estejam no interior da unidade de informação, quer seja no período entre as aulas ou durante o recreio. Porém, percebo hoje que no caso das bibliotecas públicas, sobretudo aquelas que indispõem de recursos físicos, tecnológicos, financeiros, humanos e de informação suficientes, como no caso da unidade de informação de Cravinhos, não há tamanha espontaneidade da população. É certo que em espaços com tais configurações, o profissional de Biblioteconomia é quem deve criar mecanismos para que a biblioteca atraia os usuários, que podem, inclusive, desconhecer a existência de uma unidade de informação no município.

Foi assim que, no âmbito de um esforço para fidelizar usuários potenciais da informação, mas, principalmente,





compartilhar as impressões sobre as obras que os usuários reais leram, tomadas emprestadas da biblioteca, nasceu o *podcast Juntos, tecendo*. O programa compartilha a experiência de leitura dos usuários da Biblioteca Pública Municipal de Cravinhos por meio da condução de uma entrevista rápida, guiada e informal que contribui para tecer as opiniões, visões e expectativas dos munícipes da cidade a respeito das obras que leem. O nome *Juntos, tecendo* produz o sentido de que ao lerem as obras da biblioteca e compartilharem as suas impressões de leitura, os munícipes estarão, juntos, tecendo ou costurando as suas experiências de leitura entrecruzadas com a sua história de vida. Trata-se de um relato oral sobre a leitura desempenhada que pode instigar a curiosidade de outros munícipes para com a obra lida.



Mediante o estabelecimento dessa iniciativa que ainda está em seu estágio inicial, podemos nos deparar com o seguinte questionamento: como se deu a estruturação de um *podcast* no contexto de uma unidade de informação com tão poucos recursos financeiros, tecnológicos, físicos e de informação?

Dessa maneira, o objetivo deste capítulo é contribuir com um relato de experiência no que tange à minha atuação como bibliotecário na Biblioteca Pública Municipal de Cravinhos, evidenciando os esforços na estruturação de um projeto de mediação da informação com foco no fenômeno *podcasting*. Para tanto, como será visto logo a seguir, discorreu-se sobre a mediação da informação em bibliotecas públicas; mais adiante, apresentou-se iniciativas de *podcasting* na CI e, por fim, relatou-se sobre a



construção da experiência social e de mediação na Biblioteca Pública Municipal de Cravinhos mediada por meio de *podcast*.

2 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS PÚBLICAS

No final da Década de 1990, Signates (1998) sinalizou em pesquisa que o tópico mediação conforma um assunto de grande relevância nos estudos da Comunicação. Trata-se de um assunto de investigação que ganhou pujança acadêmica na América Latina devido ao trabalho de Jesús Martín-Barbero intitulado *De los medios a las mediaciones*, publicado em 1987. A sua relevância se deu devido à apresentação, neste estudo, de um programa de produção e recepção da informação dissociado da teoria da informação, cuja base está na matemática.

O que Signates (1998) verificou foi que o conceito de mediação pode se entrecruzar com as vertentes idealista e hegeliana abordadas na Filosofia. No idealismo, a mediação se enreda na narrativa teológica, ou seja, ela é percebida na relação entre as personagens do cristianismo. Neste caso, a herança teológica trata da mediação feita por Cristo entre Deus e o mundo, e, na mesma direção, a mediação feita pelos santos entre os pecadores no mundo e Deus nos céus. A perspectiva hegeliana, contudo, gira em torno dos vínculos dialéticos estabelecidos entre categorias separadas, culminando num movimento de incidências proposicionais. Isso retrata um mover que parte de uma proposição e chega a outra, resultando numa apreensão





final que comunga ambas as apreensões. Essa relação é o que conforma a dialética hegeliana em três momentos, sendo elas a tese, a antítese e a síntese.

Apesar dessa compreensão, é importante destacar que o termo mediação é utilizado nos mais diversos domínios da ciência e essa noção se vincula às bases teóricas das diferentes áreas, sustentando as suas ideias. Na verdade, devido ao fenômeno da mediação existir nos mais variados campos, torna-se dificultoso haver univocidade para tal conceito.

Na CI, por exemplo, Almeida Júnior (2009) relata que, no contexto de projetos de pesquisa que tinham a mediação como objeto de estudo, não havia um conceito específico que respondesse aos questionamentos no âmbito das pesquisas sobre mediação da informação, termo que passou a compor o repertório dos profissionais da informação – neste caso, bibliotecários – intuitivamente. Assim, a partir de Almeida Júnior (2009), pôde-se entender que a mediação da informação carregou consigo a herança de uma não-definição de mediar e mediação, especificamente nas ciências da informação e da comunicação. Tal controvérsia favoreceu, nomeadamente na CI, o surgimento de um conceito para a mediação da informação, visto em Almeida Júnior (2009). Segundo esse pesquisador, a mediação da informação é

[...] toda ação de interferência – realizada pelo profissional da informação –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia





a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional (Almeida Júnior, 2009, p.92).

Porém, em 2015 esse conceito foi atualizado e ampliado. Neste caso, Almeida Júnior (2015) estendeu à noção de mediação da informação a ideia de que isso ocorre na ambiência dos equipamentos informacionais, e que embora o desenvolvimento da mediação da informação satisfaça uma necessidade informacional do usuário da informação, após tal satisfação novos conflitos e necessidades informacionais surgirão, reestabelecendo então o ciclo de mediação nas unidades de informação.

Bibliotecas, museus, arquivos e centros de documentação são unidades de informação. Nesta pesquisa, entretanto, cabe evidenciar as relações da mediação da informação com as bibliotecas públicas exclusivamente, em razão do objetivo deste estudo.

A biblioteca pública, segundo o recente Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022 (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS; UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC, AND CULTURAL ORGANIZATION, 2022) é o centro local de informação, um componente essencial da sociedade do conhecimento, um espaço de acesso público disposto à produção de conhecimentos e partilha de informações e cultura para o engajamento cívico.

Em se tratando da missão da biblioteca pública, os objetivos são diversos, como: o fornecimento de informações sem censura,





que apoiem a educação formal e informal; a proposição de atividades que visem à criatividade humana individual; a criação e fortalecimento de hábitos de leitura nas pessoas; a oferta de serviços e programas à comunidade nas modalidades presencial e remota; o acesso das pessoas aos conhecimentos comunitário e científico acumulado; o fornecimento de serviços de qualidade às empresas, associações e grupos de interesse locais; a preservação das tradições locais e orais dos povos; o desenvolvimento da interculturalidade e da diversidade; a promoção das expressões culturais e tradicionais, bem como da pesquisa, da arte e das inovações; dentre outros fins.

São ações dessa natureza que convidam à baila a mediação da informação para tomar o seu espaço na ambiência das bibliotecas públicas. Isso significa que mediar a informação nesses equipamentos de informação tem como finalidade o alcance das inter-relações com a informação, alfabetização, educação, inclusão e participação cívico-cultural.

Deste modo, a mediação da informação em bibliotecas públicas viabiliza o atingimento da missão desse tipo de unidade de informação em prol da sociedade que corresponda à sua jurisdição, propiciando à população, em correspondência a uma das suas missões, a promoção das inovações tecnológicas oportunizadas pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) na CI, como os *podcasts* – produtos tecnológicos de comunicação em ascensão nesse domínio.





3 FENÔMENO *PODCASTING* NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: INICIATIVAS DE MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

O *podcasting* é um fenômeno que surge como novo processo midiático na Internet, oferecendo formas singulares de interação das pessoas (PRIMO, 2005). O termo se origina da junção das palavras *iPod* – um reproduutor de mídias MP3 desenvolvido pela empresa estadunidense de tecnologia Apple – e *broadcast*, vocábulo que significa transmissão em língua inglesa. Trata-se de uma tecnologia experimentada pela primeira vez em meados de 2004 por Adam Curry, ex *video jockey* – um apresentador com práticas artísticas relacionadas com a performance visual em tempo real – da MTV Americana, e Dave Winer, um programador. O experimento de *podcasting* com a audiência da MTV culminou na maior liberdade do público para acessar conteúdos de interesse via outras plataformas, uma vez que programas de *podcast* entregam uma programação bastante segmentada ao público (JAVORSKI, 2017).

Como Pinto, Guimarães e Oliveira (2022, p.94) entendem, “Podcasts são, em geral, arquivos de áudio armazenados, veiculados e compartilhados em plataformas e ambientes digitais”, sendo que os seus temas são variados. Medeiros (2006) explica que eles podem ir desde programas de notícias e comentários sobre tecnologia e mundo Macintosh, a programas de sermões de padres, guias de turismo, e desabafos feitos por pessoas durante um congestionamento. Javorski (2017) também demonstrou alguns





usos dos *podcasts*. Para a pesquisadora, é comum vê-los aplicados no contexto de educação, como na Educação a Distância (EaD), em cursos de idiomas radiofônicos, e, até mesmo, em celebrações e cultos religiosos, como foi sinalizado por Medeiros (2006).

Outro ponto importante é que não há segredos para se produzir um *podcast*. Pensando uma iniciativa pouco complexa, porém eficaz, podemos tomar como exemplo o uso de ferramentas tecnológicas simples. Primo (2005) esclarece que esse recurso midiático digital pode ser produzido por uma única pessoa com recursos como um microfone ou gravador digital, um computador conectado à Internet e algum servidor na rede para armazenamento de seus programas e uso do recurso RSS (*Really Simple Syndication*), que é “[...] uma peça fundamental no mosaico da chamada web 2.0, promovendo uma circulação de informações de caráter horizontal entre usuários da internet” (Pinto; Guimarães; Oliveira, 2022, p.94).

Entretanto, atualmente há aplicativos para celular voltados à produção de programas de *podcast* com o automático armazenamento e distribuição dos episódios em plataformas de *streaming* de áudio. O Anchor é um exemplo de aplicação desse tipo. Trata-se de uma plataforma gratuita de produção de *podcasts* para os ambientes Android e iOS cuja distribuição dos arquivos de áudio ocorre automaticamente para as plataformas Spotify, Google Podcasts, Pocket Casts e RadioPublic. O Anchor oferece criação, hospedagem ilimitada e distribuição otimizada dos episódios, além de recursos de monetização de conteúdo e





painel de estatísticas para acompanhar a formação da audiência do programa (Anchor, 2023).

Vale destacar que muitas áreas de estudo têm recorrido à produção de *podcasts* para disseminar parte do conhecimento acumulado no campo. As práticas revelam os mais distintos propósitos. Mota e Coutinho (2009), por exemplo, apresentaram as potencialidades do *podcast* no processo de ensino e aprendizagem em educação musical; Oliveira *et al.* (2021) evidenciaram o potencial do *podcast* como ferramenta de educação ambiental na formação inicial em Ciências Biológicas; e Silva e Ferreira (2019), mais especificamente na CI, demonstraram os usos do *podcast* na disseminação de informações étnico-raciais.

Na realidade, a CI tem se valido do fenômeno *podcasting* para compartilhar informações e conhecimento do campo, bem como assuntos que se enovelam ao campo informacional. Tal constatação foi apurada pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB), na pessoa de Sena (2021). Segundo a pesquisadora, cerca de 44 programas de *poscast* em CI foram indicados à FEBAB em enquete conduzida em seu perfil de Instagram em meados do primeiro semestre de 2021, e desse total, 17 foram considerados os mais recomendados.

Os programas recomendados são os seguintes: CImplifica (2019; por Alexandra Feitosa e Elton Nascimento); Infotecários Podcast (2019; por InfoTecários); Plurissaberes (2019; por Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Ceará (UFC)); Além





das Estantes (2020; por AE Produtora); Biblioquê (2020; por graduandos da Universidade Federal do Amazonas (UFAM)); Biblioteco Podcast (2020; por Liga Bibliotecária); Competência em Informação Instrumental (2020; por Thiago Siqueira); Deixa que Eu te Conto (2020; por Adília Araújo, Alice Idália e Lúcia Fidalgo); ECCOA – Arquivologia Fora da Caixa (2020; por estudantes de Arquivologia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)); Falaí, Julieta (2020; por Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Estadual de Feira de Santana (SISBI-UEFS)); Farol: Conexões da Informação (2020; por Centro Acadêmico de Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia (CABAM)); Foca na Info (2020; por ex-alunos da Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FaBCI-FESPSP)); IbictCast (2020; por Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)); The Skillset Podcast (2020; por Richard David Lankes e Nicole Cooke); Biblio do Calmon (2021; por Everton Camillo); Cozinha com Tempero de Ciência (2021; por Patrícia Pedri); E. Liber Cast (2021; por grupo de pesquisa do Instituto Brasileiro de informação em Ciência e Tecnologia (IBICT)) (SENA, 2021).

Esses são exemplos de programas de *podcast* voltados ao compartilhamento de conteúdo digital em CI. Embora exista programas que tenham surgido em meio a pandemia por Coronavírus, sendo a maioria no ano de 2020 e alguns em 2021, nota-se que os primeiros *podcasts* nesse segmento datam, na





verdade, do ano de 2019. Isso pode indicar, assim como no sentido em que Sena (2021) inferiu, que mesmo antes do ápice do evento pandêmico, profissionais da CI têm se reinventado e inovado constantemente em termos práticos com o apoio das TIC.

A seguir, abordaremos como este ímpeto de inovação chegou à Biblioteca Pública Municipal de Cravinhos, com a construção do seu *podcast Juntos, tecendo* ancorado na plataforma Anchor.

4 JUNTOS, TECENDO: A CONSTRUÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA SOCIAL E DE MEDIAÇÃO NA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE CRAVINHOS

Primeiramente, o planejamento do *podcast* levou em consideração a inexistência de serviços inovadores da Biblioteca Pública Municipal e o público mais frequente nesse espaço, que é o adulto. Depois, ponderou-se a necessidade de a biblioteca apresentar um serviço que conduzisse a população à reflexão e à valorização do hábito de leitura.

Inicialmente, imaginou-se que uma experiência fonográfica, com a coleta de áudio referente às entrevistas conduzidas com usuários da biblioteca, poderia resultar na construção de um *blog* cujo objetivo seria valorizar as experiências de leitura dos usuários do município de Cravinhos. Entretanto, compreendeu-se que o fenômeno *podcasting* seria uma possibilidade interessante, além de ser inovadora, para a biblioteca, dado que se trata de uma tendência na CI. Assim, acreditou-se que iniciar um *podcast*





oportunizaria o estabelecimento de uma experiência social de partilha do hábito de leitura cuja significação estaria inscrita num mover de novidade não apenas à Biblioteca Pública Municipal de Cravinhos enquanto instituição, mas também aos seus usuários da informação.

Isto posto, teve-se a ideia de convidar os usuários da biblioteca, no ato da devolução dos livros, a realizar entrevistas semiestruturadas com a finalidade de compreender em que medida as obras lidas significaram algo às suas vidas. Aos usuários que aceitaram ao convite foram aplicadas entrevistas com quatro perguntas que estruturaram o roteiro. Contudo, a cada entrevista conduzida, as quatro perguntas foram mescladas a outras questões referentes ao uso da Biblioteca Pública Municipal e à sua importância para o município de Cravinhos, isso à medida que a entrevista fluía naturalmente com o usuário da biblioteca. Todo o processo ocorria no próprio espaço da biblioteca. Como não houve um padrão de perguntas referente ao uso da biblioteca, registramos aqui as que fundamentalmente compuseram o roteiro da entrevista; elas são as seguintes:



1. O que lhe motivou a escolher esta obra?
2. Você tinha alguma expectativa quando escolheu esta obra para ler?
3. Em algum momento durante a leitura você se viu sendo algum dos personagens da história? Justifique.



4. Há alguma reflexão que você tenha feito durante a leitura e que tenha contribuído para a sua evolução pessoal?

A aplicação dessas perguntas teve como objetivo compreender o grau de clareza que o usuário teve a respeito do quão a obra lida pôde significar à sua vida. Tendo sido gravadas as entrevistas com o consentimento dos entrevistados, o conteúdo fonográfico foi editado. E devido ao conteúdo coletado ter cumprido ao objetivo proposto, era hora de iniciar a estruturação do *podcast* para publicar as entrevistas prontas, já com a edição concluída.

Para estruturar o *podcast*, utilizou-se a aplicação Anchor. Essa plataforma está disponível tanto no ambiente *web*, no *browser*, quanto no aplicativo para os sistemas operacionais Android e iOS. Para a construção do *Juntos, tecendo* optou-se por usar o Anchor instalado num *smartphone* iOS, devido à mobilidade e versatilidade para produzir os episódios.

Por se tratar de uma experiência recente na biblioteca pública de Cravinhos, até o momento há apenas quatro episódios publicados no Anchor, postados semanalmente. No primeiro episódio, o munícipe Enzo Siscaro, de 14 anos, conta a sua experiência de leitura com a obra *O diário de Anne Frank*. No segundo, o munícipe Gustavo Moço, de mesma idade, relatou sobre a sua experiência com a obra *O herói perdido*, de Rick Riordan. Na terceira entrevista, Carlos Silva, de 64 anos, conta a sua experiência tripla de leitura da obra *Sagarana*, de Guimarães Rosa.





Por fim, a munícipe Bianca Aguiar, de 15 anos, conta como foi ler a obra *O escaravelho do diabo*, de Lúcia Machado de Almeida.

Se o leitor se recorda, ao publicar um episódio de *podcast* no Anchor, a distribuição dos arquivos de áudio ocorre automaticamente e direcionando o conteúdo para as plataformas Spotify, Google Podcasts, Pocket Casts e RadioPublic, podendo demorar alguns dias até que o processo seja concluído. Neste caso, frisamos a distribuição ocorrida no Spotify por este ser um serviço de *streaming* de música e *podcasts* muito popular atualmente. A Figura 2, logo em seguida, apresenta a página do programa publicado nessa plataforma.



Figura 2: Podcast *Juntos, tecendo* publicado no Spotify



Fonte: Dados da pesquisa (2023).



Apesar da iniciativa exitosa, um número considerável de usuários da informação, de ambos os sexos e de idades variadas, se mostrou indisposto a participar da experiência do *podcast*, justificando vergonha de ser gravado durante a entrevista ou acanhamento pela sua posterior publicação na Internet. Embora esses usuários tenham manifestado intenção de participar do projeto numa eventual segunda oportunidade, até então não se disponibilizaram para tanto. No geral, percebe-se que os usuários que já participaram da experiência são os mais estão dispostos a, no caso, repeti-la.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas palavras que finalizam este relato poderiam reiniciá-lo ante um segundo olhar, o do empenho profissional para consolidar o fazer bibliotecário, sê-lo verdade na prática profissional cotidiana. Eu destacaria que inovar onde há carência de recursos de toda sorte é sempre um desafio, e neste caso não foi diferente. Porém, o desejo de ofertar serviços “novidosos” à população motivou a persistência para tanto.

O *podcast Juntos, tecendo* nasceu de um desejo de ofertar à população do município de Cravinhos um serviço inovador de informação que lhes causasse curiosidade quanto às obras lidas e comentadas pelos munícipes, cujos depoimentos já estão circulando pela rede. Embora tenha havido pessoas que declinaram ao convite para participar dessa experiência, dentre outros





contratempos, alguns municípios o aceitaram com entusiasmo e curiosidade, pois viram-se impactados por uma possibilidade de contribuir com algo que lhes toca: as suas vidas, suas experiências e significações enredadas nas narrativas literárias.

Assim sendo, só foi possível que o *podcast Juntos, tecendo* nascesse como um projeto em construção mediante o ímpeto de alguns sujeitos da população para colaborar com a construção de um espaço de informação que lhes acolha e represente em sua diversidade e pluralidade: a biblioteca pública. São as vozes desses sujeitos que oportunizam que, juntos, possamos tecer as experiências sociais de leitura literária mediadas por tecnologia no contexto da cidade de Cravinhos no interior paulista.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da (Orgs.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p.9-32.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Pesquisa Brasileira em Ciência Informação e Biblioteconomia**, Brasília, v. 2, n. 1, p.89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277162051_MEDIACAO_DA_INFORMACAO_E_MULTIPLAS_LINGUAGENS. Acesso em: 01 mar. 2023.

ANCHOR. **Features**, 2023. Disponível em: <https://anchor.fm/features>. Acesso em: 12 fev. 2023.



INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS; UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC, AND CULTURAL ORGANIZATION. **Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022**, 2022. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6247>. Acesso em: 01 mar. 2023.

JAVORSKI, Elaine. **Radiojornalismo**: do analógico ao digital. Curitiba: Intersaberes, 2017.

MEDEIROS, Macello Santos de. Podcasting: um antípoda radiofônico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 29., 2006, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: UnB, 2006. p.1-11.

OLIVEIRA, Larissa Belízia Baracho de *et al.* O podcast como ferramenta de educação ambiental na formação inicial em Ciências Biológicas. **Natural Resources**, Aracaju, v. 11, n. 2, p.75-86, mar./jun. 2021. Disponível em: <http://www.sustenere.co/index.php/naturalresources/article/view/CBPC2237-9290.2021.002.0009/2838>. Acesso em: 05 fev. 2023.

PINTO, Felipe Gonçalves; GUIMARÃES, Marcelo Senna; OLIVEIRA, Jonathan Santos de. Pensatório: podcast em pandemia. **Revista de Extensão do Instituto Federal Catarinense**, Blumenau, v. 9, n. 17, jan./jun. 2022. Disponível em: <https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/RevExt/article/view/2176/2543>. Acesso em: 05 fev. 2023.

PRIMO, Alex. Para além da emissão sonora: as interações no podcasting. **Intexto**, Porto Alegre, v. 2, n. 13, p.1-23, jul./dez. 2005. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4210/4466>. Acesso em: 05 fev. 2023.



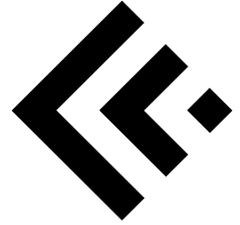


SENA, Priscila. Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições. Fala, FEBAB. **Podcasts da Biblioteconomia e Ciência da Informação**, 2021. Disponível em: <https://febab.org/2021/05/11/podcasts-da-biblioteconomia-e-ciencia-da-informacao>. Acesso em: 12 fev. 2023.

SIGNATES, Luiz. Estudo sobre o conceito de mediação. **Novos olhares**, n. 2, 1998. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/51315>. Acesso em: 01 mar. 2023.

SILVA, Dávila Maria Feitosa da; FERREIRA, Rodolfo Gabriel Santana. O uso do podcast na disseminação de informações étnico-raciais. **Revista Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 5, n. Especial, p.109-117, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/136585>. Acesso em: 06 fev. 2023.





CAPÍTULO 6

Biblioteca da Unesp, Câmpus de Dracena: um espaço multiuso, de aprendizagem e de interação social

Fábio Sampaio Rosas



1 INTRODUÇÃO

Ao longo do desenvolvimento da sociedade humana, as bibliotecas, por serem disseminadoras de informações em todos os tipos de suportes, tornaram-se um ambiente com papel fundamental na formação do indivíduo e, conseqüentemente, na construção das sociedades.

As bibliotecas vêm consolidando seu importante papel não somente nos contextos educacionais e culturais, já tradicionalmente conhecidos, mas também sociais. Passam a ser um ambiente fundamental na construção do conhecimento humano, constituindo um organismo vivo e dinâmico e não estático, “[...]sobrevivendo em meio às complexas mudanças, com vistas a refletir as necessidades almejadas por diferentes e exigentes públicos” (Anna; Maia, 2015, p.272).



Neste aspecto, a biblioteca deixa de ser um mero local de disponibilização de informações registradas e documentadas em suportes físicos para se transformar em um ambiente de interação social, conectado, interativo, colaborativo, de aprendizagem e que contribui diretamente na produção de novos conhecimentos. Torna-se assim, um ambiente multifuncional, não focado exclusivamente no acervo, mas na comunidade que usufrui desse ambiente e no uso que ela faz do seu espaço.

Com essa perspectiva, o presente capítulo é um relato da minha experiência enquanto bibliotecário e supervisor da Seção Técnica de Biblioteca e Documentação da Faculdade de Ciências Agrárias e Tecnológicas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), localizada na cidade de Dracena, na região oeste do estado de São Paulo. Além disso, tem por objetivo apresentar as atividades desenvolvidas nesta biblioteca especializada em Ciências Agrárias que vêm contribuindo no processo de transição e transformação do ambiente de uma biblioteca universitária tradicional para um ambiente de biblioteca universitária multifuncional, com vistas a ampliar sua atuação e se tornar também um centro de aprendizagem e de interação social para a sua comunidade.



2 BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS

Sempre ressalto em minhas palestras, em consonância com a fala de Machado (2000), que a biblioteca é o coração da universidade, uma vez que ela tem o papel de apoiar os principais



atores deste cenário: docentes, discentes, pesquisadores e a comunidade em geral. Sabemos que o coração é o órgão responsável por bombear o sangue e trazer vitalidade para os demais órgãos do corpo humano. De forma análoga, a biblioteca universitária funciona como o coração da universidade, bombeando informações (em diversos suportes) e serviços que perpassam por todas as esferas deste organismo, apoiando sua comunidade na construção de novos conhecimentos, com vistas a melhorar a qualidade de vida da sociedade. Tem, portanto, papel fundamental como contribuidora direta e indireta no tripé que sustenta a universidade: a pesquisa, o ensino e a extensão.

Essa perspectiva potencializa a biblioteca e a torna mais que um local de armazenamento de dados e informações, mas um ambiente social, de construção do conhecimento, que perpassa pela pesquisa produzida por sua comunidade acadêmica, pela aprendizagem dos alunos que a frequentam e pelos serviços sociais que a universidade presta à comunidade externa por meio da extensão. A biblioteca está presente de forma vívida e não estática neste tripé, bombeando sua contribuição de forma científica, cultural e socialmente colaborativa.

Santos, Gomes e Duarte (2014) destacam que a contribuição da biblioteca à produção do conhecimento novo está relacionada aos acervos (físicos e digitais) e aos serviços que são oferecidos à comunidade. Lück (2000) afirma que as bibliotecas contribuem para a formação de competências e são responsáveis por difundir a experiência cultural e científica da sociedade em que atuam,





ratificando a ideia de um ambiente de apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão da universidade (Dias; Pires, 2003; Sousa, 2009).

Por surgirem “[...] como uma instância privilegiada de criação/produção de saberes, formação de competências e de difusão da experiência cultural e científica da sociedade” (Luck, 2000, p.2) as bibliotecas universitárias possuem um caráter múltiplo, universal e diversificado, tornando-se o principal agente da construção sociocultural de um país (Girard; Girard, 2012).

No entanto, nem sempre o olhar para a biblioteca evidenciou seu caráter multiuso, múltiplo, universal e diversificado. A fim de melhor entendermos a evolução do seu conceito, pensemos inicialmente na biblioteca enquanto local físico. Historicamente, notamos que os prédios construídos para abrigarem as bibliotecas eram projetados sob a premissa do crescimento futuro do volume do acervo físico e não necessariamente nas necessidades de aprendizagem e interação social dos indivíduos que a frequentariam. Afinal, os acervos eram majoritariamente impressos, e, portanto, necessitariam de espaço suficientemente adequado para armazenamento. O foco estava no livro e no espaço despendido para a guarda destes. Para isso, os projetos demandavam a aquisição de grandes áreas para construção. Na década de 90, por exemplo, essa visão configurou-se como um problema, pois tal premissa impossibilitava a construção de muitas bibliotecas, haja vista a grande quantidade de metros quadrados que eram exigidos (Fernández-Villavicencio, 2017).





Com o avanço tecnológico, a popularização da internet e o aumento de bases de dados *online*, os acervos digitais passaram a ser uma realidade e a compor os acervos das bibliotecas universitárias, não exigindo assim, uma alta demanda de grandes espaços físicos. Isso permitiu a otimização desses espaços, transformando locais que seriam ocupados por livros, revistas, dissertações e teses em locais de acolhimento dos usuários, oferecendo-lhes serviços em ambientes mais atraentes e acolhedores (Gallo León, 2016).

Nesse contexto de evolução tecnológica, surge a necessidade de novos modelos de aprendizagem nas universidades adequados às demandas da sociedade da informação como os Centros de Recursos para Aprendizagem e Investigação (CREAI), que foram “[...] planejados para atuar como espaços alternativos e dinâmicos para a aprendizagem em um novo modelo educacional proposto pela União Europeia ainda na década de 1990” (Corrêa; Garcia-Quismondo, 2021, p.433). Ascende assim, especialmente com a criação da *Red de Bibliotecas Universitarias* (REBIUN) na Espanha, uma biblioteca universitária como “[...] elemento essencial no novo processo educacional demandado pela sociedade do conhecimento” (Corrêa; Garcia-Quismondo, 2021, p.433).

A biblioteca universitária, agora na perspectiva de um órgão vivo e dinâmico, portanto mutável, impulsionada tanto pelo aumento do número de Universidades quanto pelos avanços científicos e tecnológicos ao longo das décadas, sofre





modificações gradativas em conceito de existência e contribuição para a sociedade, passando a não ser mais vista e entendida como um mero depósito de livros, mas como um local onde o usuário interage não somente com os livros e sim com o ambiente em que está inserido.

A partir desse olhar, o foco da biblioteca passa a não ser mais somente no livro ou no espaço destinado ao armazenamento do acervo, mas as pessoas que frequentam o seu ambiente e por consequência suas necessidades, sejam elas no âmbito da pesquisa, do ensino, da extensão ou até mesmo do lazer, no qual entende-se a biblioteca também como um local de acolhimento e interação social.

Enquanto gestor de uma biblioteca universitária especializada, após a assimilação e absorção deste entendimento, da biblioteca como um espaço multiuso, de aprendizagem e interação social, que apoia a pesquisa, o ensino e a extensão, norteiei as tomadas de decisões para o desenvolvimento do nosso ambiente para este fim.

Palestras, cursos e promoção de editais para aquisição de móveis e equipamentos, organizados pela Coordenadoria Geral de Bibliotecas da Unesp, incentivaram esse novo entendimento em toda a nossa Rede de Bibliotecas e foram fundamentais para o amadurecimento e aplicação desse conceito.





3 BIBLIOTECA DO CÂMPUS DE DRACENA

Carinhosamente apelidada de BDR¹⁴ (sigla para Biblioteca de Dracena), com seu acervo especializado na área de Ciências Agrárias, foi inaugurada em 03 de outubro de 2003. Fui o primeiro bibliotecário e o primeiro servidor técnico-administrativo a compor o quadro de colaboradores da BDR. Na época, assumi o cargo com pouco mais de dois anos de experiência (intensos e produtivos) vivenciados como bibliotecário na Universidade do Oeste Paulista, localizada na cidade de Presidente Prudente (SP), a que agradeço experiência adquirida, essencial para iniciar os trabalhos na BDR e pela qual nutro boas lembranças.

Ao assumir o cargo em 2003, tive a surpresa em descobrir que a biblioteca da Unesp, que agora seria meu novo ambiente de trabalho, era composta de apenas uma mesa e duas cadeiras, nada além disso. Sem acervo, sem estantes, sem computadores, sem ventilador ou ar-condicionado (em uma cidade onde a temperatura no verão costuma alcançar 40° C com facilidade), apenas com três móveis e um bibliotecário com muitos sonhos, projetos em mente e um grande desafio pela frente. Com um pouco mais de um mês do início das atividades, o quadro de colaboradores da BDR aumentou com a chegada da servidora e técnica em biblioteconomia Andreise Fabiana Rosso Martins, que exerceu sua função entre setembro de 2003 e janeiro de 2006.



14 Disponível em: <http://www.dracena.unesp.br/bdr>. Acesso em: 5 abr. 2023.



O nascimento da BDR está atrelado à criação do Câmpus de Dracena¹⁵, que ocorreu por meio de uma reunião Extraordinária do Conselho Universitário da Unesp, em 28 de novembro de 2002, no Campus de Araçatuba (SP), durante a gestão do Prof. Dr. José Carlos Souza Trindade. Naquele momento, o campus foi denominado “Unidade Diferenciada de Dracena”.

A biblioteca instalada provisoriamente num espaço de 80,84m² cedido pela Fundação Dracense de Educação e Cultura do município de Dracena (SP), atendia somente o curso de Bacharelado em Zootecnia, instituído pela Resolução Unesp nº 18, de 10 de abril de 2003, publicada no DOE de 11/04/2003.

Em 20 de Janeiro de 2006, com a inauguração das instalações físicas do novo Câmpus, neste momento denominado “Câmpus Experimental de Dracena”, a biblioteca foi transferida para um local ainda provisório com um espaço físico de 118m².

Após visita às instalações do câmpus em 2011, o então reitor Prof. Dr. Herman Jacobus Cornelis Voorwald, em reunião nas dependências da biblioteca com a minha presença e da coordenação executiva da unidade, Prof. Dr. Mário de Beni Arrigoni (coordenador executivo) e do Prof. Dr. Paulo Alexandre Monteiro de Figueiredo (Vice Coordenador executivo), identificou a necessidade de um prédio que abrigasse a biblioteca com espaço físico mais amplo para melhor atender a comunidade, autorizando assim sua construção. Em 26 de março de 2012, com a

¹⁵ Disponível em: <https://www.dracena.unesp.br/#!/sobre-o-campus/historia>. Acesso em: 5 abr. 2023.





inauguração do novo prédio, a biblioteca passou a contar com um espaço físico de 614m², onde está instalada atualmente (Figura 3).

Em 29 de setembro de 2015, a Unesp de Dracena deixou de ser Câmpus Experimental, tornando-se uma Unidade Universitária, passando ser chamada de Faculdade de Ciências Agrárias e Tecnológicas (FCAT) do Câmpus de Dracena.

Figura 3: Fachada do prédio atual da BDR



Fonte: Elaboração própria (2023).

Atualmente a Biblioteca conta com quadro de servidores composto de um Bibliotecário e uma¹⁶ Assistente de Suporte Acadêmico II (está em andamento atualmente, um concurso para contratação de mais dois servidores para a biblioteca), responsáveis em atender as demandas dos cursos de graduação em Zootecnia e Engenharia Agrônômica, criado em 2013, e no âmbito pós-graduação, o curso de mestrado acadêmico do Programa de Pós-

16 Melanie Isabel Ruivo Jorge



graduação em Ciência e Tecnologia Animal (interunidades com o Câmpus de Ilha Solteira, criado em 2012).

4 RELATOS E AÇÕES

A popularização da Internet, a Web 2.0 e os avanços tecnológicos, principalmente no que tange à informação e à comunicação, contribuiu para a formação, desenvolvimento e disseminação de acervos em formato digital nas bibliotecas (*e-books*, periódicos eletrônicos, repositórios institucionais etc.), facilitando assim a vida dos usuários, pois, por meio do celular, tablet, e/ou computador passaram a ter acesso a esse conteúdo de forma remota, sem a necessidade de estar fisicamente na biblioteca.

A Unesp disponibiliza atualmente acesso a um vasto acervo em formato eletrônico, com variados tipos de fontes: bibliotecas digitais, repositório institucional, *e-books*, periódicos, teses, dissertações, bases de dados, normas técnicas, patentes, além de ferramentas, produtos e serviços digitais que podem ser conferidos em um “Guia prático de fontes de informação”¹⁷ produzido pela Coordenadoria Geral de Bibliotecas, disponível no site da instituição. Conteúdo esse que foi fundamental para a comunidade durante a pandemia por COVID-19 nos anos de 2020 e 2021, período em que as bibliotecas da Rede Unesp prestaram atendimento de forma remota.

¹⁷ Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1iUgnyimZltpzke_Tp_jucCijSjaTelEEs70LNL5wluo/edit. Acesso em: 5 abr. 2023.





Esse conteúdo composto pelo vasto acervo digital da Unesp e acervo físico local tornam a BDR uma biblioteca híbrida. Permitindo que as lacunas existentes no acervo físico, em virtude da quantidade insuficiente para atender toda a demanda de informação da comunidade local, sejam preenchidas de forma total ou parcial pelo conteúdo digital disponibilizado. Segundo Garcez e Rados (2002, p.47),

A biblioteca híbrida é designada para agregar diferentes tecnologias, diferentes fontes, refletindo o estado que hoje não é completamente digital, nem completamente impresso, utilizando tecnologias disponíveis para unir, em uma só biblioteca, o melhor dos dois mundos (o impresso e o digital).



Apesar de esse avanço ter trazido bônus tanto para a biblioteca, no que diz respeito à necessidade de menos espaço a ser disponibilizado para o acervo, quanto para a comunidade no que se refere à facilidade de acesso à informação de forma remota, o ônus ficou por conta da diminuição do fluxo presencial de usuários no espaço da biblioteca. Ônus esse que me levou a uma pergunta: Como atrair a comunidade para a Biblioteca de Dracena?

Tal pergunta veio ao encontro da reflexão que Almeida Júnior fizera em 1997 em seu livro "*Sociedade e biblioteconomia*", em relação à democratização da biblioteca, na qual considerava que a falta de leitores na biblioteca dava-se em virtude do não



oferecimento daquilo que eles pretendiam encontrar. A resposta que encontrei é que cabe ao profissional bibliotecário e não ao usuário buscar soluções que tragam a comunidade para ambiente da biblioteca, tornando-o atraente e acolhedor.

Quase três décadas se passaram e a reflexão de Almeida Júnior ainda é semelhantemente válida para o contexto atual exposto nesse relato de experiência:

Enquanto nós, bibliotecários, trabalhamos **voltados única e exclusivamente para o livro**; enquanto nossas preocupações estiverem direcionadas **apenas para o suporte e não para as necessidades da população**, o conceito de democratização da biblioteca continuará a ser uma balela como tantas outras que povoam nossa área (Almeida Júnior, 1997, p.23, grifo meu).



Portanto, ao direcionarmos o foco na comunidade e suas necessidades, além do livro/suporte, podemos otimizar o ambiente da biblioteca entendendo-a como um espaço multiuso, de aprendizagem e interação social, que apoia a pesquisa, o ensino e a extensão.

Com isso em mente, buscamos trabalhar de forma colaborativa com membros da comunidade – envolvendo docentes, discentes e técnicos-administrativos – para que um espaço assim começasse a se tornar realidade na BDR. A seguir, o relato de algumas ações realizadas.



4.1 Espaço Multiuso

Desde a sua inauguração em 2003 até 2011, devido à limitação de espaço, nunca pudemos dedicar um espaço físico para outros fins que não fossem para alocar mesas de estudo, de trabalho e o acervo físico. Com a mudança para o prédio próprio em 2012, com 614m², começamos a vislumbrar um espaço multiuso, que tivesse áreas para descanso ou lazer, com móveis confortáveis e modulares, com ambiente dedicado à leitura de obras literárias e que também pudesse ser utilizado para outras atividades diversas que envolvessem toda a comunidade.

Até então, o acervo da BDR sempre foi composto por obras técnicas especializadas, inicialmente para o curso de graduação em Zootecnia e posteriormente também para o curso de graduação em Engenharia Agrônômica. Com vistas a este novo ambiente, trabalhamos com a importância da implantação de um espaço literário dentro do espaço multiuso, sob a premissa de que “[...] a leitura por fruição, especialmente a leitura literária, não seria somente uma forma de sair da rotina acadêmica e tornar-se um momento de lazer” (Ferraz; Paiva; Reis, 2016, p.2), mas acreditando que a mesma traria contribuições no âmbito da formação do indivíduo, uma vez que a leitura literária ajuda na reflexão do mundo em que se vive, ampliando assim as possibilidades de atuação do indivíduo no contexto em que se insere.

Como pré-preparo da construção desse espaço, realizamos inicialmente um programa de anistia de multas, no





qual os usuários quitavam suas dívidas de multas com a doação de obras literárias. Posteriormente, passamos a receber doações também de toda comunidade, iniciando assim a formação do acervo literário da BDR.

Em 2017, a Coordenadoria Geral de Bibliotecas abriu um edital em parceria com a Pró-reitoria de Pós-Graduação, denominado “EDITAL CGB-PROPG 01/2017 Inovação da Rede de Bibliotecas da Unesp”, no qual a BDR encontrou a oportunidade de atender uma demanda dos usuários em um tempo de mudanças conceituais no que tange à biblioteca.

Para concorrer ao edital, a BDR apresentou sua proposta (que seria posteriormente aprovada), criada pelos servidores técnicos administrativos da BDR e Comissão de Biblioteca; com o apoio de representantes da comunidade da comunidade local: diretoria da FCAT, diretoria administrativa, diretoria acadêmica, docentes responsáveis pelo projeto “Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI)”, docentes e discentes da FCAT.

Esse trabalho colaborativo, com participação de toda a comunidade culminou na criação do Espaço Multiuso (Figura 4), um espaço multifuncional com ambiente para leitura de obras literárias e para desenvolvimento de diversas atividades com a comunidade, voltadas ao ensino, pesquisa e a extensão. Na Figura 4, visualizam-se as variadas configurações de ambientes permitidas em razão do formato dos móveis modulares adquiridos.





Figura 4: Ambientes diversificados no Espaço Multiuso



Biblioteca antes do espaço multiuso



Ambiente descanso e lazer



Ambiente sarau literário



Ambiente palestra



Ambiente reunião em grupos



Espaço literário

Fonte: Elaboração própria (2023).

No espaço multiuso permitiu a realização de diversas atividades, como: sarau literário, sarau musical, palestras acadêmicas e científicas, exposição e livros e obras de arte, e disponibilização de jogos (videogame, tabuleiros, cartas etc).





A criação do Espaço Multifuncional trouxe vitalidade à BDR, aproximando toda a comunidade local para a biblioteca e transformando-a num local de interação social, troca de conhecimento, aprendizagem e produção.

4.2 Serviços Especializados

Além das atividades descritas anteriormente, e dos serviços comuns a todas as bibliotecas (como empréstimos, reservas, consultas etc.) a BDR oferece também serviços especializados para discentes e docentes da pós-graduação.

Após finalizar meu doutorado em Ciência da Informação em 2018 (na Unesp, Campus de Marília) e com o conhecimento adquirido por meio de minhas pesquisas, pude ofertar serviços especializados, com atendimentos individuais e coletivos na BDR, que contribuíssem para as pesquisas dos alunos e docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia Animal. Isso permitiu uma maior aproximação desse público com o espaço físico da biblioteca.

Dentre os variados serviços especializados ofertados, destacam-se:

1. Orientação quanto à conceituação, interpretação e uso de indicadores bibliométricos (indicadores de produção, impacto e colaboração): por meio de cursos, palestras, workshops e atendimentos personalizados com agendamento prévio.





2. Mapeamento do impacto e colaboração (em nível micro, meso e macro) da produção científica dos docentes e discentes da FCAT: coleta de dados; criação e visualização de redes de citação, cocitação e colaboração científica.
3. Oficinas de aprendizagem de *softwares* e ferramentas úteis para produção científica: *Google Workspace*, Bases de dados (de acesso livre e restrito), *Zotero* (Gerenciador de Referências), *Turnitin* (*software* de verificação de originalidade e prevenção de plágio), *ORCID* (*Open Researcher and Contributor ID*: auxílio na criação, preenchimento e atualização de cadastro), normas técnicas, dentre outras atividades.
4. Colaboração na disciplina de Metodologia Científica do Programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia Animal.



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Emerge a necessidade de que profissionais bibliotecários absorvam o conceito da biblioteca universitária como um ambiente de aprendizagem e interação social, focado nos anseios da comunidade e não única e exclusivamente no acervo. A biblioteca universitária precisa ser um ambiente acolhedor que apoie diretamente as atividades de pesquisa, ensino e extensão da universidade em que atua. Os resultados das experiências relatadas neste capítulo contribuíram significativamente para a transformação



do ambiente da BDR, aproximando ainda mais a comunidade local a um espaço criativo que integra o tripé da universidade, favorecendo assim a construção do conhecimento novo.

O gestor da biblioteca tem um papel fundamental para o sucesso em todas as etapas desse processo de construção de um novo ambiente. Para isso, é necessário que seja ativo na sua comunidade e próximo a ela e que exerça um trabalho colaborativo, participando de eventos, colegiados e comissões.

Como projeção em curto prazo, está em andamento na BDR, em parceria com a coordenadora da Pós-Graduação da FCAT, Profa. Dra. Cláudia Maria Bertan Membrive, a reformulação dos espaços físicos das nossas salas de estudo (quatro salas) e anfiteatro. Com isso, as salas estudo são transformadas também em locais multiusos, não somente de estudo em grupo, mas de produção científica, criação e para realização de reuniões. O projeto contempla a instalação de móveis planejados, com estações de trabalho compostas de mesas, cadeiras, televisores (para projeção ou consumo de streaming, reprodução de TV aberta e/ou outras mídias) e lousas de vidro. Quanto ao anfiteatro, já foi realizada a troca de todos os móveis por mobiliários planejados, mais modernos e confortáveis.

A BDR, como coração e organismo vivo da FCAT, precisa estar atenta às demandas de sua comunidade, aberta às transformações gradativas em conceito de existência, cumprindo assim seu papel na sociedade.





REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. A. **Sociedade e biblioteconomia**. São Paulo: Polis, 1997.

ANNA, J. S.; MAIA, M. L. F. Manifestações simbólicas de punição/proibição em bibliotecas: espaços de acolhimento ou coerção? **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p.272-285, mai./ago., 2015.

CORRÊA, E. C. D.; GARCÍA-QUISMODO, M. Á. M. Tendências de inovação em serviços de bibliotecas universitárias: estudo de caso do CRAI Universitat Pompeu Fabra em Barcelona, Espanha. **Em Questão**, [s. l.], p.430-455, 2020.

DIAS, M. M. K.; PIRES, D. **Formação e desenvolvimento de coleções de serviços de informação**. São Carlos: EdUFSCAR, 2003.

FERNÁNDEZ-VILLAVICENCIO, G. **Los espacios físicos de la biblioteca universitaria en el nuevo ecosistema de aprendizaje**. 2017. Disponível em: <https://bibliotecaceu.wordpress.com/2017/03/03/los-espacios-fisicos-de-la-biblioteca-universitaria-en-el-nuevo-ecosistema-de-aprendizaje>. Acesso em: 10 mar. 2023.

GALLO LEÓN, J. P. Marketing y espacios bibliotecarios, condenados a encontrarse. **Thinkepi**, 2016.

GARCEZ, Eliane Maria Stuart; RADOS, Gregório J. Varvakis. Biblioteca híbrida: um novo enfoque no suporte à educação a distância. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p.4451, ago. 2002.





GIRARD, C. D. T.; GIRARD, C; M; T. A importância da biblioteca universitária como mediadora do processo de ensino-aprendizagem na educação superior: um estudo de caso da Biblioteca Paulo Freire da UEPA. *In*: ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 15., 2012, Juazeiro do Norte. **Anais** [...]. Juazeiro do Norte: [s.n.], 2012.

LÜCK, E. H. *et al.* A biblioteca universitária e as diretrizes curriculares do ensino de Graduação. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 11., 2000, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: UFSC, 2000.

MACHADO, M. T. F. **Relacionamento biblioteca/usuário**: fator relevante no processo de disseminação da informação jurídica. 2000. Disponível em: <http://dici.ibict.br/archive/00000777/01/T126.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2022



SANTOS, Raquel do Rosário; GOMES, Henriette Ferreira; DUARTE, Emeide Nóbrega. O papel da biblioteca universitária como mediadora da informação para construção de conhecimento coletivo. **Revista de Informação**, v.15, n.2, abr.2014.

SOUSA, M. M. **A biblioteca universitária como ambiente de aprendizagem no ensino superior**. 2009. 90 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009



CAPÍTULO 7

A biblioteca escolar enquanto agente de mudança na periferia

Gabriela Bazan Pedrão

1 APRESENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA BIBLIOTECA

Quando falamos sobre a importância da Biblioteca Escolar (BE), não estamos apenas sinalizando a importância do acesso ao livro. Claro que esse é um dos objetivos da BE, mas sua importância vai muito além disso. David Lankes (2016, p.22) confirma essa ideia dizendo que a nova biblioteconomia é baseada em conhecimento e comunidade, não apenas em livros e outros artefatos. Estamos falando sobre garantia de direito à informação, sobre um agente de mudança frente a realidades vulneráveis, sobre um local de liberdade, de incentivo ao pensamento crítico e de entendimento de mundo. Quando falamos sobre isso em relação à BE situada na periferia, essas coisas vêm com ainda mais intensidade, necessidade e potência. Neste capítulo pretendo discutir um pouco da experiência que tenho em uma BE localizada em uma escola





social periférica, em uma comunidade de alta vulnerabilidade na cidade de Ribeirão Preto.

A biblioteca em questão está em uma chamada escola social, de caráter privado, mas que oferece atendimento gratuito através de bolsas de estudos. Para a seleção de estudantes, a escola tem um processo seletivo que avalia, principalmente, a renda per capita e proximidade com a escola. Todos os estudantes na escola têm bolsa integral, que inclui material escolar, uniformes e duas refeições por dia. O objetivo e missão da escola social é auxiliar na transformação do território através da educação, oferecendo melhores oportunidades de vida às crianças e adolescentes que vivem nessa comunidade.

Por se tratar de um processo seletivo que tem como item principal de avaliação a renda per capita, a escola tem como missão trabalhar e alcançar um público altamente vulnerável para oportunizar a esse público uma escola de qualidade e garantir que essas crianças tenham a educação de direito desde os anos iniciais até o ensino médio. A BE que apresentarei neste capítulo está inserida nesse contexto e tem como missão acompanhar a escola na luta por equidade, pelo acesso livre e gratuito de informação de qualidade, no acompanhamento do projeto político-pedagógico da escola e no incentivo e na oportunização da leitura.

Acredito que, neste relato, mais importante do que a experiência de organização e montagem dessa biblioteca, do qual fiz parte, são os projetos nela realizados e especialmente o trabalho de curadoria de acervo, que reflete em grande parte





a participação dos estudantes no espaço e sua conexão com a biblioteca. Um acervo potente e com a capacidade de gerar identificação entre os leitores¹⁸ e a biblioteca não é importante apenas pela questão do incentivo à leitura, mas também porque junto desse incentivo caminham também o desenvolvimento da curiosidade, a construção de uma identidade enquanto indivíduo pertencente a uma comunidade e o conhecimento de seus direitos na sociedade; afinal, “[...] a missão das bibliotecas é melhorar a sociedade por meio da criação de conhecimento” (Lankes, 2016, p.66).

Acredito que o mais importante neste relato são as reverberações da biblioteca escolar e o que ela movimenta através de seus livros, clubes de leitura, agenda de empréstimos e atendimentos gerais. O importante é abrir as portas para um universo de conhecimento e possibilidades que até então foi negado a essa população periférica; é possibilitar o aprendizado, mas também o lazer; a informação, mas também o divertimento.

Para construir um relato linear, comentarei brevemente sobre o início dos meus trabalhos nessa biblioteca. Quando fui contratada, iniciei com uma demanda de reorganização do espaço. A biblioteca estava passando por uma reforma que incluía um remanejamento de espaço – ela perderia uma parte do seu

18 Seguindo o exemplo de bibliotecas como a British Library, farei referência ao público da biblioteca como *leitores* no lugar do termo amplamente difundido *usuário*. Na periferia esse termo pode ter outras conotações, como por exemplo a de usuário de drogas, e não faz sentido criar uma possível analogia com quem frequenta a biblioteca.





espaço físico para a construção de duas salas de aula. Com isso precisei repensar o acervo que não caberia em sua totalidade nas novas instalações e analisar as obras para entender o que seria descartado e o que ficaria. Essa fase de análise foi desafiadora, pois eu havia acabado de chegar na instituição e não conhecia o perfil dos estudantes e demais leitores da comunidade escolar. Eu precisaria fazer uma análise sem nenhum conhecimento do público e decidir sem nenhum embasamento concreto o que ficaria e o que sairia do acervo.

Nesse momento, por conta das reformas e prazos para reorganização e reabertura no novo período letivo (essas obras aconteceram entre outubro e fevereiro), não havia tempo hábil para organizar um estudo da comunidade e, dificultando ainda mais, essa comunidade não me conhecia, não tinha nenhum vínculo estabelecido comigo, o que também dificultaria a participação em uma pesquisa. Optei por criar outros critérios de seleção. Decidi, então, que a seleção seria feita levando-se em consideração que o acervo pertence a uma biblioteca escolar e deve, primeiramente, servir aos estudantes. Os critérios estabelecidos foram:

1. Livros de literatura são prioridade.
2. Os livros de literatura precisam estar dentro na nova norma ortográfica (a menos que sejam clássicos trabalhados em aula de literatura e só existam versões antigas no acervo; assim, é melhor mantê-los mesmo fora da nova norma).
3. Apostilas, livros didáticos e técnicos serão descartados (a





- escola trabalha com seu próprio sistema apostilado, logo não há necessidade de outras apostilas ou livros didáticos. Para os livros técnicos foram analisados os conteúdos; conteúdos desatualizados foram descartados, e conteúdos atuais foram mantidos).
4. Livros fora da proposta de uma biblioteca escolar, como livros com conteúdo adulto (violência, apologia às drogas, conteúdos sexuais), livros antigos de culinária, livros com conteúdo educativo desatualizado, foram descartados.
 5. Revistas e gibis muito antigos foram mantidos para atividades de recorte.
 6. Livros em más condições, muito antigos, amarelados, com cheiro forte, em avançado estado de uso, foram descartados sem exceções.

Através desses critérios foi possível organizar um descarte de cerca de 35% do acervo e realizar a manutenção e higienização do restante. Esse descarte foi feito de maneira consciente: a escola fez o repasse das obras para outras instituições que manifestaram interesse e o restante foi doado para uma cooperativa que trabalha com reciclagem.

Após o descarte, as obras foram reorganizadas e separadas em um acervo infantil, um acervo infanto-juvenil, um acervo jovem, um acervo de obras clássicas e um acervo técnico. A partir disso foram surgindo outras subdivisões, como literatura de fantasia, poesias, contos, obras de suspense e mistério, etc. Essa divisão foi





importante para compreendermos o que havia em maior número no acervo e quais públicos estavam mais atendidos. Com as obras ordenadas desta forma, iniciei o processo de catalogação do acervo, que tinha diversas catalogações misturadas feitas ao longo dos anos. Quando fui contratada na escola, o sistema Pergamum já havia sido implementado, mas ainda não estava sendo utilizado. Apenas uma pequena porcentagem do acervo estava catalogada nele.

Dei continuidade ao trabalho de catalogação no Pergamum e foi possível abrir a biblioteca com cerca de 35% do acervo catalogado. Acredito que esse processo de reorganização seja importante e interessante de ser compartilhado, pois é algo comum nas bibliotecas escolares. Muitas instituições de ensino têm uma alta rotatividade de profissionais na biblioteca, bem como a questão de contratações de não-bibliotecários para exercer a função. Em decorrência disso, esse trabalho feito se perde na mudança de profissionais. Não é raro termos bibliotecas que ‘começam do zero’ repetidas vezes pois não há uma estruturação sólida dos trabalhos feitos até então, seja por falta de recursos, seja pela contratação de pessoas não qualificadas.

Pensando nisso comecei a organizar o acervo no sistema Pergamum para garantir que o trabalho se mantivesse e a ordenação não se perdesse. É importante frisar também que um acervo registrado no sistema tem menos risco de perdas de obras, pois a circulação é registrada e monitorada. Além disso, com o uso de um sistema, há a possibilidade de acompanhamento por





relatórios, o que facilita e dá suporte ao trabalho do dia a dia, pois é possível consultar informação a respeito de acervos mais emprestados, nunca emprestados e ainda acompanhar o número de empréstimos da biblioteca, verificando-se se houve aumento ou queda de movimentação.

2 TRABALHO COM AS TURMAS DOS ANOS INICIAIS

Feito esse trabalho fundamentalmente de base para a biblioteca poder abrir e funcionar minimamente, passei a concentrar-me nos projetos de incentivo, no atendimento e na formação de público, pois até então não havia um público leitor definido. A primeira ação sistematizada da biblioteca foi organizar uma agenda fixa de atendimentos para o Ensino Fundamental Anos Iniciais (EFAI), do 1º ao 5º ano, na qual semanalmente cada uma das salas tem horários reservados para ida à biblioteca.

Essa agenda foi organizada levando-se em consideração a questão da autonomia das crianças para irem à biblioteca em livre demanda (em que os estudantes frequentam de acordo com seu interesse). Entendemos na escola que essa faixa etária precisa de uma mediação mais atenciosa e próxima para a seleção de livros e para auxiliar nas datas de empréstimo e devolução. Muitas turmas do EFAI têm dificuldade na questão de passagem do tempo e ainda não compreendem com clareza significado de 'uma semana', por exemplo.





Esses detalhes são importantes não só para trabalharmos com uma mediação mais atenciosa, mas também com o cuidado do acervo que poderia acabar se perdendo se as crianças não tivessem esse acompanhamento. As turmas de primeiro ano ainda não fazem a retirada de livros, pois entendemos que esse início na escola é importante para conhecer e entender o que é o espaço da biblioteca. Nessa fase a biblioteca é apresentada aos estudantes e, em um primeiro momento, organizamos contação de história para as turmas como um momento de apresentação e introdução do objeto livro na vida dessas crianças.

Essa questão da apresentação do objeto livro é muito importante, especialmente no contexto periférico e de alta vulnerabilidade social, pois muitas dessas crianças nunca tiveram contato com um livro antes. Algumas delas entram no primeiro ano escolar sem ter frequentado uma escola regular anteriormente, apenas os chamados 'quintais', nos quais mulheres do próprio bairro abrem espaços em suas casas para cuidar de crianças de famílias trabalhadoras que não têm com quem deixar seus filhos.

A agenda com o primeiro ano abrange contação de história, momentos de exploração do acervo (a partir do segundo semestre do ano, quando a alfabetização já está mais desenvolvida) e também momentos de contação de história com livro-imagem¹⁹

19 Livro-imagem é uma obra com imagens em sequência que narra uma história selecionando uma situação, um enredo e poucos personagens (Glossário Ceale da UFMG), e na maioria das vezes faz uso de narrativas não verbais.





para que a turma crie a história em conjunto no momento da contação como um exercício de criatividade.

As agendas fixas de visitação auxiliam no desenvolvimento da leitura, na exploração da biblioteca e no princípio do entendimento do que é a livre escolha. Essa é uma fase em que as crianças dificilmente têm um poder de escolha totalmente livre: normalmente, a escolha está condicionada a possibilidades e condições familiares, deveres com a escola e regras gerais de convivência. Na biblioteca, esse é um momento em que essas crianças podem escolher livremente o que querem ler, e com essa escolha decorrem também questões indissociáveis da atividade de escolher, como questões de responsabilidade e até mesmo de frustração.

Com a escolha, vem também o comum acordo de cuidar bem daquele livro, que é um bem material de todos e que pertence à escola, vem a responsabilidade de devolver a obra em bom estado e em condições de continuar a circular e dar a oportunidade de leitura para os colegas. Essa responsabilização é importante, não só pela contrapartida de precisar repor um livro estragado, por exemplo (não aplicamos multa em dinheiro na biblioteca pelas questões sociais em que a escola está inserida), mas também pelo fato de que, se um livro é devolvido em más condições, o leitor que o estragou está privando seus colegas dessa leitura e dessa experiência. Se há uma fila de espera, por exemplo, todos serão prejudicados. Conversamos com os estudantes nesse sentido, de que não é apenas o bem material,





não é apenas a questão de repor um livro ou ter um afastamento de alguns dias da biblioteca: é prejudicar um colega e privá-lo da possibilidade de escolher aquela obra.

A questão da livre escolha também trabalha um outro ponto importante, que é a frustração quando uma leitura não é proveitosa ou é decepcionante. As crianças começam desde cedo a entender que aquela escolha é de responsabilidade unicamente dela; dessa maneira, se o livro for bom ou ruim, se for avançado demais ou fácil demais e gerar frustração na hora da leitura, mesmo com a mediação e auxílio, foi ela quem escolheu. Esse é um passo importante e gera reflexão e mais atenção na hora da próxima escolha. Quando estamos no momento de devolução das obras sempre pergunto a cada um como foi a leitura e com frequência ouço comentários relacionados a escolhas frustrantes. Aproveito o momento para fazer uma mediação, dizendo que isso é normal e que nessa próxima escolha talvez seja legal ouvir a indicação de um colega ou prestar mais atenção ao conteúdo do livro antes de escolher.



Estamos convivendo com uma geração imediatista. A internet, a facilidade de conseguir e acessar a informação, as redes sociais, os vídeos curtos e a possibilidade de acelerar a reprodução de conteúdo vêm trazendo uma mudança comportamental que é visível desde a infância. Assim, esse exercício da escolha e da paciência para escolher é algo importante de ser trabalhado. A apreciação é uma ação a ser estimulada e trabalhada, juntamente da paciência e da já mencionada frustração.



Um último ponto que considero interessante de ser comentado nas agendas fixas de atendimento é a organização da rotina junto das professoras do EFAI. Essa agenda é indicada pela biblioteca e pela coordenação, mas são as professoras que escolhem o dia e hora de acordo com suas aulas da semana, momentos mais favoráveis e possibilidade de alinhar com conteúdo de Língua Portuguesa. Uma vez que essa agenda é escolhida e marcada, ela permanece ao longo do ano, e foi possível observar que ela facilita a rotina da sala de aula.

A turma já sabe que naquele dia haverá visita e se prepara em torno disso. A professora consegue organizar as aulas e conteúdo para a janela da biblioteca acontecer com tranquilidade e pode aproveitar esse momento para realizar atividades conciliadas com o momento no espaço. Essa é também uma oportunidade de avaliarmos em conjunto como está o desenvolvimento da turma e o interesse nas atividades que são propostas ali.

A experiência da agenda fixa vem sendo positiva pela organização prévia com as turmas e docentes, pela oportunidade de experimentação que os estudantes têm nesse momento e pela construção de um vínculo com a biblioteca. A partir do 6º ano (já no Ensino Fundamental Anos Finais – EFAF), as turmas passam a frequentar a biblioteca em livre demanda, ou seja, de acordo com o interesse de cada estudante. Dessa maneira, esse trabalho prévio é importante para que o vínculo seja mantido posteriormente, já que os estudantes conhecem, estão familiarizados e, mais





importante, confortáveis com o espaço da biblioteca, inclusive entendendo tal espaço como sendo um espaço deles.

3 QUESTÃO DO ACERVO

É essencialmente importante considerarmos, no desenvolvimento das atividades da biblioteca, na formação do acervo e na mediação do dia a dia a distorção idade-série que é presente na escola periférica. Muitos estudantes têm questões de aprendizado e vivem a distorção idade-série, seja pela reprovação, seja pelo fato de o estudante não conseguir acompanhar totalmente os conteúdos referentes à série em que está. Ao mesmo tempo, há os estudantes que acompanham os conteúdos e os que excedem. É claro que em toda escola temos cenários assim, mas as questões e dificuldades de aprendizado na periferia são mais acentuadas.

Pensando nisso, o acervo precisa acolher e acompanhar esses estudantes em suas demandas de leitura, que geralmente estão ligadas a, por exemplo, livros com letra bastão (todas as letras maiúsculas) ou com histórias mais curtas. No contexto pós-pandêmico, as questões de dificuldade de aprendizado vieram com intensidade. Temos hoje uma grande demanda por livros de histórias curtas e com letra bastão até nos 4º e 5º anos, anos em que as crianças já teriam mais autonomia e independência de leitura caso não houvesse distorção idade-série.

A biblioteca precisou se reorganizar com essas demandas, não só em resposta a essas questões ligadas ao aprendizado,





mas também frente a tendências dessa geração superexposta e conectada a redes sociais. Os pedidos de livros comentados no *Tiktok*²⁰ vêm crescendo e, em alguns casos, são obras que não fazem sentido em uma biblioteca escolar por conta de seu conteúdo, que envolve, por exemplo, violência, transtornos mentais e relações sexuais.

É um desafio crescente conciliar essas demandas, às vezes não as atender, e ainda assim manter um acervo atraente. No caso específico que trago e vivo, tenho tentado variar títulos de autoras e autores mais lidos do momento, por vezes não adquirindo para a biblioteca exatamente o título sugerido, por conta de conteúdos como citei anteriormente, mas outro da mesma autoria que faça sentido no acervo da escola. Quando isso não é possível, busco por opções que tenham a mesma linha de história, mas que tenham um conteúdo que esteja em consonância com a biblioteca. É importante frisar aqui que uma grande aliada dos períodos de aquisição é a política de desenvolvimento de coleções, que direciona o tipo de acervo com o qual a biblioteca trabalha e nos dá a liberdade e autonomia de negar pedidos quando não estão de acordo com a política proposta.

Há ainda a questão da identidade com o acervo. É preciso sempre levar em consideração que uma das vias de conexão com a biblioteca acontece através dos livros e de como eles refletem aquela comunidade. Na biblioteca periférica venho trabalhando



20 Rede social para compartilhamento de vídeos curtos.



arduamente para construir um acervo diverso, antirracista e de protagonismo negro. Venho pesquisado e adquirido obras de autoras e autores negros e que enfatizem esse protagonismo. É perceptível a diferença quando os estudantes entram em contato com esses livros e se reconhecem naquelas histórias e personagens. O livro toma um rumo diferente e sai do lugar de inalcançável para algo que faz parte da vida e fala também sobre o leitor.

A escola tem um público de estudantes majoritariamente negros, mas que não estão acostumados a se enxergarem refletidos nas obras literárias. A partir do momento em que começamos a investir em livros com protagonismo negro, foi perceptível a diferença, especialmente entre as crianças, e o crescente interesse por essas obras. Eles conversam sobre os personagens e comentam sobre a semelhança, enxergam-se na obra e se identificam. Essa é uma fase importante de construção de identidade, de entendimento de si como pessoa pertencente a uma comunidade e a uma sociedade; assim, esses livros têm uma grande contribuição para a afirmação de que esse grupo existe e é presente na sociedade, não de maneira tímida ou em minoria, mas ocupando um espaço legítimo.

Um acervo representativo mostra o que a sociedade em muitos momentos não mostra, o que a mídia mostra seletivamente ou de maneira enviesada, que é o espaço e o lugar de direito dos grupos periféricos na sociedade, existindo e tendo direitos conhecidos para que possam ser cobrados e garantidos através de políticas públicas. É através dessas obras, do descobrimento





e do fortalecimento desses jovens enquanto cidadãos ativos na sociedade que esses grupos vão se fortalecendo e criando uma comunidade mais crítica e ativa. David Lankes (2016, p.43) corrobora essa visão dizendo que o trabalho principal das bibliotecas “[...] é criar uma nação de cidadãos ativos e informados”.

A biblioteca, como um organismo vivo que mistura acervo, mediação e espaço de liberdade, proporciona meios para o desenvolvimento de crianças e jovens não só através do conhecimento, mas também através da formação de identidade, da liberdade de escolha e do acesso garantido à informação, auxiliando a garantia de demais direitos a partir do momento em que eles se fazem conhecidos e podem ser reclamados. É claro que esse acervo não é transformador por si só. Em muitos momentos é necessária uma mediação e apresentação, e por isso é importante que a biblioteca proporcione momentos de discussão, como, por exemplo, em clubes de leitura.

Os clubes são um meio de socialização da leitura, de discussão e de mediação dos conteúdos abordados pelos livros. Realizo na biblioteca clubes com os estudantes do Ensino Médio que acompanham os conteúdos das aulas de literatura e as leituras cobradas em vestibulares. A seleção das obras é feita em parceria com as docentes de literatura levando-se em consideração a dificuldade e importância da obra no contexto literário.

Esses clubes não exigem a leitura prévia da obra, como é comum nesse tipo de atividade. O grupo lê o livro em voz alta no momento do encontro e juntos discutimos os trechos lidos.





A leitura é feita em formato de rodízio; cada estudante lê uma página e, ao longo dos acontecimentos da história, vou parando e contextualizando ou explicando a história. Essa dinâmica vem sendo positiva e vai além da questão literária e de entendimento da leitura: ela abrange o momento da leitura em voz alta, o aprendizado de novo vocabulário, o entendimento e respeito de pontuação e acentuação de palavras e até mesmo a dicção e trabalho com timidez e exposição.

É perceptível que, com os encontros, os estudantes participantes desenvolveram habilidades de fala, argumentação e interpretação de texto. Durante o ano passado comprovamos um aumento nas notas em literatura dos estudantes que participaram do clube. Essa mediação também é importante para contextualizar a leitura e trazê-la para a realidade próxima dos estudantes; faço isso em discussão e explicação de passagens da história do nosso país, bem como ao abordar questões sobre representação, papéis de gênero e preconceito. Olhar para a sociedade através da literatura pode nos dar um retrato fiel de quem somos e como estamos, sendo ponto de partida para discussões essenciais.



4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É uma tarefa árdua gerir uma biblioteca escolar com todas as suas potências e desafios. Esse espaço é único porque, diferente de outros tipos de biblioteca, carrega consigo a missão de ser formativo e educativo, de atuar em uma fase importante



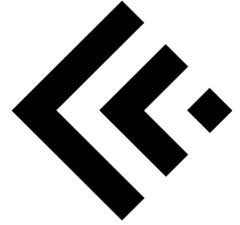
de um indivíduo e de colaborar e acrescentar em seu crescimento enquanto estudante e enquanto cidadão. A BE não acompanha apenas o projeto pedagógico da escola; ela é protagonista no desenvolvimento da autonomia e na busca por conhecimento e tem como missão informar sem doutrinar.

Busquei trazer neste breve capítulo um pouco das vivências e olhares que tenho trazido sobre esse fazer, entendendo que ele é mutável e que precisamos estar sempre dispostos e atualizados para ocupar esse lugar. Ser bibliotecária escolar é um desafio diário que mistura a difícil tarefa de educar não apenas para a escola, mas para a vida, e de garantir que a própria biblioteca e a leitura não sejam algo superficial ou que passe despercebido por essas crianças e jovens. É um esforço diário para que a biblioteca não seja apenas um local frequentado durante o período escolar, mas sim um espaço sempre procurado em todas as fases da vida e em suas diferentes versões.



REFERÊNCIA

LANKES, R. D. **Expect more**: melhores bibliotecas para um mundo complexo. São Paulo: FEBAB, 2016.



CAPÍTULO 8

Do credenciamento às boas práticas editoriais: a experiência do Portal de Periódicos da Universidade Estadual de Campinas

Gildenir Carolino Santos



1 INTRODUÇÃO

A tecnologia foi uma das grandes contribuições voltada para os periódicos nas últimas décadas, pois ela ajudou muito na transformação do seu formato, pois o periódico a se tornar-se um meio de difusão do conhecimento científico e acadêmico. O desenvolvimento e as transformações sofridas com o advento da comunicação eletrônica tornam também necessária à adaptação das publicações ao meio digital. Surgem assim os periódicos eletrônicos, facilitando a divulgação das pesquisas que passa a ocorrer de forma mais rápida e interativa. Costa (2008) considera esses periódicos uma revolução na questão da disseminação da pesquisa científica, por acreditar que eles proporcionam o aumento no acesso aos conteúdos e, portanto, no seu impacto sobre a comunidade.



O periódico científico nasceu no século XVII para repertoriar e resumir os livros, a este tempo já em grande quantidade, publicados na Europa, onde um deles deu a capacidade de registro dos trabalhos científicos (*The Philosophical Transactions*), enquanto o outro fomentava a divulgação científica (*Le Journal des Sçavans*). Só a partir de 1850 foi que os periódicos científicos começaram a assumir o papel de veículo para contribuições originais (MOSTAFA; TERRA, 2000).

A ciência se utiliza principalmente das publicações técnico-científicas para divulgar os resultados de pesquisas. Segundo Targino (2000, p.542), é:

[...] a comunicação científica que favorece ao produto (produção científica) e aos produtores (pesquisadores) a necessária visibilidade e possível credibilidade no meio social em que produto e produtores se inserem.

A real importância dos periódicos científicos é sua função como canais disseminadores da produção científica nas mais variadas áreas do conhecimento, e seu objetivo primordial é a criação, disseminação e preservação das informações dessas áreas. É no periódico científico, impresso ou eletrônico, que o conhecimento científico é divulgado, e é caracterizado por ser atualizado e confiável pelo motivo de possuir periodicidade em suas publicações e rigorosos processos de revisão e avaliação (Santos; Ferreira, 2016).





A palavra portal quando ouvimos, remete-nos a imagem de um local de passagem de pessoas, seres, ou que vem à mente. Porém, no ambiente acadêmico e científico, remete-nos para a reunião de algo que visa trazer publicações, informações, conteúdos ou possibilidades de acesso ao conhecimento tanto tecnológico quanto científico.

No nosso caso, comparamos o portal de gerenciamento de conteúdo como o que mais se aproxima do nosso contexto, referente aos periódicos científicos, pois a organização do conteúdo desses periódicos que operam com a transformação da tecnologia, geralmente é tratada na grande maioria no ambiente acadêmico, pois possuem grandes laboratórios de desenvolvimento tecnológicos e científicos, e tem a gestão liderada por profissionais bibliotecários.

Sendo assim, a área da comunicação científica acompanhou a transformação mundial da tecnologia da informação referente à gestão das publicações periódicas, despontando, conforme dito acima, consideravelmente nas instituições públicas como as universidades, e irrevogavelmente lideradas por bibliotecários. Sendo assim, é possível perceber que os periódicos eletrônicos por si só já operam grandes mudanças nos ambientes de pesquisa, construindo um elo entre a prática e a teoria referenciadas nos artigos científicos. (SANTOS, 2017).

Nessa mesma proporção, os portais de periódicos refletem alterações, tanto nas atividades de busca quanto nas atividades de disseminação de informações contidas nas publicações





seriadas, visto que os portais periódicos modificam as estruturas de comunicação, ampliando as possibilidades de estratégia de buscas precisas e sofisticadas diretamente nos artigos de vários periódicos. (GARRIDO; RODRIGUES, 2010)²¹.

Cada vez mais, as universidades desenvolvem e implantam seus portais de periódicos para agregar em massa as produções científicas. De modo geral, um portal é uma página específica na internet, que serve como ponto de acesso direto a outros conjuntos de serviços e informações, contendo subdivisões específicas sobre determinado tema ou área do conhecimento. No que se refere a periódicos científicos, um portal exerce a função agregadora e funciona como um índice, tendo por objetivo ajudar os pesquisadores a encontrar informações específicas acerca de autores, títulos, temas etc. (Santos, 2017).



De acordo com Grants e Oliveira (2013, p.61)

A solução emergente e praticada pela grande maioria das universidades, no Brasil e mundialmente, foi reunir, em um único local, diversos periódicos da instituição. Em outras palavras, a adoção de um serviço *on-line*: portal.

A organização de um coletivo de periódicos, conforme Rodrigues e Fachin (2008) tende-se a configurar como “meta-editora”. O portal incorpora diversos editores de periódicos científicos de várias áreas do conhecimento com suas

²¹ *Apud* SOUTO, P. C. N. E-publishing development and changes in the scholarly communication system, 2007.



especificidades. Segundo as autoras, um portal de periódicos requer a criação de um setor, de uma estrutura organizacional que envolva todas as etapas e atores.

Todo esse aparato demanda uma gestão que envolve desde o atendimento ao editor até o desenvolvimento de documentos, diretrizes, políticas para a sustentabilidade dos periódicos e portal.

A JISC (2005)²² implementa esse entendimento, contextualizando que o portal, no âmbito técnico é definido como:

Um serviço de rede que fornece um único ponto de acesso personalizado a uma gama de serviços de rede heterogêneos, locais e remotos, estruturados e não estruturados. A **funcionalidade do portal** geralmente inclui descoberta de recursos, acesso a e-mail e fóruns de discussão online. Os **portais** são destinados a **usuários finais (humanos)** que usam “padrões” comuns da Web, como HTTP, HTML, Java e Java Script. No contexto do JISC IE, **os** portais interagem com corretores, agregadores, índices, catálogos e provedores de conteúdo usando Z39.50, SRW, OAI-PMH e RSS/HTTP. (grifo e tradução nossa).

Silveira (2016) em sua dissertação de mestrado sobre um estudo de documentos de gestão de portais, avança com a definição de portal como sendo um:

²² Joint Information Systems Committee. Disponível em: <https://www.jisc.ac.uk>. Acesso em: 17 abr. 2023.





[...] conjunto de **periódicos científicos de diferentes áreas**, seguindo padrões de qualidade nacionais e internacionais, afiliados a uma instituição, **agrupados sistematicamente**, com equipe multidisciplinar, oferecendo **serviços especializados** para atender às **demandas de informação das equipes editoriais e leitores**, promovendo as **funções da comunicação científica** e os princípios do **acesso aberto** à informação. (SILVEIRA, 2016, p.204, grifo nosso).

Ainda na visão de Silveira (2016, p.204), a autora comenta que o portal de periódicos “[...] não é apenas um software; não é apenas um site de hospedagem; não é apenas um repositório” e, por último, “[...] não é apenas suporte técnico”. Assim, temos claro qual é a função e o papel de um portal de periódicos na comunidade científica.

Grants e Oliveira (2013) também citam que para ocorrer o bom desenvolvimento de ações para um modelo de gestão de portais de periódicos deve estar em consonância com sua definição, precisa estar fortalecido na base de sua implantação, vinculados a três pilares essenciais: visibilidade, credibilidade e padrão.

Sendo assim, por meio desse relato, chegamos ao Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos (PPEC) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), um órgão vinculado à Coordenadoria Geral da Universidade (CGU) e ao Sistema de Bibliotecas (SBU) da UNICAMP, que demonstra aplicar todos os pilares citados acima





por Grants e Oliveira (2013), bem como garante a reunião em um único local, como definido pela JISC (2005) e Silveira (2016), e até mesmo nosso portal sendo reconhecido como uma meta-editora, citado por Rodrigues e Fachin (2008).

O PPEC é um produto originalmente surgido de uma pesquisa, e que tem grandes adeptos e admiradores que usufruem de sua estrutura e experiência para estabelecer e criar um portal de qualidade em suas instituições, e que seguem as boas práticas editoriais. É dele que iremos falar a seguir.

2 SOBRE O PORTAL DE PERIÓDICOS ELETRÔNICOS CIENTÍFICOS – HISTÓRICO E ORIGEM



O Portal é fruto do projeto de pós-doutorado concluído em 2012, pelo autor desse relato, junto ao Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da UNICAMP²³. No final de 2013, o autor do projeto de pós-doutorado juntamente com a supervisora agendou com o vice-reitor e responsável pela CGU para apresentarem a funcionalidade do Portal, que foi aceito unanimemente e aprovado para implantação imediata na Universidade. A partir de então, o Reitor da Universidade em 26 de fevereiro de 2014, na ocasião prof. Dr. José Tadeu Jorge, no uso de suas atribuições, baixou a Portaria GR-012/2014 para designar 06 (seis) membros (docentes, pesquisadores e funcionário administrativo) para compor o Grupo de Trabalho (GT) responsável

23 Pós-doutorado sob a supervisão da Dra. Vera Regina Toledo de Camargo.



pela criação do Portal das Revistas Eletrônicas da UNICAMP. Nesta mesma ocasião, a nomenclatura redigida na Portaria foi “Revista”, mas corrigida futuramente para Portal de Periódicos.

O GT designado pelo Reitor, passou a elaborar de diretrizes e procedimentos com a condição de selecionar esses periódicos para ingressarem no PPEC/UNICAMP (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 2014).

Do relatório final, elaborado pelo GT, surgiram 13 requisitos básicos para credenciamento do periódico no PPEC, a saber:

1. Publicar artigos originais de caráter científico;
2. Possuir abrangência nacional e/ou internacional quanto aos autores e conselho editorial;
3. Publicar no mínimo cinco (5) artigos originais por fascículo;
4. Apresentar, na identificação do periódico, as seguintes informações: escopo, política editorial e instruções aos autores, preferencialmente em português, inglês e espanhol, filiação completa dos autores, acompanhada de e-mail do autor correspondente;
5. Contemplar abrangência institucional de autores nacionais e internacionais, evitando a concentração de autores locais;
6. Estar classificado no Qualis/CAPES, nos estratos A1 a B3;
7. Ter tempo de existência de, no mínimo, 3 (três) anos;





8. Possuir número internacional normalizado para publicações seriadas (E-ISSN);
9. Seguir padrões nacionais e internacionais de normalização para publicação de periódicos e trabalhos científicos;
10. Ter periodicidade minimamente semestral, com pontualidade na publicação dos fascículos, ou, utilização da modalidade publicação avançada (*Ahead of Print* – AOP) e/ou publicação contínua²⁴;
11. Publicar artigos com título, resumo e palavras-chave, no idioma do texto do artigo e no idioma inglês, quando este não for o idioma do texto;
12. Possuir indexação em base de dados, índices, diretórios ou portais nacionais ou internacionais e divulgação;
13. Ter implementado o gerenciamento do periódico a partir de software parametrizado para a atribuição do DOI (*Digital Object Identifier*) (SANTOS, 2023).



Em 2020, além da correção da modalidade de PC, foram acrescentados 3 novos requisitos, juntamente com o regimento, e dessa maneira os requisitos oficiais para credenciamento dos periódicos no PPEC, somam-se em 16 requisitos, complementados pelos os 3 últimos a seguir:

²⁴Essa modalidade, Publicação Contínua (PC), foi alterada no Regimento de 2020.



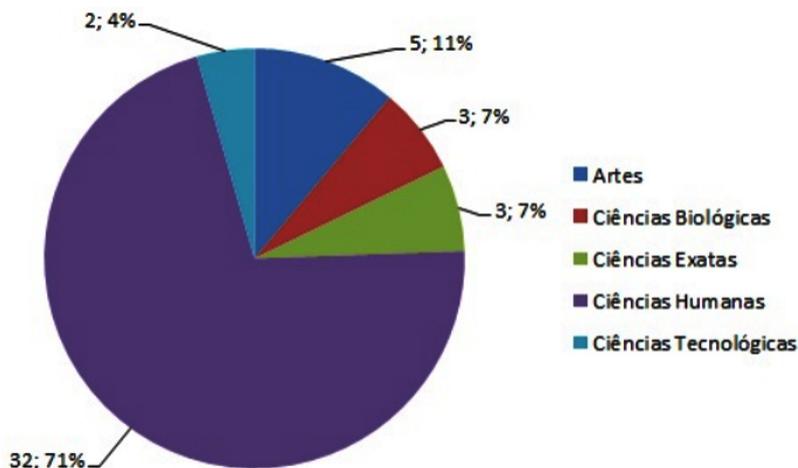
14. Ter como Editor-chefe e responsável pelo periódico um docente ou pesquisador (PQ) do quadro permanente da Unicamp ou do quadro de Professor Colaborador Voluntário;
15. Possuir regimento interno aprovado pela Congregação ou órgão equivalente da Unidade, Centro, Núcleo ou Órgão Complementar;
16. Implementar cadastro dos autores no ORCID como obrigatório (Santos, 2023).

No levantamento inicial realizado na pesquisa de pós-doutorado em 2011, foram detectados 67 títulos de periódicos criados na UNICAMP, mas apenas 45 dos títulos desses periódicos apresentavam condições para ingressarem no Portal por estarem em situação corrente e estarem ainda publicando edições. Nessa distribuição por área de conhecimento, encontrados em todo o campus da Universidade, a maior concentração de periódicos evidenciada na área de Humanas.





Gráfico 1: Distribuição dos periódicos por área do conhecimento na primeira fase (2011)



Fonte: Elaboração própria (2023).



No entanto, na primeira fase da implantação do Portal foram convidados alguns editores a integrar o projeto, ou seja, os periódicos que utilizavam a plataforma OJS, pois os mesmos já possuíam mecanismos que permitiam a interface com o Programa LOCKSS (Stanford University), para integrar à Rede de Serviços de Preservação Digital Cariniana (IBICT), a qual a UNICAMP é integrante como parceiro integral com mais nove instituições, e também pela facilidade de atribuição do *Digital Object Identifier* (DOI) em processo de aquisição para os periódicos vinculados ao Portal. Dos 45 títulos selecionados (gráfico 1), 27 títulos deles estavam instalados na plataforma OJS. Os demais possuíam sites



próprios e seis deles pertencentes ao SciELO, que foram aceitos de imediatos, criando-se uma configuração para o armazenamento da coleção digital disponível no SciELO. (Santos, 2016).

Tendo detectados os possíveis periódicos (27 títulos) que comporiam o Portal por meio da utilização do OJS, o bibliotecário coordenador do PPEC contactou os editores, e através de um termo de adesão, apresentou-lhes as vantagens e os compromissos que cada um deles teria ao ingressar no Portal.

Para que a página inicial do Portal possuísse uma entrada interativa, e dos mesmos moldes do Portal de Revistas da USP, a coordenação do PPEC juntamente com a equipe técnica de analistas de sistema, e um programador colaborador da Assessoria de Comunicação da UNICAMP, além do responsável pelo PPEC estruturou em *Wordpress*²⁵, uma página com o código fonte cedido pela USP para que os editores acessem diretamente da página principal, o seu periódico, facilitando o acesso, bem como foram agregadas informações funcionais que deixassem o Portal mais dinâmico e moderno com *banner* de informações aos editores e comunidade, links de acesso aos dados sobre o Portal e equipe, dados estatísticos, etc., diferenciando-se um pouco do site da USP (Figura 6) (SANTOS, 2016).



25 *Wordpress* - software de código fonte aberto, disponível para implementar *sites*.



Figura 6: Página principal de acesso ao PPEC pelo Wordpress



Fonte: Universidade... (2015-2023).



Vale a pena lembrar que todos o site em *Wordpress* e OJS possuem leitor de texto, descrevendo o Portal em todos as suas seções, facilitando dessa maneira, a permissão para a acessibilidade para PCD, pessoas com deficiência, tanto visual, quanto auditiva.

Ao término do GT, em julho de 2014, o coordenador do GT, assessor da CGU, solicitou ao atual coordenador do portal que se fizesse uma previsão diagnóstica em relação à equipe técnica que iria trabalhar na gestão do PPEC/UNICAMP, e por meio de um breve projeto descreveu a composição da equipe e do mobiliário que teria a sala que comporia a estruturação deste novo serviço para todo a Universidade.

Ao finalizar todo esse processo, com a constituição do PPEC desde 2015, hoje o Portal conta com 34 títulos de periódicos em todas as áreas credenciados ao Portal, que compõe a coleção digital (Tabela 1).



Tabela 1: Distribuição dos periódicos por área de conhecimento

Área	Subárea	Periódicos
Ciências da Saúde	Educação Física	03
	Odontologia	
	Segurança Alimentar	
Ciências Exatas e da Terra	Geociências	01
Ciências Humanas	Arqueologia	15
	Ciência Política	
	Ciências da Religião e Teologia	
	Economia	
	Educação	
	Filosofia	
Ciências Sociais Aplicadas	Arquitetura e Urbanismo	06
	Ciência da Informação	
	Serviço Social	
Linguísticas, Letras e Artes	Artes	09
	Artes/Teatro	
	Letras	
	Linguística	
Total		34



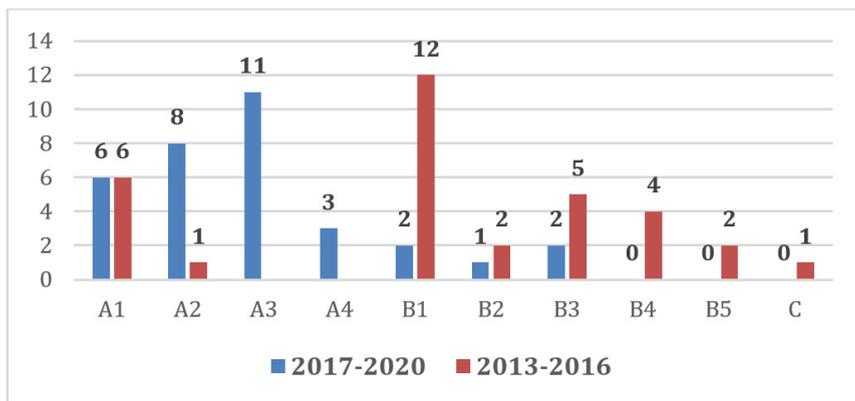
Fonte: Extraídos do *site* do PPEC – Universidade... (2015-2023)

Voltamos a lembrar que, os periódicos depois que ingressaram no PPEC, tiveram uma considerável melhora na classificação do Qualis/Capes (2017-2020), diferentemente dos estratos recebidos antes mesmo de ter ingressado no Portal.

No gráfico 2 a seguir, comparando os estratos dos periódicos entre Qualis (2013-2016) ao atual (2017-2020), podemos notar essas diferenças de estratos entre os periódicos:



Gráfico 2: Comparação do estrato Qualis dos periódicos do PPEC - 2013 a 2020



Fonte: Sucupira – Qualis/Capes (2023).



Ainda sobre o Portal, em 2018, o PPEC cria a incubadora com a finalidade de avaliar e acompanhar os periódicos menos qualificados, para no decorrer do tempo, eles possam realizar a gestão e aplicação das boas práticas editoriais, com o intuito de concorrer ao credenciamento junto ao PPEC/UNICAMP. Nesse sentido, a incubadora que dá suporte aos editores dos periódicos que ainda não estão atendendo aos critérios do PPEC. Hoje essa incubadora, denominada InPEC – Portal da Incubadora de Periódicos Científicos e Acadêmicos da UNICAMP (E-CONTENTS, 2023), conta com 22 títulos configurados e instalados, também pelo *software* OJS dentro do E-Contents²⁶ (Figura 7).

²⁶ Portal de serviços eletrônico construído para agregar ferramentas de apoio, administração, busca e recuperação de publicações científicas da



Figura 7: Página do E-Contents para acesso à Incubadora (InPEC)



Fonte: E-Contents - InPEC (2023).



3.1 Objetivo do Portal

O objetivo principal é garantir e apoiar a qualificação e a visibilidade das publicações periódicas científicas vinculadas aos institutos, faculdades, centros, núcleos de pesquisa e órgãos complementares da UNICAMP, arbitrados por pares e institucionalmente ligados à Universidade, garantindo a diversidade institucional e regional e o livre acesso a toda comunidade científica.

UNICAMP, com o intuito de organizar, disseminar e compartilhar de forma estratégica, o conhecimento científico por meio de e-books, publicações seriadas, boletins, análises eletrônicas nas plataformas de gerenciamento do pacote de softwares livres da comunidade PKP e base de dados, como a Edubase, desenvolvida em Dspace. (SANTOS; DUARTE, 2022).



3.1.1 Sobre a Equipe Editorial Técnica

A equipe editorial técnica do PPEC é responsável pela gestão e organização do conteúdo da coleção digital. É formada por profissionais especializados em diferentes áreas do conhecimento, como biblioteconomia, ciência da informação e tecnologia da informação.

As principais atribuições da equipe editorial incluem a seleção dos periódicos a serem incluídos no Portal, a avaliação da qualidade dos artigos submetidos para publicação, a revisão dos textos, a normalização bibliográfica e a indexação dos artigos.

Além disso, a equipe editorial também é responsável por gerir as políticas de *copyright* e licenciamento dos artigos por meio do *Creative Commons* (CC), garantindo que o material publicado esteja em conformidade com as leis de propriedade intelectual e que os direitos autorais sejam devidamente respeitados. Todos os periódicos utilizam um tipo de licença CC.

A equipe editorial trabalha em estreita colaboração com o Comitê Gestor do Portal de Periódicos da UNICAMP, a fim de garantir que a coleção digital dos periódicos seja atualizada e relevante para a comunidade acadêmica e científica.

Em resumo, a equipe editorial desempenha um papel fundamental na gestão do PPEC/UNICAMP, contribuindo para a promoção do conhecimento científico e o avanço da pesquisa acadêmica.





A sua composição está alinhada da seguinte forma, conforme os profissionais que atuam no PPEC (Quadro 1):

Quadro 1: Composição da equipe editorial técnica do PPEC

Quantidade	Função	Responsabilidade
01	Bibliotecário	Responde pelo funcionamento administrativo e técnico do PPEC, contato com editores; responde pela preservação digital junto à Rede Cariniana
01	Bibliotecário	Responde tecnicamente pela manutenção, inserção e disseminação de dados no Portal, além da revisão dos metadados para validação do DOI, sigla em inglês para <i>Digital Object Identifier</i> .
01	Estagiário	Presta suporte aos serviços técnicos de manutenção
04	Bolsistas dos cursos de Letras e Geografia	Auxiliam nas atividades de editoração, elaboração de capas, ajustes nos periódicos
01	Analista de sistema ²⁷	Presta suporte na manutenção do software OJS



Fonte: PPEC (2023).

Indiretamente, faz parte também da equipe do Portal, os editores dos periódicos, pois eles estão vinculados aos institutos, faculdades, centros, núcleos e órgãos complementares da Universidade. As responsabilidades deles permanecem as

²⁷ A analista de sistemas faz parte da Diretoria da Tecnologia da Informação do SBU, porém a sua função é compartilhada para dar apoio e suporte ao PPEC em relação ao OJS.



mesmas do fluxo editorial de qualquer periódico, tendo apenas como compromisso com o Portal de participarem das reuniões, treinamentos e convocações extras, além de manterem atualizados os metadados das publicações no Portal.

3.1.2 Sobre o Comitê Gestor de Credenciamento do PPEC

O PPEC, além de ser mantido pela CGU, Pró-Reitoria de Pesquisa (PRP) e SBU, possui um Comitê Gestor, que é responsável pelo credenciamento dos periódicos editados pela UNICAMP.

O Comitê Gestor do PPEC é composto por representantes docentes das áreas do conhecimento, vinculados as Unidades de Ensino e Pesquisa da Universidade, além da presidência e responsável pelo Portal (Quadro 2).



Quadro 2: Composição do Comitê Gestor

Membros por áreas	Quem é designado
<ul style="list-style-type: none">• Presidente do Comitê	<ul style="list-style-type: none">• Diretor adjunto do SBU
<ul style="list-style-type: none">• Responsável pelo Portal	<ul style="list-style-type: none">• Bibliotecário nato
<ul style="list-style-type: none">• Biomédicas	<ul style="list-style-type: none">• 01 docente titular• 01 docente suplente
<ul style="list-style-type: none">• Exatas	<ul style="list-style-type: none">• 01 docente titular• 01 docente suplente
<ul style="list-style-type: none">• Humanas e Artísticas	<ul style="list-style-type: none">• 01 docente titular• 01 docente suplente
<ul style="list-style-type: none">• Tecnológicas	<ul style="list-style-type: none">• 01 docente titular• 01 docente suplente

Fonte: Regulamento do PPEC – Universidade... (2020).



O objetivo do Comitê é garantir a qualidade e a relevância do acervo disponibilizado no Portal, bem como promover ações que visem a sua expansão e atualização por meio do credenciamento.

Entre as principais atribuições do Comitê Gestor estão:

1. definir as políticas de seleção e avaliação dos periódicos incluídos no Portal,
2. avaliar a qualidade do acervo e dos serviços prestados,
3. estabelecer o cumprimento dos 16 requisitos que permite a inclusão do periódico na coleção do PPEC.

Além disso, o Comitê também é responsável por aprovar as diretrizes do planejamento anual que promove o desenvolvimento e crescimento do Portal em relação à gestão editorial. Dessa maneira, o Comitê juntamente com o PPEC busca atender às necessidades da comunidade acadêmica e científica, oferecendo recursos de informação de alta qualidade e relevância com base no credenciamento dos periódicos avaliados.



3.1.3 Instalações Físicas

Em relação às instalações física e logística do Portal, foram adquiridos mobiliários e equipamentos de informática para configurar o ambiente físico no prédio da Biblioteca Central da Universidade. O servidor que abriga o Portal está instalado na Diretoria da Tecnologia da Informação do SBU, sendo exclusivo para essa finalidade, monitorado pelo administrador de redes, com realização de *backups* diários e preservados digitalmente



na Rede Cariniana, além de estarem reproduzidos no sistema de nuvem da Universidade (Santos, 2014).

3.1.4 Serviços Oferecidos pelo Portal aos seus Editores

Em relação ao conjunto de serviços referentes a gestão do Portal, hoje o PPEC conta com um serviço especializado denominado *OS-Ticket* que favorece aos atendimentos solicitados pelos editores do Portal e da Incubadora de periódicos fazendo que os serviços se tornem especializados.

Esse serviço implantado inicialmente em formato de formulário do *Google Forms*, foi melhorado e migrado para a plataforma do software livre *OS-Ticket* que favorece o cadastramento de serviços disponibilizados e dos usuários que solicitam os serviços do PPEC.

Os serviços disponibilizados no *OS-Ticket* estão registrados no sistema em ordem alfabética e são por eles que o usuário indica qual é para atendido no momento da solicitação *online*. Nesses serviços da *OS-Ticket* estão registrados 35 serviços, categorizados em 7 grandes serviços/atendimentos (Quadro 3).



**Quadro 3: Serviços/atendimentos do PPEC**

Serviços/ atendimentos	Descrição
1. Indexação	- Auxílio e orientação aos editores quanto à indexação em bases de dados.
2. Gestão do sistema	<ul style="list-style-type: none">- Orientações aos editores quanto à utilização do Open Journal System (OJS) e possibilidade de inclusão de números retrospectivos, já que ingressam a partir do último volume/número no Portal para recebimento do DOI.- Orientações aos editores quanto às práticas e normas editoriais para publicações periódicas.- Coordenar sistematicamente o portal verificando seu funcionamento e consistência na rede para fins de manter a conexão contínua.- Procedimentos para submeter nova publicação para um novo credenciamento ao Conselho Gestor.- Elaborar, revisar e manter o regimento do portal constantemente atualizado para submissão e aprovação pelo Conselho Gestor.
3. Treinamentos	- Suporte para treinamentos referente ao software OJS.
4. Normalização	- Orientações aos editores quanto à normalização bibliográfica utilizada (ABNT, APA, Vancouver, etc.), além da solicitação do ISSN, ISBN.
5. Apoio no financiamento	- Prestar orientações sobre fontes e recursos de financiamento (surgimento de editais internos e externos).
6. Atribuição e validação do DOI	- Orientações para utilização do DOI.
7. Incubação	- Oferecer o sistema de incubadora para melhorar os periódicos menos qualificados pelo Qualis/Capes e Indexação.



Fonte: Universidade... (2015-2023).



Entretanto, desde a sua criação, o PPEC se posicionou fortemente como um dos serviços mais utilizados nas instâncias da Universidade, bem como pelo próprio SBU, não somente para o fluxo e editoração dos periódicos eletrônicos, mas quanto aos demais serviços que se classificam na sua estrutura como:

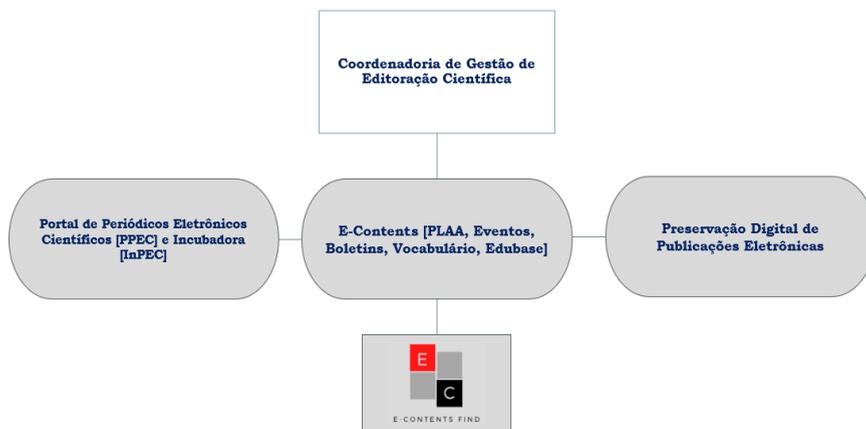
1. editoração científica;
2. preservação digital;
3. treinamentos e capacitação interna e externa sobre as boas práticas editoriais;
4. atribuição de DOI, ISSN e ISBN, promovendo a demanda de criação de e-books e periódicos;
5. serviço de indexação de publicações;

Dessa maneira, com o crescimento do PPEC, ele não é visto apenas como um setor, e sim como uma coordenação de serviços juntamente como as demais coordenações pelo último organograma do SBU, tornando-se uma Coordenação de Editoração Científica (Figura 8).





Figura 8: Composição do PPEC como Coordenação de Gestão de Editoração Científica



Fonte: Santos (2023)²⁸.



3 RESULTADOS ALCANÇADOS PELO PORTAL

Como resultado da conquista desse trabalho, vale a pena informar que o PPEC é o único Portal no Brasil a ser registrado no Centro Brasileiro do ISSN, sob o número 2446-5267, assim como outros portais internacionais: Portal do Latindex²⁹, Portal do ROAD – *Directory of Open Access Scholarly Resources*³⁰, entre outros (SANTOS, 2016).

28 **Legenda:** PLAA – Portal de Livros de Acesso Aberto / Edubase – Base de dados de indexação de artigos de periódicos em Educação e Afins.

29 Disponível em: <http://www.latindex.unam.mx>. Acesso em: 17 abr. 2023.

30 Disponível em: <http://road.issn.org>. Acesso em: 17 abr. 2023.



O Portal é considerado uma fonte indexadora restrita para as suas publicações, pois permite indexar cada uma delas nele instalado, com base no protocolo OAI-PMH (*Open Archives Initiative Protocol for Metadata Harvesting*), possuindo mecanismos de busca, oferecendo serviços à comunidade e os metadados seguindo o padrão Dublin Core (DC) de registros.

Para reconhecimento da produção científica produzida pelos seus periódicos, a UNICAMP, por meio do Portal e SBU, filiou-se à Crossref / PILA (*Publishers International Linking Association*), para a aquisição e atribuição do DOI, em suas publicações, garantindo assim, a efetivação e persistência dos seus registros em qualquer ambiente digital da Internet (identificador persistente), e isso comprovadamente, é um passo importante para a internacionalização da publicação (SANTOS, 2016).

O DOI, e o ORCID, sigla em inglês para *Open Researcher and Contributor ID*, ambos são *links* persistentes, que permitem que periódicos e autores sejam localizáveis na internet. Mudanças de servidor e alterações no nome dos pesquisadores comprometem a recuperação da produção científica, alterando inclusive os indicadores de produtividade da universidade. Estas ferramentas funcionam como “RG” dos objetos publicados e dos pesquisadores, com validade internacional (Santos, 2016).

Outro fator importante em relação à produção científica do PPEC, é que ela se tornou mais visível para a comunidade, uma vez que anteriormente encontrava-se divulgados internamente em site dos institutos, faculdade, centros e núcleos de forma mais

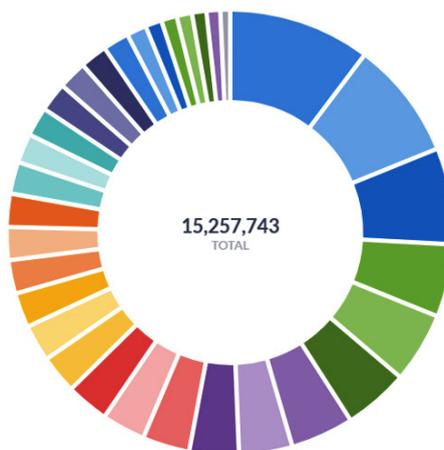




tímida. A partir da proposta de implantação do PPEC, o *marketing* institucional começa a possuir mais visibilidade e consistência detectada em uma única plataforma de localização e recuperação das fontes originais de pesquisas reconhecidas e publicadas nos periódicos efetivamente destacados no Portal.

Gráfico 3: Ranking dos periódicos mais acessados do PPEC – 2015-2023

● Revista HISTEDBR On-line	10.968%
● Conexões	9.110%
● ETD - Educação Temática Digital	7.367%
● RDBCI: Revista Digital de Biblio...	5.499%
● Cadernos Pagu	5.307%
● Segurança Alimentar e Nutricio...	4.860%
● Pro-Posições	4.709%
● Cadernos de Estudos Linguísticos	3.933%
● Remate de Males	3.620%
● Filosofia e Educação	3.439%
● Zetetike	3.161%
● Economia e Sociedade	3.091%
● Serviço Social e Saúde	2.731%
● Trabalhos em Linguística Aplica...	2.643%
● PARC Pesquisa em Arquitetura ...	2.452%
● Resgate: Revista Interdisciplina...	2.368%
● Revista Brasileira de Inovação	2.328%
● Brazilian Journal of Oral Sciences	2.327%
● RUA	2.229%
● Terrae Didactica	2.027%
● Revista Internacional de Educaç...	2.016%
● URBANA: Revista Eletrônica do...	2.007%
● Labor e Engenho	1.969%
● 9 mais	



Fonte: Universidade... (Metabase – PPEC, 2015-2023).

Um outro grande resultado benéfico para a implantação do Portal foi a utilização do software OJS para portais, pois além de ser gratuito, sem ônus e implementado por uma equipe colaborativa do PKP – *Public Knowledge Project*, a Universidade não teve custo algum em reinventar a roda, ou realizar gastos com a aquisição de software proprietário para a implantação do seu Portal.



Com isso, é notório que todos esses itens citados anteriormente, permitiu a consolidação de um serviço que era necessário para a Universidade há muito tempo, permitindo demonstrar dessa maneira, a potencialidade de uma equipe de funcionários motivados em colaborar no crescimento e expansão deste serviço como uma extensão universitária.

Enfatizamos que é importante ter os portais institucionalizados pela organização, pois tendo alteração de mudança de gestão, esse espaço será mantido e oficializado pelo órgão superior da instituição.

Sendo assim, em 2015 o SBU elaborou seu Planejamento e Estratégico (PLANES) para o período de 2015-2019, e nele foi incluído, dentre esses 28 projetos, pela ação 2.4, a qual visa a “Institucionalização do Portal de Periódicos da UNICAMP”, que objetiva estabelecer diretrizes para garantir uso, acesso e credenciamento aos periódicos editados no âmbito da Universidade. (Universidade..., 2015a).

A partir de 2020, o regimento para a institucionalização do PPEC foi criado e aprovado junto à PRP, tendo seu regimento submetido à Comissão Central de Pesquisa, obtendo aprovação unanime dos membros, constituindo assim, a partir da data de 30 outubro de 2020, um espaço institucionalizado pelas instâncias da Universidade PRP e SBU sob a deliberação nº 005/2020 (Universidade..., 2020).

A institucionalização do PPEC foi importante, pois demonstra uma forma de garantir a existência e permanência





do Portal na Universidade, independente de mudanças em sua gestão, no caso, da Reitoria. Além disso, ao integrar mecanismos como o planejamento estratégico, o Portal sempre irá fornecer subsídios voltados para a oferta de serviços que promovam e ofereçam visibilidade à produção científica da instituição.

Neste mesmo ano, em 2020, a PRP da Universidade, inicia a publicação de edital para o auxílio à editoração dos periódicos, tendo como parceria o SBU que ajudou a construir o edital e os critérios para publicação do edital. O valor inicial a esse auxílio foi de R\$90.000,00 (noventa mil reais), podendo participar os periódicos com vínculos comprovado com a UNICAMP, conforme definição destacada no site do PPEC, e incluída brevemente na introdução do edital:

Entende-se como periódico científico da UNICAMP aquele que é operacionalmente instalado em um dos campus da UNICAMP, sob a coordenação de um docente ou pesquisador (ativo ou aposentado), ou até mesmo de um funcionário administrativo com formação acadêmica de doutorado, editado oficialmente e vinculado diretamente às unidades de ensino e pesquisa (faculdades e institutos), centros e núcleos, órgãos complementares e grupos de pesquisa da Universidade. É ser reconhecido pela instância maior de cada unidade de ensino e pesquisa, a Congregação, ou, para os Centros e Núcleos, o Conselho Científico, que adota a prática





da elaboração de regimento interno para fomentar a política editorial da publicação. (Universidade..., 2015-2023).

Por último, conforme tabela 2, é notado o crescimento de dados estatísticos dos periódicos editados na UNICAMP no período de 2015 a 2022.

Tabela 2: Comparativa de acessos e downloads do PPEC (2015 a 2022)

Descrição	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
Títulos	24	27	30	30	31	32	32	34
Fascículos	646	1.002	1.128	1.213	1.319	1.680	1.734	1.778
Artigos	8.103	12.739	14.002	15.141	16.872	18.552	19.716	20.541
Downloads	34.851	501.138	1.316.525	1.134.883	1.573.857	2.019.302	2.415.188	2.108.122
Acessos	35.126	531.679	1.365.115	1.166.992	1.576.206	2.016.271	2.420.532	2.119.588

Fonte: Counter OJS / Metabase – Universidade... (2015-2023).

Os resultados e a evolução gradativa dos dados estatísticos apresentado anteriormente, referentes à UNICAMP, comprovam a importância de ter portal de periódicos nas universidades, em virtude de sua visibilidade e o acesso à sua produção científica, elevando cada vez mais as instituições nos *rankings* acadêmicos.

Vale a pena ressaltar, que além desses números e *rankings*, em 2016 o PPEC foi premiado na Universidade com o terceiro



lugar na 6ª edição do Prêmio aos Profissionais da Carreira PAEPE, voltado aos servidores da UNICAMP.

Assim, para fecharmos esses dados, sem dúvida nenhuma, os resultados alcançados pelo PPEC no intervalo de 2015 a 2022, com certeza os dois fatores marcantes responsáveis pelo rápido crescimento no número de acessos ao Portal foram o DOI, e o ORCID. (Universidade..., 2015b).

4 COMPARTILHAR ÀS BOAS PRÁTICAS NO CAMPO EDITORIAL

A definição do verbo “**compartilhar**” segundo o Dicio: Dicionário *online* de português³¹ é “[...] partilhar alguma coisa com outra ou outras pessoas”.

Sendo assim, é com essa intenção que temos aqui neste capítulo, a intenção de poder partilhar das nossas práticas e experiências implementadas no nosso portal.

Após apresentar toda a trajetória do PPEC, e utilizando todas as ferramentas que compõe o universo da editoração científica, bem como no contexto editorial dos portais de periódicos institucionais, a seguir destacamos e compartilhamos as principais boas práticas que qualquer editor poderá implementar na sua gestão editorial, atendendo aos princípios dos serviços essenciais que podem desenhar a infraestrutura de um periódico institucionalizado pelo editor.

31 Compartilhar - **Dicio**, Dicionário *Online* de Português. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/compartilhar>. Acesso em: 17 abr. 2023.





Dos principais serviços essenciais e políticas já citados anteriormente, e utilizados pelo PPEC, tendo como base a visibilidade de adoção das práticas do acesso aberto e ciência aberta, compartilhamos os seguintes serviços e políticas como boas práticas (Quadro 4).

Quadro 4: Boas práticas e políticas para implementar em um portal e publicações periódicas

Boas Práticas / Políticas	Descrição
Criação da institucionalização do Portal / Periódico (Regimento)	Como dito sobre a criação da institucionalização do Portal de Periódicos da UNICAMP, esta medida de criação da regulamentação do portal, ou até mesmo do periódico institucionalmente, é muito importante, pois demonstra uma forma de garantir a existência e permanência do Portal na Universidade, e de garantir que em mudanças de gestões, este serviço deixa de existir, assim como para o periódico que passa a ser reconhecido pelas instâncias institucionais, garantindo a visibilidade e reconhecimento. Além disso, ao integrar mecanismos estratégicos dentro da instituição, o Portal ou periódico sempre irão fornecer subsídios voltados para a oferta de serviços que promovam e ofereçam visibilidade à produção científica da instituição. (Santos, 2019)
Adoção do ORCID – Open Researcher and Contributor ID	Conforme mencionado anteriormente, o ORCID, é um link persistente, ou melhor, um identificador persistente do pesquisador, que permitem que autores sejam localizáveis na internet. Esta ferramenta funciona como “RG” do pesquisador, com validade e visibilidade internacional. Adotar o ORCID na política da publicação é essencial para garantir a recuperação e localização do que está sendo publicado pelo autor. Esse identificador pode ser obtido gratuitamente pelo pesquisador ao se registrar na plataforma, ou pode ser feito na forma institucional para obtenção do acesso ao banco de dados. Nessa última modalidade estão associadas ao ORCID, a UNICAMP, USP, UNESP, CNPq e outras instituições de renome. (Santos, 2016).
Utilização do Turnitin (Sistema de similaridade)	Adotar a ferramenta de sistema de similaridade de combate ao plágio e autoplágio nas publicações, é essencial para que os Portais adotem esta prática/política para todos os periódicos credenciados em portais, e que seja exigido dos editores que façam a verificação de similaridade nos artigos submetidos, antes de submeter para o processo de avaliação. Isto irá garantir e preservar a integridade das publicações e até mesmo do Portal por adotar a política de integridade à pesquisa, comumente utilizada pelas instituições nos tempos atuais. O uso da ferramenta não é de caráter punitivo e sim uma medida para promoção educacional e preventiva no que se refere aos valores e competências pertinentes à integridade ética da pesquisa. Por fim, o uso da ferramenta demonstrará a responsabilidade pela preservação da integridade ética e a importância da promoção de uma cultura de boa conduta científica na instituição. (Santos, 2018; Teixeira <i>et al.</i> , 2019)





Instruções e código de ética	Adotar as instruções e código de ética é sem sombra de dúvida, uma prática essencial para que a publicação hospedada em um portal, não tenha problemas relacionados as questões éticas. Nisso, é importante e fundamental utilizar práticas como o código do COPE, instruções do <i>White Paper</i> (CSE) e outras normas que são aplicadas para deixarem claras as ações e práticas utilizadas pelas publicações, como retratações, erratas etc. (COPE, 2023)
Atribuição do Digital Object Identifier (DOI)	Deve haver a atribuição do DOI por parte da instituição, representada pelo seu Portal de Periódicos, para aplicar em sua totalidade a atribuição de DOI para todos os periódicos, justamente porque os recursos devem ser gestados por um órgão da Universidade ou Instituição, para que efetue os pagamentos a agência fornecedora do DOI, como por exemplo a Crossref/PILA. O editor não deve assumir esse papel de credor do DOI pela publicação, deve ser gestada pela instituição. (Santos, 2016).
Utilização do Creative Commons	Adotar e utilizar as licenças Creative Commons de forma correta e efetiva, garantem que a publicação siga as boas práticas que devem ser seguidas. A primeira dela é: saber escolher a licença correta; atribuir o autor e o trabalho original é fundamental, conforme a licença; compartilhar sempre pela mesma licença adotada; conhecer a lei de direitos autorais. É importante entender as leis de direitos autorais e como elas se aplicam ao seu trabalho antes de compartilhá-lo sob uma licença Creative Commons; respeitar a privacidade e os direitos de terceiros; ficar atento às atualizações das licenças Creative Commons. Ao seguir essas boas práticas, os usuários do Creative Commons podem garantir que suas criações estejam protegidas e que os outros possam usar e compartilhar seu trabalho de forma legal e ética. O uso do Creative Commons permite uma maior liberdade criativa e colaborativa e pode ajudar a promover o acesso à informação e à cultura em todo o mundo. (Santos, 2022; Creative Commons, [2023])
Participação em redes de preservação digital	Em relação à preservação digital, alguns autores da literatura sobre preservação digital salientam que o estabelecimento de padrões para desenvolvimento de arquivos digitais permite-nos vislumbrar possibilidades de acesso e recuperação dos dados. A questão da preservação digital possui várias frentes de desenvolvimento. Das políticas às técnicas, um grande conjunto de pontos críticos é encontrado e, por isso, os profissionais interessados na manutenção das informações sob sua responsabilidade devem entender e desenvolver com a elaboração das respostas. O bibliotecário tem nas práticas de preservação digital um objeto de estudo que engloba todas as tarefas envolvidas no fluxo informacional, que após serem vivenciadas pelo pesquisador, podem chegar a ser pontos focais de originalidade da área. (SANTOS; FERREIRA, 2016). Diante desta realidade, é viável e importante que as publicações, ou melhor, as instituições se preocupem em manter parcerias com consórcios ou Redes de preservação digital, buscando a garantia da integridade e autenticidade dos registros e memórias das edições, e isso é fomentar uma boa prática para as publicações. Preservar as publicações no contexto digital, participando de redes como a Rede Cariniana.





<p>Adoção de outro idioma para promover a internacionalização</p>	<p>Adotar outro idioma para promover a internacionalização da publicação. Esta ação serve para promover a inserção do periódico na comunidade acadêmica internacional, aumentando sua visibilidade, impacto internacional e qualidade da publicação. Para isto, o periódico deve conter: website e sistema de gestão editorial em inglês; publicação de artigos em inglês; título e escopo atrativos para o público internacional; publicação de artigos por autores com afiliação estrangeira; artigos em colaboração (coautoria) internacional; editores e membros do Corpo Editorial com afiliação estrangeira; pareceristas com afiliação estrangeira. (Santos, 2022a)</p>
<p>Adoção da modalidade de publicação contínua</p>	<p>As publicações que aceitam em adotar a modalidade de Publicação Contínua (PC), promovem com rapidez o processo de comunicação e disponibilização das pesquisas com inúmeras vantagens para os usuários de informação científica. A PC que é a publicação dos artigos em um único volume sem pausas periódicas, sem a espera do fechamento de um número para publicar outro, o que pode diminuir na visibilidade dos artigos, e ganha mais impacto na consulta e citações dos artigos. Acelerar a publicação de artigos por meio da modalidade de PC, é sem dúvida alguma, a melhor forma de destaque para a publicação na comunidade científica. Adotar a PC é uma nova forma de inovar, impactando justamente na antecipação da publicação dos artigos, na medida em que são aprovados, diferentemente de se criar uma edição específica. Nessa modalidade não há mais a edição fasciculada, apenas um volume por ano, como dito anteriormente. Além disso, a PC irá ter como vantagens:</p> <p>alteração da periodicidade para PC; evitar atraso na publicação; publicar a quantidade anual, com os artigos sendo publicados em intervalos. facilitar a editoração para a equipe editorial. (Rodrigues; Santos, 2018, 2022a).</p>
<p>Participação na Declaração de São Francisco sobre Avaliação da Pesquisa (DORA)</p>	<p>Associar gratuitamente a essa declaração, para pensar como a produção científica seja medida com precisão e avaliada com prudência.</p> <p>O objetivo da DORA é melhorar a qualidade da pesquisa científica, especialmente em relação à avaliação de pesquisadores e artigos científicos. A declaração tem como objetivo principal acabar com o uso indevido do fator de impacto (FI) como medida de qualidade da pesquisa e promover a avaliação justa e transparente dos pesquisadores, privilegiando as grandes editoras em detrimento a outras editoras menos favorecidas pelo FI (Dora, 2023).</p>
<p>Utilização de Recursos Multimídias de Acessibilidade (RMA)</p>	<p>Adotar áudio e vídeo, implementando e inovando a publicação e o Portal para a acessibilidade, é essencial nos dias de hoje. A adoção de RMA também favorece que as publicações possam realizar a divulgação científica não apenas textual, mas também em vídeo. É um meio pelo qual disponibiliza outros tipos de materiais para favorecer o acesso às pessoas com deficiência visual e surdas, tornando a publicação mais acessível para esse público (Santos, 2022b).</p>





Adoção da taxonomia CRediT	Adotar o CRediT (<i>Contributor Roles Taxonomy</i>), ou melhor, a taxonomia de papéis de contribuição no manuscrito é fundamental para classificar e identificar o que cada autor contribuiu na submissão que é encaminhada para publicação. O CRediT, criado desde 2014 pela NISO, é uma taxonomia de alto nível, incluindo 14 papéis, que pode ser usada para representar os papéis tipicamente desempenhados pelos contribuintes para os resultados da pesquisa. Os papéis descrevem a contribuição específica de cada colaborador para a produção acadêmica (Niso, 2023).
Promoção da divulgação científica e marketing	Promover a divulgação científica dos periódicos por meio do marketing digital. Com isso, definir uma política para: criação de espaços nas redes sociais e acadêmicas (<i>Facebook; Instagram; Twitter; LinkedIn; Academia.edu; RG; Mendeley</i>); elaboração de <i>posts</i> convidativos para o público em geral; divulgação nas redes a cada artigo publicado, divulgando-se pelo DOI; enviar novos artigos por e-mail pelo <i>maillist</i> da publicação. O ideal é ter um profissional para realizar essas tarefas, mas um bom editor que domine as redes, conseguirá desenvolver esse plano de marketing digital para sua publicação. (Santos, 2022a)

Fonte: Elaboração própria (2023).

Todos esses serviços e políticas impulsionarão o portal de periódicos institucional, apresentados pela maioria das vezes pelas universidades, pois delas que nasceram os primeiros periódicos de acesso aberto, fazendo com que a visibilidade e conhecimento sobre a instituição e publicação sejam alcançados pelos demais da comunidade científica.

5 CONCLUSÃO

Relatamos até aqui, a evolução da aplicação das boas práticas no Portal de Periódicos da UNICAMP, conhecimento como dito antes, como PPEC. Essas boas práticas poderão ser replicadas e adaptadas para outros periódicos das diversas áreas do conhecimento, e adaptadas pelos Portais de Periódicos institucionais. A intenção do PPEC é tornar-se uma referência





de Portais que desejam seguir o padrão advindo de anos de conhecimento na causa da editoração científica. Como dito, qualquer área do conhecimento poderá adotar os princípios de boas práticas em seus periódicos e revistas. O nosso papel é compartilhar estas experiências, e ajudar novos editores, e novos gestores de portais e até mesmo trocar experiências com editores com o grau de conhecimento mais avançado em editoria de periódicos.

Entretanto, vale apenas ressaltar a participação dos periódicos em consórcios e em entidades associativas científicas, servem como para aprimorar os seus conhecimentos e aprendizados, bem como a utilização de sistemas de gestão de editoração eletrônica, sistemas de similaridade para combater o plágio, e sempre adotar padrões criados por essas entidades científicas como integridade e ética de publicação.

Preocupar-se com a visibilidade dos seus portais e incluir os periódicos e revistas em indexadores importantes, é essencial, e isso apontará a existência da popularidade e responsabilidade da publicação de estar inserida no âmbito da comunidade científica que ela representa divulgando os trabalhos qualificados e que utilizamos todas as boas práticas para que isso aconteça.

Assim, verificamos que todas essas boas práticas apresentadas aqui neste capítulo, adotadas pelo PPEC, fará com que outros editores iniciantes possam se apropriar dessas boas ideias e passar a utilizar em seu periódico, compartilhando saberes e experiências de grande valia para todo o fluxo editorial





do periódico que almeja obter reconhecimento e qualificação pelos seus pares.

É inevitável que as universidades incluam na sua estrutura organizacional, um canal de gerenciamento e publicação da produção científica como centro de informações de editoração de periódicos como se configuram os portais de periódicos institucionais, como está sendo no caso do PPEC, sendo criada com a certificação das unidades e órgãos da UNICAMP, como sendo uma coordenação de editoração científica.

Ter orientações mínimas para a realização da gestão de portais de periódicos evitará retrabalho e multiplicará as boas práticas acumuladas durante anos de experiência dos três autores. Acreditamos que a qualidade dos periódicos está intrinsecamente ligada com o desenvolvimento e desempenho dos portais de periódicos, tendo em vista, principalmente, as demandas e exigências nacionais e internacionais no desenvolvimento de periódicos. (Silveira; Santos; Bueno, 2020).

Por mais que as instituições não agreguem em seus sistemas de bibliotecas os Portais de Periódicos, é viável e recomendável que os periódicos tenham o bibliotecário como editor técnico, e, portanto, que faça parte das equipes editoriais dos periódicos científicos em acesso aberto, promovendo a divulgação e implantação das boas práticas advindas de seu conhecimento como profissional da informação. (Silveira; Santos; Bueno, 2020).





Ainda assim, o apontamento do item 4, sobre “Compartilhar às boas práticas no campo editorial”, relatando as principais boas práticas que todo Portal e/ou publicação devem adotar, são formas de garantir que o Portal e/ou publicação evoluam e consigam obter visibilidade e respeito da comunidade que utilizam dos serviços. Do credenciamento às boas práticas, aplicados ao PPEC foram os alicerces de se construir um Portal de Periódicos com visão gerencial produtiva e disponibilizando iniciativas que devem ser compartilhadas para que não se precise reinventar a roda. Um bom gerente tem em seu perfil, competências para demonstrar que tudo que se faz ou produz, deve ser divulgado e compartilhado para alcançar o maior número de adeptos que querem seguir a mesma linha de conhecimento e pensamento de um bom trabalho.



Também é importante seguir a *Transparency and Openness Promotion Guidelines*³², um guia de métrica que relata os passos que um periódico está tomando para implementar práticas de ciência aberta, práticas que se baseiam nos princípios fundamentais da comunidade científica. São configuradas em 8 recomendações e padrões modulares adaptáveis para sua publicação (Santos, 2022a). Vale a pena seguir essas recomendações, assim como as recomendações dos critérios e políticas para admissão no Programa SciELO³³, que se baseia nos princípios das boas práticas e Ciência Aberta.

32 Disponível em: <https://osf.io/ta3b5/#!>. Acesso em: 23 mar. 2023.

33 Disponível em: <https://bit.ly/3mGJXvy>. Acesso em: 17 abr. 2023.



Dessa maneira, finalizo este relato com frases de um dos mais importantes administradores da história, Henry Ford³⁴ que diz que:

- *“Um idealista é uma pessoa que ajuda outras pessoas a serem prósperas”* [e] *“A melhor coisa na vida é a experiência. Até os erros têm valor”*. Então, estamos no caminho certo, em pensar ajudar os outros com nossas experiências.

REFERÊNCIAS

COPE. Promoting integrity in research and its publication. 2023. Disponível em: <https://publicationethics.org>. Acesso em: 4 abr. 2023.

COSTA, S. Abordagens, estratégias e ferramentas para o acesso aberto via periódicos e repositórios institucionais em instituições acadêmicas brasileiras. **Liinc em Revista**, v. 4, n. 2, p.218-232, set. 2008.

CREATIVE COMMONS. Sobre as licenças. [2023]. Disponível em: <https://br.creativecommons.net>. Acesso em: 17 abr. 2023.

DORA. Declaração de São Francisco sobre avaliação da pesquisa. [s.d.]. Disponível em: <https://sfdora.org/read/read-the-declaration-portugues-brasileiro>. Acesso em: 4 abr. 2023.

E-CONTENTS. 2017-2023. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br>. Acesso em: 23 mar. 2023.

34 Disponível em: <https://www.awebic.com/frases-de-henry-ford>. Acesso em: 17 abr. 2023.





GARRIDO, I. S.; RODRIGUES, R. S. Portais de periódicos científicos online: organização institucional das publicações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p.56-72, jun. 2010. ISSN 19815344. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/943/732>. Acesso em: 23 mar. 2023.

GRANTS, A. F. L.; OLIVEIRA, A. P. Visibilidade, credibilidade e padronização: o modelo de gestão do Portal de Periódicos UFSC. *In*: AMBONI, N. F. (org.). **Gestão de bibliotecas universitárias: experiências e projetos da UFSC**. Florianópolis, BU/UFSC, 2013. Disponível em: http://www.bu.ufsc.br/design/gestao_bibliotecasuniversitarias_bu_ufsc.pdf. Acesso em: 15 jan. 2019.

JISC. UKOLN. **Information environment architecture**: glossary. 19 Oct. 2005. Disponível em: <http://www.ukoln.ac.uk/distributed-systems/jisc-ie/arch/glossary>. Acesso em: 13 mar. 2023.

MOSTAFA, S. P.; TERRA, M. Das cartas iluministas às listas de discussão. **DataGramZero**, v.1, n.3, jun. 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun00/Fart.htm>. Acesso em: 23/07/2012.

NISO. **CRedit** – Contributor Roles Taxonomy: 14 contributor roles. 2023. Disponível em: <https://credit.niso.org>. Acesso em: 4 abr. 2023.

RODRIGUES, C. M.; SANTOS, G. C. A importância e o impacto da Publicação Contínua (PC) nos Periódicos Eletrônicos. **Blog PPEC**, Campinas, v.1, n.1, jan. 2018. ISSN 2526-9429. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br/blog/index.php/2019/01/15/pc>. Acesso em:





RODRIGUES, R.; FACHIN, G. R. B. A comunicação científica e o uso de portais: estudo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9.: 2008: São Paulo. **Anais** [...]. Diversidade cultural e Políticas de informação. São Paulo: ECA-USP; ANCIB, 2008. v. 1.

SANTOS, C. C. Boas práticas para periódicos científicos [recurso eletrônico]. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDITORES DE PERIÓDICOS EM EDUCAÇÃO, 3., Natal, 2022a. **Minicurso do** [...]. 57 slides. Disponível em: doi: <https://doi.org/10.6084/m9.figshare.20473797.v1>. Acesso em: 23 mar.2023 (live)

SANTOS, G. Evolução e impacto do Portal de Periódicos / UNICAMP por meio das boas práticas editoriais: relato de experiência. *In*: ABEC MEETING LIVE 2022b. **Anais** [eletrônicos...]. DOI: <https://doi.org/10.21452/abecmeeting2022.172>.



SANTOS, G. C. Indexação de publicações acadêmicas universitárias: portais temáticos e suas vantagens para as publicações periódicas. *In*: ALMEIDA, M. L. P. (Org.). **Produção do conhecimento científico e formação do pesquisador na América Latina**: as investigações de políticas educacionais em xeque! Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017. ISBN 978-857591-439-7.

SANTOS, G. C. A institucionalização do Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos da UNICAMP. *In*: CICLO DE DEBATES PERIÓDICOS UFSC; ENCONTRO NACIONAL DE PORTAL DE PERIÓDICOS, 6.: 2018: Florianópolis. **Anais** [do...]. Florianópolis: BU Publicações/UFSC, 2018. ISBN 978-85-65044-17-2. Disponível em: <http://cicloperiodicos.bu.ufsc.br>. Acesso em: 23 mar. 2023.



SANTOS, G. C. Manual de informações e orientações para credenciamento no PPEC: segunda edição ampliada e revisada. **Boletim Técnico do PPEC**, Campinas, SP, v. 7, e022016, 2023. DOI: 10.20396/btp.v7i00.9469.

SANTOS, G. C. Plágio e similaridade: o que as universidades devem fazer para manter a integridade acadêmica. **Blog PPEC**, Campinas, v.10, n.1, out. 2018. ISSN 2526-9429. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/blog/index.php/2018/10/31/plagio>. Acesso em: 23 mar. 2023.

SANTOS, G. C. Portais de Periódicos trajetória, acesso e visibilidade. *In*: SANTOS, G. C.; MARTINS, V. S. G. (org.). **Ciência aberta, sistemas e ambientes de informação**: do acesso às boas práticas de pesquisa. Campinas, SP: BCCL/UNICAMP, 2019. Série “Coleção SBU”. DOI: <https://doi.org/10.20396/978-85-85783-98-3>.

SANTOS, G.C. **Relatório técnico dos requisitos mínimos para a implantação do Portal de Periódicos Eletrônicos da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)**. Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2014. 21 f. (Documento não publicado).

SANTOS, G. C. Sustentabilidade e visibilidade da produção científica: a construção do Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos da UNICAMP. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 19., 2016, Manaus. **Anais [...]**. Manaus: UFAM/FEBAB, 2016. p.1-10. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4507>. Acesso em: 19 mar. 2023.

SANTOS, G.S.; DUARTE, K. A. *E-Contents Find*: um ecossistema de informação científica em forma de OPAC. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 29.; 2022;





São Paulo, SP. **Anais do [...]**. São Paulo, SP: FEBAB, 2022. (Eixo 6 - O mundo digital: apropriação e desafios). ISSN 2318-5546. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2022/article/view/2647>. Acesso em: 24 mar. 2023.

SANTOS, G. C.; FERREIRA, D. T. Registrando, indexando e preservando digitalmente a RDBCI: indicadores da produção de 2003 a 2016. RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, SP, v. 14, n. 3, p.541-560, set. 2016. ISSN 1678-765X. DOI: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v14i3.8646317>.

SILVEIRA, L. da. **Portais de periódicos das universidades federais brasileiras**: documentos de gestão. 2016. 195 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Gestão da Informação, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

SILVEIRA, L.; SANTOS, G. C.; BUENO, C. O. M. Dez boas práticas para portais de periódicos. In: SILVEIRA, L.; SILVA, F. C. C. S. (org.). **Gestão editorial de periódicos científicos**: tendências e boas práticas. Florianópolis, SC: BU Publicações/UFSC : Edições do Bosque/UFSC, 2020. ISBN 978-65-87206-08-0. Cap.6. DOI: <https://doi.org/10.5007/978-65-87206-08-0>.

TARGINO, M. D. G. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v. 10 n.2, 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/92195>. Acesso em: 09 abr. 2023.

TEIXEIRA, M. P. *et al.* Boas práticas de pesquisa: a utilização da ferramenta de similaridade na UNICAMP. **Sínteses**: Rev. Eletr. SimTec, Campinas, SP, n. 7, e019175, set. 2019. ISSN 2525-5398.





UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Sistema de Bibliotecas. **Planes SBU**: Planejamento estratégico 2015-2019. Campinas, SP: SBU, 2015a. [publicação local].

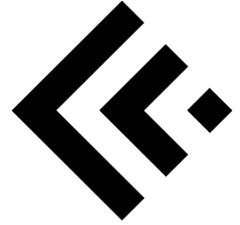
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Sistema de Bibliotecas. **Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos**. Campinas, SP, 2015b. Disponível em: <http://periodicos.sbu.unicamp.br>. Acesso em: 9 mar. 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Sistema de Bibliotecas. Portal de Periódicos Eletrônicos Científicos. **Requisitos**. Campinas, SP, 2015-2023. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ppec/requisitos>. Acesso em: 24 mar. 2023.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Reitoria. **Portaria GR-012/2014**. Campinas, SP, 26 fev. 2014. Disponível em: https://www.pg.unicamp.br/mostra_norma.php?idnorma=3575. Acesso em: 15 fev. 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Pró-Reitoria de Pesquisa. **Deliberação CCP-011/2020, de 28/10/2020**. Campinas, SP, 27 nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/public/site/CCP011.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2023.





CAPÍTULO 9

Do positivo ao negativo: o bibliotecário especialista em imagens

João de Pontes Junior

*A fotografia sempre me espanta, com um espanto
que dura e se renova, inesgotavelmente.*

Roland Barthes



1 TRABALHO EM UM MUSEU DE CIDADE: O QUE É ISSO?

Primeiro, é sempre preciso deixar claro que as escolas e Universidades não entregam um profissional pronto para o mercado de trabalho; o que elas fornecem é uma base, para que a partir do momento em que ele se forma dê início a uma nova jornada, a de se especializar, seja por meio de cursos de pós-graduação e/ou especialização na área ou daquela em que pretende trabalhar.



A Biblioteconomia é uma profissão muito especial pois, como costumamos dizer, é a única que permite ao profissional estar e navegar por todas as áreas do conhecimento.

Trabalhar em um Museu é muito diferente do trabalho realizado em uma Biblioteca; nessa, você convive com situações muito singulares, e ao mesmo tempo tem um ganho profissional imensurável, mantendo grande interação com as áreas coirmãs ou tríade como se costuma dizer, a Biblioteconomia, a Museologia e a Arquivologia. No caso de um Museu de Cidade, tipologia que será explicada no texto, as possibilidades somam-se a outros conhecimentos inerentes ao grande acervo que é a cidade, seu território, seus problemas estruturais no que diz respeito à arquitetura, ao urbanismo, às questões sociais; atualmente debate-se também a decolonização e o enfrentamento a todo tipo de discriminação, provenientes desses atores que vivem na cidade ou no museu, o que se esclarecerá nos próximos parágrafos, segundo os paradigmas do ICOM³⁵.

Para abordar a tipologia Museu de Cidade, não se pode nunca esquecer um dos maiores pesquisadores sobre o tema, Ulpiano Bezerra de Meneses, que possui um texto propondo a

35 O Conselho Internacional de Museus – ICOM, foi criado em 1946, o ICOM é uma Organização não-governamental que mantém relações formais com a UNESCO, executando parte de seu programa para museus, tendo status consultivo no Conselho Econômico e Social da ONU. Trata-se de uma associação profissional sem fins lucrativos, financiada predominantemente pela contribuição de seus membros, por atividades que desenvolve e pelo patrocínio de organizações públicas e privadas. (ICOM, 2023).





criação de um Museu de Cidade para São Paulo, em seu artigo “O Museu na Cidade x a Cidade no Museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade” (MENESES, 1984/1985), o que também foi um desejo e conjecturado por Mário de Andrade, durante sua gestão no Departamento de Cultura em 1935. Ou seja, não estamos falando sobre nenhuma novidade, talvez para o público externo à realidade dos Museus, sim.

E sobre a tipologia Museu de Cidade, Meneses (2003, online) didaticamente discorre:

O Museu de Cidade deve, pois, dar conta da cidade – o que não quer dizer, é óbvio, esgotar esse objeto de atenção, mas enfrentá-lo na sua complexidade, considerando passado, presente e abrindo-se para o futuro. [...] tendo como finalidade [...] propiciar aos habitantes a tomada de consciência da cidade e o aprofundamento permanente dessa consciência.



Referente ao trabalho que o profissional bibliotecário pode e deve desempenhar, acreditamos que vale citar o texto muito bem colocado por Assis (2018, p.16)

A literatura científica menciona que o profissional bibliotecário é o responsável por tornar acessíveis as informações desejadas, seja em meio físico, seja digital, aos seus usuários, desenvolvendo papel de mediador. Como base para o alcance, a recuperação e sua posterior



destinação e uso, o bibliotecário adota diferentes técnicas para o tratamento dessa informação: organização, armazenamento e disseminação. Considera-se que esses processos contribuem para a democratização do acesso à informação, ressaltando, assim, a importância do papel do bibliotecário na sociedade.

Entretanto, fazer essa mediação referida pelo autor e trabalhar para que a informação esteja disponível para o usuário, não foi e não tem sido uma tarefa muito fácil. Para fazer a gestão do Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo, o ano era 2009, primeiro foi necessário conhecer, já a gestão do acervo estava em um momento de transição e alteração da equipe técnica. Mapeado o cenário, veio o processo de organizar as imagens digitais, a partir das quais ter-se-ia uma noção do Acervo ou parte dele, já que naquele momento, muita coisa ainda necessitava ser digitalizada.

Paralelamente a isso, uma empresa especializada foi contratada para organizar a parte física do acervo com a higienização, digitalização e acondicionamento. As imagens acondicionadas e devidamente armazenadas no arquivo deslizante da Reserva Técnica, já se encontravam digitalizadas.

A partir da conclusão do projeto, foi possível que fizessemos esse trabalho no MCSP, coordenado pelo profissional Bibliotecário, e o mais significativo foi a redesignação de tombos para negativos já digitalizados no passado do museu e sem o devido tombamento, bem como o tratamento técnico completo de um





lote de 7.000 (sete mil) imagens em negativos recém-chegados do Centro Cultural São Paulo – CCSP. Quando foi realizada a aquisição, por uma questão de entendimento sobre a tipologia de acervos (cidade e televisão), optou-se pela divisão do acervo em duas partes. No ano de 2016 estávamos juntando novamente as duas partes da Coleção, pertencente ao Estúdio do fotógrafo Chico Vizzoni, nos formatos: 35mm, 6x6 ambos em suporte de acetato de celulose e 6x9 em suporte de vidro. O lote de negativos passou por todas as etapas descritas a seguir e posteriormente foi armazenado na câmara fria da Reserva Técnica.

2 NO PRINCÍPIO ERA BENEDITO JUNQUEIRA DUARTE



Falar sobre o trabalho desenvolvido atualmente no Acervo de Fotografia do Museu da Cidade de São Paulo – MCSP, sem abordar o trabalho realizado pelo fotógrafo Benedito Junqueira Duarte é como se estivéssemos ignorando a história e a memória da Cidade de São Paulo.

O Acervo de Fotografias pertencente ao MCSP tem sua origem em 1935 com a criação do Departamento de Cultura por Mário de Andrade³⁶; seu objetivo ao longo de 150 anos foi

36 O Departamento recebia cerca de 10% da verba que a Prefeitura de São Paulo recebia, esse valor era dividido em quatro partes, para os programas: Expansão Cultural, Bibliotecas, Educação e Recreio e Documentação Histórica e Social. Mário de Andrade acumulou os cargos de Diretor do Departamento e da Seção de Expansão Cultural. O Departamento, além de estimular o desenvolvimento da arte, da educação e da cultura, promover espetáculos, organizar cursos populares de formação literária e científica, criar bibliotecas



documentar as transformações urbanas e consequentemente sociais na cidade de São Paulo, retratando seu cotidiano através das lentes de grandes fotógrafos eternizados na história da fotografia brasileira.

Ainda na mesma época o fotógrafo Benedito Junqueira Duarte (BJ. Duarte) inicia os trabalhos e implanta um sistema de catalogação, identificação e indexação própria às fotografias. Pelo que se observa e constata por relatos de documentos, há evidências de que a forma de catalogação dos negativos obedecia à ordem de produção; outro fator que pode ser determinante para essa organização é a forma de armazenamento dos negativos em embalagens, armários e arquivos.

O fotógrafo BJ. Duarte era tão minucioso em seus sistemas de catalogação, e tão detalhista, que além da descrição nas fichas que em muitos casos chega a ser poética, ele monta contatos e em paralelo faz um desenho, um mapa ligando pontos do local fotografado com seu entorno

O primeiro código designado por BJ. Duarte, foi o tipo A (35mm), com imagens produzidas por ele mesmo, com sua câmera da marca Leica. Esse processo de catalogação é utilizado no MCSP até os dias de hoje, tendo sido incorporados novos códigos a esse, inclusive como forma de dar continuidade ao projeto do fotógrafo, sempre obedecendo à essência do sistema. A seguir apresentamos no Quadro 1 a codificação designada por BJ e as demais criadas ao longo dos anos.

e parques infantis cuidava também do patrimônio histórico e artístico da cidade. (ABDALLA, 2021)





Quadro 5: Relação dos códigos utilizados para definir tipos de negativos

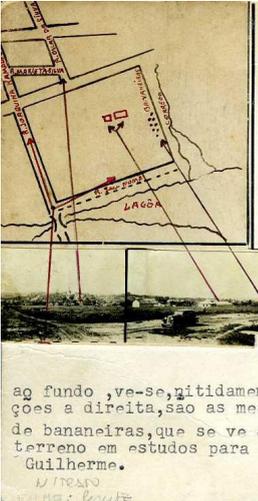
Código	Descrição	Código	Descrição
A	35 mm	N	Negativos originais
B	6x6 cm	Nr	Negativos reproduzidos
C	9x12 cm	P	Positivos originais
D	13x18 cm	D	Diapositivos originais
E	18x24 cm	Dr	Diapositivos reproduzidos
F	6x9 cm	I	Positivos impressos
G	6 x 7 cm	Ap	Álbuns de positivos
H	35 mm (1/2 quadro)		

Fonte: Elaboração própria a partir das definições realizadas por BJ Duarte (2023).

Legenda: Negativos: suporte vidro ou película de acetato. **Positivos:** papel fotográfico. **Diapositivos:** imagem em película que pode ser projetada (slide).



Figura 9: Ficha catalográfica elaborada por BJ. Duarte



N.º do negativo.....273-274 Tipo...A.....
Local...Rua...Joaquim Ramalho (B. Braz Arruda) e r
e rua s/n (Vila Guilherme)
Próximo a R. Joaquim Ramalho-0 metros.....
Distrito...Santa Ana..... Data...4/4/1938.....
Executado por...Benedito J. Duarte.....
Por ordem de...Cult. 42.....

OBS: Esta documentação iconográfica, consubstanciada nos negativos de nº273-A e 288-A, faz parte das pesquisas executadas para a localização de um Parque Infantil no bairro de Vila Guilherme e constante no processo nº84.341/1937.

ANÁLISE: Vista Panorâmica da quadra, tirada do ângulo formado pela R. Joaquim Ramalho e a rua sem nome, que margina uma lagoa ali existente; ao fundo, vê-se nitidamente o declive da Rua Oscar Silva; as duas edificações a direita, são as mesmas focalizadas no negativos nº282-A; atocceiras de bananeiras, que se vê á extrema direita, aproximadamente a frente do terreno em estudos para a localização de um Parque Infantil em Vila -- Guilherme.

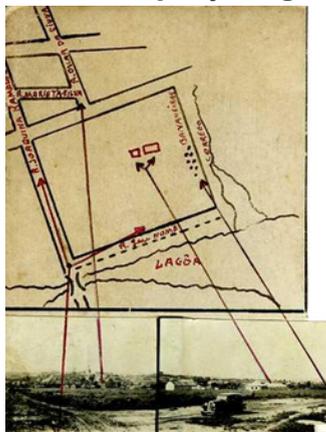
11/10/38
Benedito J. Duarte

GM 9827

Fonte: Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo, BJ. Duarte (1938).



Figura 10: Montagem de contatos com o desenho e localização desenhado por BJ. Duarte (Ampliação Figura 1)



Fonte: Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo, BJ. Duarte (1938)
- (recorte da ficha 273/A).



É preciso colocar aqui a responsabilidade e conhecimento que BJ. Duarte sempre teve com o acervo fotográfico, quando o assumiu em 1935, convidado pelo Diretor do Departamento de Cultura, Mário de Andrade, a integrar a equipe. Destaque-se que o senso de organização do acervo e as técnicas de catalogação de BJ. Duarte refletiam muitos parâmetros da biblioteconomia. Isso também acabou por refletir arquivística e museologicamente na maneira de como esses negativos foram armazenados. Obedecendo sua lógica de catalogação, os vidros foram colocados em gavetões de madeira, arquitetados por ele, com ranhuras nas laterais de maneira que os suportes ficassem em pé na gaveta, não correndo o risco de quebra ou qualquer outro dano.



Esse acervo de negativos organizados por BJ. Duarte, tem início com aproximadamente 2 mil negativos datados de 1862 a 1919, tendo como pano de fundo o centro histórico de São Paulo. Basicamente essas imagens eram em negativos de vidro emulsionado nos tamanhos 18 x 24cm (Figura 3) e 13 x 18cm e pertenciam a uma coleção definida pela Divisão de Iconografia e Museus (DIM) como Coleção Custodiada - Coleção Fábio Prado, por ter sido adquirida na gestão do prefeito com mesmo nome no ano de 1935.

Composta por álbuns comparativos sobre a cidade de São Paulo, a coleção registrava aspectos sociais e urbanos, especialmente as transformações arquitetônicas e urbanísticas ocorridas na região central da cidade e alguns poucos bairros próximos. Os fotógrafos dessa coleção preciosa são: Militão Augusto de Azevedo, Aurélio Becherini, Aristodemo Becherini e Guilherme Gaensly.





Figura 11: Imagem de um negativo em vidro do Colégio Caetano de Campos, na Praça da República



Fonte: Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo, Guilherme Gaensly (c.1900).



Figura 12: Imagem de um negativo em vidro do Colégio Caetano de Campos, na Praça da República. Imagem invertida, pós digitalização



Fonte: Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo, Guilherme Gaensly (c.1900).



Inicialmente as imagens eram consultadas apenas por pesquisadores internos, ou seja, da própria prefeitura, passou na sequência a despertar interesse de pesquisadores - estudantes de graduação e pós-graduação, artistas, jornalistas, empresas e até do cidadão comum, que muitas vezes quer ter uma imagem da cidade em sua residência ou ponto comercial. As imagens do Acervo Fotográfico do MCSP já foram reproduzidas milhares de vezes em exposições, teses, dissertações, livros, novelas, documentários e periódicos, entre outros meios impressos ou digitais.

Com o passar dos anos, o acervo de fotografias históricas começa a incorporar novas imagens da cidade, as quais continuavam a documentar as transformações arquitetônicas, paisagísticas e sociais na cidade de São Paulo, tais como: o acompanhamento das obras realizadas pelas gestões municipais (prefeitos) os parques infantis — esse acervo foi fruto de uma série de imagens retratadas por B.J. Duarte sob a gestão de Mário de Andrade no Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo — a construção do Estádio do Pacaembu, abertura de ruas e avenidas importantes para o trânsito e locomoção das pessoas na cidade, retificação do Rio Tietê, construção de pontes, viadutos e complexos viários, construção de Bibliotecas em especial a Biblioteca Mário de Andrade, o Elevado Costa e Silva, entre outros vários projetos que modificaram o cenário urbano de São Paulo. (Divisão de Iconografia e Museus, 2004).

Para fotografar e documentar os acontecimentos mencionados anteriormente, fotógrafos de renome foram contratados e faziam parte do corpo técnico da Divisão de





Iconografia e Museus (DIM): Antônio Câmara, Ary Costa Pinto, Benedito Junqueira Duarte, Camerindo Ferreira Máximo, Cláudia Maria Riccio Alcover, Edison Pacheco de Aquino, Gabriel Zellau, José Reiche Bujardão, Márcia Inês, Maria Luiza Martinelli, Sebastião de Assis Ferreira, Waldemir Gomes de Lima.

3 RESERVA TÉCNICA DE FOTOGRAFIAS NO MCSP

No período de 2007 a 2012, o Museu da Cidade de São Paulo, cuja sede administrativa é no centro da cidade (Solar da Marquesa de Santos) em vista do restauro iminente muda-se provisoriamente para o Arquivo Histórico de São Paulo, no Edifício Ramos de Azevedo, bairro do Bom Retiro.

Quando finalmente em 2012, as obras de restauro do Edifício Solar da Marquesa de Santos foram encerradas, foi possível trazer de volta todo o Acervo de Negativos, cerca de 100 (cem) mil unidades e armazená-lo em uma nova instalação definitiva.

A Reserva Técnica foi pensada, planejada e construída em um container dentro do próprio MCSP. Trata-se de uma câmara frigorífica, adaptada com um painel automatizado e um sistema de ar-condicionado que controla a umidade e temperatura do ambiente. As câmaras frias, além do painel de controle da umidade e da temperatura, também possuem em seu interior aparelhos de “dataloggers”³⁷. O espaço tem duas salas: a antecâmara que

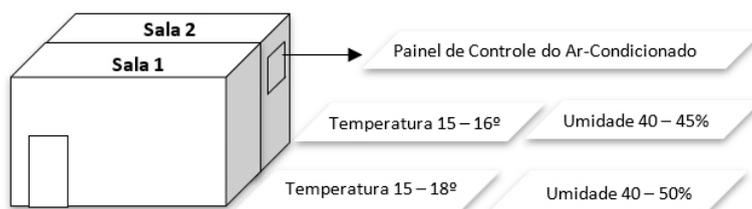
37 Datalogger, como o próprio nome sugere, é um registrador de dados, um dispositivo eletrônico que monitora e registra dados em tempo real ao longo





serve como quarentena para a adequação climática de acervos ao entrarem ou saírem do arquivo deslizante que fica na segunda sala (Figura 13).

Figura 13: Desenho das salas, bem como o mínimo e máximo de temperatura e umidade



Fonte: Elaboração própria (2023).

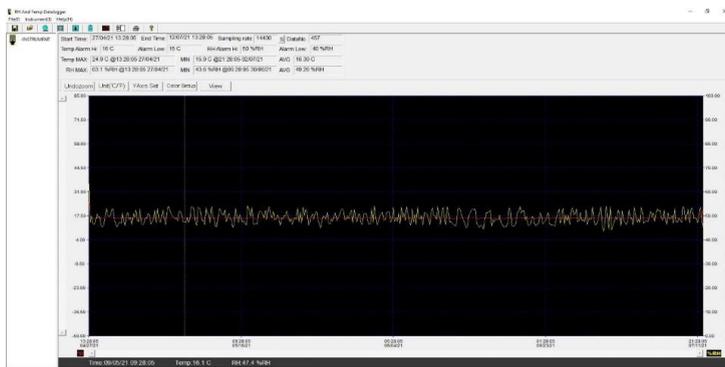


Como dito anteriormente, cada sala possui um “datalogger”, responsável pela medição mensal, 24 horas por dia, realizando o registro da temperatura e umidade a cada 4 horas. A cada dois meses, seus dados são baixados em um computador e analisados conforme pode ser observado na Figura 14.

do tempo ou em relação a uma determinada posição geográfica. Geralmente utilizado em aplicações para medição de longo prazo, o equipamento faz uso de instrumentos para coletar informações de variáveis de campo, como **tensão, temperatura, corrente**, entre outras. (ALTUS, 2017).



Figura 14: Gráfico com as medições de umidade e temperatura, baixadas do “datalogger” que ficam no interior das câmaras frias.



Fonte: *Print* da tela do software do equipamento (divulgação do mcsp) (2023).

3.1 Processos de Higienização, Tombamento, Digitalização e Armazenamento dos Negativos



Assim que as imagens fotográficas são adquiridas por meio de compra ou doação, independentemente de suportes ou tamanho, elas passam por uma quarentena na antessala da Reserva Técnica de Fotografia, sendo monitoradas pelo profissional Bibliotecário, a fim de verificar se não há nenhuma intercorrência com possíveis insetos, pragas ou fungos no material recebido.

Decorrido o prazo, o material segue para higienização, tombamento e catalogação – fotograma por fotograma. Nesse caso estamos falando de negativos fotográficos, visto que 80% do acervo fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo é composto por negativos (vidro, acetato e nitrato). Além do número de tomo ser colocado nos folders, envelopes e caixas que irão acondicionar



o negativo, o fotograma também recebe o negativo, em sua borda com uma caneta nanquim (Figura 15).

Figura 15: Imagem digitalizada com bordas e o número do tombo escrito com caneta nanquim na borda, e detalhado em um recorte aumentado na própria imagem



Fonte: Acervo Fotográfico do Museu da Cidade de São Paulo. Chico Vizzoni –
Novela Dez Vidas (1969) – TV Excelsior.

3.2 Processamento e Preservação das Fotografias

Atualmente o Bibliotecário, responsável técnico pela Reserva Técnica de Fotografia, recebe o lote de negativos ou positivos, sejam adquiridos por meio de compra, doação, coleta





ou qualquer outro meio, os quais seguem os seguintes trâmites descritos no Fluxograma 1:

Fluxograma 1: Trâmites relativos ao processamento e preservação das fotografias

RECEBIMENTO NA SALA DE QUARENTENA
Espaço onde o acervo ficará por pelo menos uma semana, até que seja verificada a não infestação de fungos ou pragas.



HIGIENIZAÇÃO
Os negativos serão selecionados segundo o grau de sujidades (poeira ou fungos) que apresenta, e na sequência são higienizados com soprador na parte da emulsão e na parte do acetato ou vidro, um palito com algodão umedecido em álcool 96%.



TOMBAMENTO
As fotografias também são tombadas individualmente, caso seja um tira de negativo 35cm, cada fotograma recebe um número sequencial, e no caso específico do Museu, precedido por uma letra, sistema apresentado no início e implantado por BJ Duarte. Como por exemplo: 0030/A.



DIGITALIZAÇÃO
Após o tombamento, o negativo é digitalizado (figura 8) em alta resolução, obedecendo algumas normas estabelecidas pelo MCSP, como por exemplo: no formato tiff (cópia master), uma deriva em jpg, e mais duas para cessão e para internet. Sempre digitalizando com bordas de 0,5mm.





ACONDICIONAMENTO

Após a digitalização os negativos são colocados em um folder de papel “filiset” (figura 9) na espessura 75g, depois em um envelope em papel “filiset” 120g, tendo suas abas fechadas com uma cola neutra. Após isso são depositados em uma caixa confeccionada (figura 10) em papel “filifold” 320g, inteiramente feita por dobraduras sem o uso de cola. O nome “filiset” se trata de uma marca de uma empresa que produz o papel neutro para acervos no Brasil. Temos também a possibilidade da guarda em “print file” – material feito em polietileno e polipropileno cristal.



GUARDA EM ARQUIVO DESLIZANTE

Após o acondicionamento em caixas de papel “filifod”, são dispostas em estantes, gavetas e prateleiras seguindo a tipologia do negativo em um arquivo deslizante que fica fechado na segunda sala da câmara fria.

Fonte: Elaboração própria (2023).



Esse trabalho é realizado obedecendo todas as normas museais de conservação para material fílmico (fotografias em negativos – suportes em vidro, acetato e nitrato), disponíveis em material bibliográfico, cursos, seminário e eventos da área, onde foi possível aprender sobre o assunto e tratar o acervo, juntamente com o profissional conservador do MCSP.

Conforme descrito no início, nós profissionais bibliotecários ao mesmo tempo que podemos estar em todas as áreas do conhecimento, também temos o dever de nos especializarmos na área em que trabalhamos, uma vez que independentemente da área do conhecimento ou dos suportes com que iremos trabalhar, deveremos tratar, disponibilizar, iremos tratar, disponibilizar e proporcionar a recuperação da informação com eficácia pelos



nossos pesquisadores e cidadãos comuns que necessitam acessar essas imagens.

Figura 16: Imagem de uma estativa³⁸ eletrônica com câmera acoplada para digitalização do negativo sobre uma mesa de luz



Fonte: João de Pontes Junior (divulgação do mcsp) (2023).

38 O equipamento estativa, tem como finalidade manter o equipamento estático, a fim de que não sofra nenhuma oscilação durante a captura da imagem, assim como um tripé, só que nesse caso específico, por meio de um controle, nós subimos ou descemos a câmera até o negativo para focalizar, podemos também regular por meio de mecanismos do equipamento, se queremos a câmera para frente ou para trás, dependendo da posição do negativo na mesa de digitalização da estativa. Fonte: o autor.



Figuras 17 e 18: Imagens do folder e das caixas onde são armazenados os negativos flexíveis



Fonte: João de Pontes Junior (Divulgação do mcsp) (2023).

Todo esse trabalho é realizado por um Bibliotecário, capacitado de acordo com as normas museais de conservação e preservação de acervo fotográficos, somando-se a isso todo conhecimento adquirido e herdado da Biblioteconomia – graduação e mestrado, além dos diversos cursos, congressos, oficinas, workshops, realizados durante 14 anos à frente do acervo fotográfico no MCSP.





4 CONSIDERAÇÕES

Formado em Biblioteconomia e com Mestrado em Ciência da Informação pela PUC-Campinas, jamais projetamos trabalhar em um museu, muito menos com um acervo de 100 mil negativos aproximadamente, que narram por meio das imagens a memória e a história da arquitetura, urbanização, mudanças paisagísticas, de ruas avenidas e toda a questão social que envolve os territórios na cidade de São Paulo.

Além do trabalho realizado com o acervo fotográfico e todo aprendizado adquirido sobre a cidade por meio das fotografias, e das análises iconográficas realizadas por BJ Duarte, que são verdadeiras poesias sobre a imagem e a cidade buscamos, enquanto profissional bibliotecário, encampar outras atribuições inerentes ao cargo ou mesmo que auxiliem no crescimento e consolidação da instituição museológica onde atuamos.

Membro do Conselho Editorial da Memoricidade – Revista do Museu da Cidade de São Paulo, que possui dois números e cada um com 2 mil exemplares de tiragem; desde algum tempo temos trabalhado na arquitetura da informação dos bancos de dados do Museu. Com a nova e mais moderna onda de explosão da informação, desta vez a informação nato digital, vimos trabalhando na organização mínima desses documentos, buscando implementar no Museu uma política da preservação Digital, com a criação de um Núcleo de Curadoria Digital, para que discussões sejam aprofundadas no âmbito do assunto, tão





importante atualmente em museus, bibliotecas, arquivos, centros de memórias entre outras instituições que fazem guarda dessa tipologia documental.

Desenvolvemos, juntamente com uma equipe interdepartamental, um Vocabulário Controlado sobre os acervos da Secretaria Municipal de Cultura – SMC, e este trabalho redundou, no ano de 2010, na implantação do Portal de Acervos Culturais da SMC, uma ferramenta voltada para consulta na web, nos padrões da plataforma da Europeana, que congregava 15 acervos de tipos variados e mais de 150 mil registros.

Idealizamos, organizamos e Coordenamos o Seminário de Tecnologia e Organização da Informação em Museus, com duas edições, no ano de 2021 de forma online, visto que ainda estávamos em período restritivo por conta da epidemia de Covid-19 e no ano de 2022, trabalhando de maneira híbrida. Ambos os eventos foram de grande sucesso e repercussão, o que acabou por resultar em uma coletânea de textos, sobre o I Seminário, o livro intitulado Diálogos em Museu e Tecnologia, em proveitosa parceria com Danilo Montingelli, coordenador do Programa Diálogos no Museu da Cidade de São Paulo. Atualmente trabalhamos no inventariado do acervo de cerca de 100 mil negativos fotográficos. Em paralelo, outros trabalhos acontecem e um novo Seminário está sendo pensado para 2023.

Por tudo isso, se nos fosse dado escolher novamente uma profissão, escolheria ser Bibliotecário, esse profissional que como diz a música, vive sacodindo a poeira e dando a volta por cima,





driblando e ultrapassando todas as adversidades do mundo da informação, da tecnologia e vamos nos reinventando, desde as primeiras Bases de Dados em CD-ROM, onde todos começam a acreditar que a profissão seria extinta, e quando a Internet apareceu no Brasil em 1995/1996, parece que houve uma catarse total nos profissionais sobre nosso destino, como dito anteriormente, tivemos que nos capacitar e cá estamos vivendo esse momento, gerenciando, comandando, arquitetando toda essa informação física, digital, a ciência de dados e até a inteligência artificial.

Por isso, ser BIBLIOTECÁRIO é... Muito mais que guardar livros em estantes, ou até mesmo trabalhar em Bibliotecas. Podemos estar em qualquer lugar que exista informação, de qualquer suporte, para ser tratada, organizada, e disponibilizada ao nosso público.



REFERÊNCIAS

ABDALLA, Yasmin. Mário de Andrade: Me esqueci completamente de mim, sou um departamento de cultura. 2021. Disponível em: <https://www.sp-arte.com/editorial/mario-de-andrade-me-esqueci-completamente-de-mim-sou-um-departamento-de-cultura>. Acesso em: 28 mar. 2023

ALTUS. **O que é um datalogger e por que você deveria utilizá-lo em sua aplicação?** 2017. Disponível em: <https://bityli.com/Xvt8jW>. Acesso em 27 mar. 2023

MENESES, U. T. B. de. O museu de cidade e a consciência da cidade. *In*: SANTOS, Antônio Carlos Marques dos; GUIMARAENS,



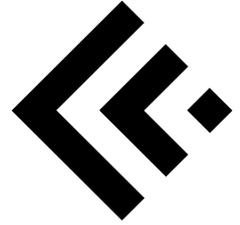
Ceça; KESSEL, Carlos (Org.). **Museus & cidades**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003.

MENESES, U. T. B. de. O Museu na Cidade x A Cidade no Museu. **Rev. Bras. de Hist.**, São Paulo, v. 5, n.8- 9, p.197-205, set. 1984/abr. 1985. Disponível em: https://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=191. Acesso em: 10 jan. 2021.

ICOM – International Council of Museums. **O Icom**. 2023. Disponível em: https://www.icom.org.br/?page_id=4. Acesso em: 10 abr. 2023.

RIBEIRO, Anna Carolina Mendonça Lemos; FERREIRA, Pedro Cavalcanti Gonçalves (Orgs.). Bibliotecário do século XXI: pensando o seu papel na contemporaneidade. *In*: ASSIS, Tainá. **Perfil profissional do Bibliotecário: atual e desejado**. Brasília: Ipea, 2018.





CAPÍTULO 10

Relato de experiência vivenciada na Diretoria de Bibliotecas Públicas do Município de Londrina

Leda Maria Araújo



1 INTRODUÇÃO

Escrever um relato de experiência vivenciada na Diretoria de Bibliotecas (DB) é uma tarefa complexa, visto que a gestão destas instituições é permeada por desafios, necessidade de articulação política, planejamento a curto, médio e longo prazo e entendimento de que cada biblioteca possui carências, dificuldades, peculiaridades e inúmeras possibilidades de atuação. Além disso, é necessário ter ciência de que na contemporaneidade estas instituições se encontram em constante transformação e sua estrutura de ação deve corresponder de modo proativo a uma multiplicidade de demandas.

A Diretoria de Bibliotecas é responsável pela gestão do Sistema de Bibliotecas Públicas Municipais de Londrina - SBPML



e das unidades que o compõe. Atualmente, fazem parte do SBPML as seguintes unidades: Biblioteca Pública Municipal Prof. Pedro Viriato Parigot de Souza, considerada unidade sede do SBPML; Biblioteca Padre Adelino de Carli (antiga Ramal Vila Nova); Biblioteca Ramal Lupércio Luppi, instalada na região norte de Londrina; Biblioteca do Centro de Esportes Unificados de Londrina (CEU), estabelecida na região oeste da cidade; Biblioteca Eugênia Monfranati, localizada na região sul; Biblioteca Especializada de Arte Francisca Campinha Garcia Cid; Biblioteca Especializada Infantil e Biblioteca Especializada do Professor, sendo que as três últimas se encontram na região central de Londrina. Cada uma destas unidades apresenta sua particularidade e especificidade, seja ela relacionada à sua localização, ao público-alvo, ao seu espaço físico e até mesmo ao perfil da equipe de servidores, sendo que todos estes fatores influenciam na gestão como um todo.

Nesta perspectiva, nos primeiros anos de administração as tomadas de decisões pautaram-se nas seguintes ações: 1) avaliações diagnósticas das unidades para identificação das principais dificuldades; 2) Investimento na manutenção e uso do Sistema Sophia para atendimento aos usuários de maneira informatizada, pois até então os empréstimos de livros e cadastros de novos usuários eram realizados manualmente; 3) Trazer a população para os espaços das bibliotecas por meio da elaboração e desenvolvimento de projetos literários e culturais. Nos anos seguintes, as ações se deram na elaboração de projetos e diagnóstico da estrutura predial das Bibliotecas Públicas de





Londrina, com objetivo de captar recursos para desenvolver melhorias nos espaços para melhor acolher os cidadãos.

A atual sociedade exige bibliotecas dinâmicas, vivas e interativas que atuem como organismo vivo, propiciando inclusão social, cultural e tecnológica e contribuindo para a formação do indivíduo e da sociedade. Para que isso ocorra, são necessários recursos financeiros para investimento. Entretanto, a Lei nº 11.535 de 09 de abril de 2012, que dispõe a respeito do funcionamento e estrutura da Secretaria Municipal de Cultura de Londrina (SMC) e a criação do SBPML não prevê orçamento próprio para atuação da Diretoria de Bibliotecas. Neste sentido, faz-se necessária uma atuação ainda mais intensa na articulação e conscientização de outros órgãos e esferas governamentais para captação de recursos para o desenvolvimento de ações e melhorias nas estruturas das bibliotecas públicas.



2 DESAFIOS NO INÍCIO DA GESTÃO DAS BIBLIOTECAS PÚBLICAS DO SBPML

Exercer o papel de gerir uma instituição pública é algo que apresenta diversos desafios, pois o sucesso ou não da gestão está diretamente relacionada a competências, habilidades, planejamento e tomadas de decisões do gestor e às políticas públicas de governo. O diálogo e aproximação com autoridades dos poderes executivo, legislativo e até mesmo judiciário são fundamentais para que o órgão administrado ofereça serviços de qualidade à população.



Dentre os desafios, a escassez de recursos se apresenta como um problema crônico, pois o orçamento do executivo é dividido de forma muito desigual entre as pastas, porém é o modelo determinado pelo Estado Federativo Brasileiro. Contudo, apesar das dificuldades, a Diretoria de Bibliotecas conseguiu avanços importantes por meio de um planejamento estratégico, pautado na ética, na transparência, na impessoalidade, objetivando o bem comum, a cidadania, a inovação nas bibliotecas públicas e trabalhando por uma Londrina leitora.

Diante do cenário que as bibliotecas públicas se apresentavam, para todas as mudanças e projetos implementados foram necessários realizar diagnósticos, análises situacionais e pesquisas juntamente com a comunidade e equipe de servidores, sempre pautados nas tendências da área. Desse modo, relatamos abaixo alguns avanços que repercutiram positivamente na qualidade dos serviços ofertados aos cidadãos.



2.1 Retorno do Horário de Atendimento da Biblioteca Pública Pedro Viriato Parigot de Souza

Na gestão anterior (2012-2016), o horário de atendimento da biblioteca fora reduzido para das 10h às 18h, cuja justificativa era por medidas de contenção de despesas. No caso específico desta biblioteca, a suposta economia referia-se apenas à despesa com energia elétrica, pois os profissionais continuaram a exercer suas funções internamente nos dois turnos, das 08h às 14h e das



12h às 18h, com equipamentos que necessitavam da eletricidade para uso. Dessa maneira, somente o atendimento ao público que não estava sendo realizado, o que gerava filas no horário da abertura da biblioteca.

Dessa maneira, o primeiro desafio foi realizar um estudo e análise dos gastos com energia elétrica para averiguar se realmente havia diminuído os custos, uma vez que os servidores realizavam as jornadas de trabalho normalmente. Após este estudo, concluiu-se que era insignificante o valor economizado e que o custo-benefício em ampliar o horário de atendimento aos cidadãos era muito maior. Constatou-se também que das 12h às 14h os servidores dos dois turnos ficavam juntos no mesmo setor e que os turnos poderiam ser modificados para que as equipes desenvolvessem suas funções da seguinte forma: Turno I: das 07h30m às 13h30m e Turno II: das 13h às 19h. Deste modo, seria possível ampliar o horário de atendimento para 07h30m às 19h e possibilitar o atendimento dos cidadãos que trabalhavam no comércio dos arredores antes ou depois do seu expediente de trabalho.

Assim, o estudo foi apresentado primeiramente à equipe de servidores da Biblioteca e conversado individualmente com cada servidor, verificando a possibilidade de alteração de seus horários de trabalho. Importante ressaltar que o gestor somente toma uma atitude, uma decisão, se conseguir o apoio dos funcionários. Após esta etapa, o estudo foi apresentado ao titular da pasta da atual gestão, que concordou com a ampliação do horário de





atendimento da Biblioteca Pública Pedro Viriato Parigot de Souza. Assim, foi possível otimizar o tempo de serviço e aumentar o horário de atendimento ao público.

2.2 Investimento na Manutenção e Uso do Sistema Sophia

Em uma sociedade onde as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) estão em toda parte, é fundamental que as instituições públicas não dispensem estes instrumentos essenciais para aprimorar os serviços à comunidade. Ao contrário, que se apoderem e as utilizem a favor do bem comum, diminuindo fronteiras entre os órgãos públicos e sociedade civil.

No que se referem às bibliotecas públicas de Londrina, estas vêm ao longo dos últimos anos se ajustando às mudanças sociais, se apropriando dos avanços tecnológicos e subsídios da internet para ofertar serviços via web. Neste sentido, o uso de softwares e plataformas digitais apresenta mais eficácia e traz possibilidades para melhor atender os usuários.

Corroborando com este pensamento, Cunha e Cavalcanti (2008, p.39), dizem que “[...] a automação de bibliotecas utiliza a informática visando modernizar e aperfeiçoar as rotinas, produtos e serviços de uma biblioteca”. É nesta perspectiva que desde o ano de 2012 o software Sophia está sendo utilizado pelas bibliotecas públicas municipais de Londrina como ferramenta para gerenciar os processos de coleta, busca, recuperação, armazenamento e organização de materiais bibliográficos, além de aperfeiçoar os serviços oferecidos aos leitores.





O sistema facilita a entrada e saída do acervo, o cadastro de usuários, emissão de relatórios, dados estatísticos, além de respaldar uma eventual tomada de decisão. No entanto, somente em meados de 2016 que se inicia na Biblioteca Pública Municipal de Londrina o uso do sistema para realização de empréstimos, devoluções de livros e cadastros, mas ainda de forma híbrida, ou seja, parte pelo sistema e parte manual, por meio das fichas catalográficas.

Importante ressaltar que houve necessidade de conscientização do poder público para continuidade do investimento anual na manutenção do sistema, bem como da equipe de servidores para usá-lo de forma mais efetiva. A Diretoria obteve êxito neste quesito que necessitou de inúmeras reuniões com os gestores e equipe para manter o programa. Atualmente todas as bibliotecas públicas municipais utilizam o sistema Sophia e 100% do acervo está cadastrado no sistema, podendo ser consultado de qualquer cidade ou país, acessando a página: bibliotecas.londrina.pr.gov.br. Por meio desta tecnologia, são também disponibilizados serviços online e livros digitais que já estão em domínio público a toda população.



2.3 Trazer a População para os Espaços das Bibliotecas por Meio da Elaboração e Desenvolvimento de Projetos Literários e Culturais

Para o êxito da gestão de uma biblioteca, é necessário conhecer a comunidade, suas demandas reais e potenciais para



planejamento de ações e criação de projetos, produtos e serviços para desenvolvimento a curto, médio e longo prazo.

De acordo com o Manifesto da Unesco “[...] a biblioteca pública é o ponto de acesso principal e dinâmico da comunidade, estruturado para responder de modo proativo a uma multiplicidade de necessidades de informação, que estão sempre em mudança” (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS, 1994). Dessa maneira, as bibliotecas públicas de Londrina têm papel preponderante no desenvolvimento do indivíduo e da sociedade, tendo como missão incluir o cidadão, fornecer condições para autonomia dos leitores e inseri-los nas práticas de mediação literária e cultural, além dos processos de democratização do acesso à informação.

Neste sentido, a Diretoria de Bibliotecas elaborou e executa continuamente projetos e serviços ao público em geral, independente de faixa-etária e classe social, contribuindo com suportes para a formação da cidadania, sendo agente de transformação, informando, formando e transformando o sujeito e a sociedade na qual está inserido e, assim, trazendo a comunidade para dentro da biblioteca. Seguem abaixo os projetos, serviços e ações realizados no âmbito do SBPML.

2.3.1 Toda Quinta tem História

Este projeto teve início em 2017 e consiste em realizar semanalmente sessões de contação de histórias para o público





infanto-juvenil das bibliotecas públicas municipais de Londrina. O objetivo é contar histórias nas bibliotecas por meio da oralidade, uso de fantoches e adereços, de forma que tornem o momento atrativo, dinâmico e lúdico. A mediação da leitura faz parte deste processo, uma vez que é indispensável para a formação de leitores.

De acordo com Almeida Júnior e Santos Neto (2014, p.99) “[...] a mediação da informação está presente em todas as atividades do profissional da informação, serviço de referência, atividades culturais, contação de histórias, e, inclusive no processamento técnico [...]”. Neste sentido, é possível verificar que, para inserir o livro no cotidiano de vida das crianças como um brinquedo, é necessário mediar, mostrar o prazer em ler, apresentar os gêneros literários, as obras e assim, de forma gradativa, formar leitores autônomos e críticos.

As contações são realizadas por voluntários, convidados, professores cedidos pela Secretaria Municipal de Educação e por próprios servidores da Diretoria de Bibliotecas. O projeto ocorre ao longo do ano e conta com programações especiais na Semana do Monteiro Lobato, Semana da Criança, na Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, além de fazer parte da programação de férias da Biblioteca Infantil em julho e janeiro.





Figura 19: Projeto Toda Quinta tem História



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).



2.3.2 Literatura na Biblioteca

Este projeto teve início em 2017 e desde então é executado em parceria com o programa de pós-graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Estadual de Londrina - UEL. Parte da premissa de que a Biblioteca Pública é uma instituição social por excelência e deve exercer seu papel social, cultural e educacional na sociedade. Além disso, o acesso à leitura de literatura é imprescindível para o desenvolvimento dos cidadãos, tornando-os mais críticos e ativos na sociedade.

Neste sentido, o objetivo é propiciar a comunidade e aos vestibulandos palestras, debates e reflexões acerca das obras exigidas no vestibular da UEL. Além disso, dentre os objetivos do projeto, destacam-se: 1) Fomentar a leitura e a reflexão da literatura;



2) Oportunizar a população o acesso a discussões e à criticidade literária; 3) Tornar a biblioteca um espaço de partilha, trocas e aprendizagem; 4) Trazer os jovens para dentro da biblioteca e que este possa construir e ressignificar conhecimentos por meio do acesso à informação.

Para a execução do projeto é estabelecido anualmente um cronograma com as datas dos encontros, horário, título da obra, autor e o nome do palestrante. Estas informações são divulgadas presencialmente nas escolas de ensino médio da cidade, bem como em cursinhos pré-vestibular, nos canais de comunicação da Prefeitura do Município de Londrina (PML) e por meio da internet.

Importante ressaltar que as bibliotecas públicas devem garantir o acesso a leitura de literatura, aos livros. No Brasil, onde o poder aquisitivo médio da população não permite que livros façam parte do cotidiano da maioria das famílias, as bibliotecas públicas, representam a possibilidade de leitura, reflexão e construção do pensamento crítico. (FARIAS, 2014). Abaixo algumas fotos do projeto.





Figura 20: Projeto Literatura na Biblioteca



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).



2.3.3 *Visitas Mediadas*

Este projeto é realizado em todas as bibliotecas que compõem o SBPML com o intuito de aproximar os alunos de instituições de ensino públicas e privadas e demais visitantes a estes equipamentos culturais. Durante a visita, o mediador, por meio da oralidade, apresenta a história da instituição, o funcionamento dos setores, os serviços desenvolvidos e os projetos que são oferecidos ao cidadão.

O objetivo desta ação é mostrar a importância e o papel das bibliotecas públicas no cotidiano de vida dos leitores e seus múltiplos significados e trazer os espaços as novas gerações nascidas na era digital, de forma a inseri-las nas atividades que ocorrem nas bibliotecas e, assim, estimular, instigar e mostrar



o prazer que existe pelo ato de ler. Além disso, a visita mediada visa ampliar o acesso à informação dos visitantes a respeito do patrimônio material e imaterial de Londrina.

Figura 21: Visita Mediada na Biblioteca Pública Pedro Viriato



Fonte: Acervo da autora (2023).



2.3.4 Estreia na Biblioteca

Quinta-feira é dia de estreias em todos os cinemas do Brasil. Assim como os filmes, os livros são importantes expressões culturais, proporcionando momentos de diversão, lazer, informação e conhecimento aos leitores. Consciente deste importante papel, todas as quintas-feiras é dia de estreiar livros novos nas bibliotecas públicas de Londrina.

O objetivo do projeto é disponibilizar e evidenciar títulos inéditos no acervo, estimulando à consulta, o empréstimo, à leitura, aproximando o leitor das novas obras oferecidas pelo SBPML. A cada semana é exposto entre 10 e 20 livros destacando-os em



um expositor sinalizado para facilitar a visibilidade, o acesso e o empréstimo pelos leitores aos novos livros inseridos na coleção. Os livros são compostos por literatura nacional, estrangeira e livros técnicos das diversas áreas do conhecimento.

Figura 22: Projeto Estreia na Biblioteca



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).



2.3.5 Xadrez na Biblioteca

O projeto Xadrez na Biblioteca foi desenvolvido na década de 1980, nas antigas mesas de xadrez que havia na calçada em frente à Biblioteca Pública Municipal de Londrina. No início dos anos 2000 as ações foram desaparecendo aos poucos. No entanto,



em 2018, a Diretoria de Bibliotecas formalizou uma parceria com o Instituto Palhano de Xadrez para oferecer campeonatos de xadrez na biblioteca, como forma de promoção cultural e educativa.

O jogo de xadrez proporciona o desenvolvimento do raciocínio lógico, da concentração e da disciplina, o que contribui de maneira positiva para a formação pessoal e intelectual do indivíduo. Durante os campeonatos, os participantes são convidados a conhecer a biblioteca, o acervo, o espaço de uso dos computadores e a participar de outros eventos. Neste momento é realizada uma mediação direta, planejada, direcionada e objetiva.

A Biblioteca Pública, por meio destas ações, cumpre seu papel social e cultural, torna-se um ambiente de transformação, de oportunidade de aprendizado por meio do lazer, interação e entretenimento.



Figura 23: Projeto Xadrez na Biblioteca



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).



2.3.6 Semana Nacional do Livro e da Biblioteca

A Semana Nacional do Livro e da Biblioteca (SNLB), instituída em 09 de abril de 1980 por meio do Decreto nº 84.631, é comemorada em todo território nacional. Neste sentido, a Diretoria de Bibliotecas realiza anualmente uma programação especial entre os dias 23 e 29 de outubro. O objetivo é articular ações que atuem no fomento ao livro, a leitura e na democratização do acesso à informação em âmbito municipal.

Desde 2016 a SNLB é realizada em rede, com atividades culturais, educativas e literárias em várias bibliotecas do município de Londrina, sendo elas públicas, privadas, escolares, universitárias, entre outras. A organização da semana tem início com alguns meses de antecedência e reúne representantes das instituições parceiras. A SNLB usualmente conta com palestra de abertura e encerramento e também com a tradicional Feira do Livro. Durante a semana são desenvolvidas várias ações, tais como: rodas de leitura, bate-papo com escritores, lançamento de livro com autógrafos, narrativas de histórias, oficinas de escrita criativa, produção de histórias em quadrinhos, literatura de cordel, de confecção de livros, dobraduras, cursos de higienização de obras, de fontes de informação para pesquisa, história dos registros do conhecimento, como contar histórias e formar leitores, piquenique com leitura, exibição de vídeos, campanha de arrecadação de livros e exposições de obras raras, de autores e varal de poesia.





A Feira do Livro tem participação de diversas instituições como: Editora FTD, Cortez, A página, Ciranda Cultural, Brinquobook, Livrarias da Vila, Nobel, Ambientes & Costumes e sebo capricho.

Figura 24: Atividade da Semana Nacional do Livro e da Biblioteca



Fonte: Acervo Diretoria de Bibliotecas (2023).

2.3.7 Música na Biblioteca

Estudiosos têm se dedicado a entender os benefícios que a aprendizagem da música traz para o desenvolvimento humano. Os estudos apontam que, além dos momentos prazerosos, a escuta e a leitura da música contribuem para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, emocionais e sociais, promovendo o bem-estar do indivíduo (Rodrigues; Rosin, 2011) e contribuindo para melhoria de sua qualidade de vida.





A música pode ser explorada de várias formas; a melodia, as rimas, a sonoridade, os estilos musicais, a interpretação, a escuta. Neste sentido, projeto Música na Biblioteca tem o foco na ação mediadora, com objetivo de ouvir, ler e analisar criticamente a música. Assim, a música é entendida como um texto possível de ser lido e interpretado e, considerando seu papel na sociedade, podemos dizer que exerce grande força sobre os seres humanos. No Brasil, a música vem sendo cada vez mais utilizada como atividade de apoio a inúmeros projetos de formação e inclusão social, contribuindo para a diminuição das desigualdades. No âmbito deste projeto, a Diretoria de Bibliotecas realiza parcerias com produtores culturais locais para realização de concertos, palestras sobre a história da música e demais atividades musicais.



Figura 25: Projeto Música na Biblioteca



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).



2.3.8 Lançamento de Livros

O SBPML disponibiliza os espaços das bibliotecas para a realização de solenidades para o lançamento de livros. São eventos que prestigiam os autores, em sua maioria londrinenses, e proporcionam ao público a oportunidade de se manter atualizados sobre os novos títulos de diversas áreas e também de participar de palestras e bate-papos com os autores, conhecê-los pessoalmente e, ainda, de comprar edições autografadas.

A maioria dos espaços em Londrina cobra uma taxa para uso, limpeza e manutenção dos espaços para eventos. Contudo, nas bibliotecas públicas de Londrina os autores e pesquisadores podem realizar seus eventos sem custo, sendo uma forma de reconhecer e valorizar principalmente os autores independentes.



Figura 26: Convite para lançamento de livro

A Biblioteca Pública Municipal de Londrina convida para o lançamento do livro:

"Comunicação e a Prática do/a Assistente Social" de Patrícia Soares

Dia 13 de janeiro às 19h30

Local
Biblioteca Pública Municipal de Londrina
Av. Rio de Janeiro, 413, Centro
Londrina-PR – Fone: (43) 3371-6500

Logos: Prefeitura de Londrina (Secretaria Municipal de Cultura), Biblioteca de Londrina, Prefeitura de Londrina (Secretaria Municipal de Assistência Social), apoio: Freitas Bastos

Fonte: Acervo Diretoria de Bibliotecas (2023).



2.3.9 Exposições

Ao longo do ano são diversas as exposições realizadas nas bibliotecas públicas de Londrina. Os materiais exibidos variam entre livros, cartas, poemas, e também pinturas, imagens, esculturas, ilustrações, entre diversos outros tipos de obras. As exposições podem ser visitadas durante o horário de atendimento das bibliotecas, durante o período estabelecido para a realização da exposição. A entrada é sempre gratuita e aberta à população.

Figura 27: Exposição de telas na Biblioteca Pública



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).



2.3.10 Cursos e Palestras

Eventualmente a Biblioteca promove e/ou sedia espaço para cursos e palestras sobre diversos assuntos e áreas do conhecimento. A entrada é gratuita e aberta a toda a população.



2.3.11 Mural de Empregos

O Mural de Empregos é um serviço de informação utilitária cujo objetivo é auxiliar os cidadãos que estão desempregados e buscam uma recolocação no mercado de trabalho e, assim, contribuir com a melhoria da qualidade de vida da população.

As vagas de emprego são atualizadas diariamente conforme o envio pelas agências de emprego da cidade, pela Secretaria de Trabalho, Emprego e Renda (SINE) e pelos classificados dos jornais de Londrina. A divulgação das vagas também é realizada nas redes sociais da Biblioteca Pública, para proporcionar gratuitamente um acesso mais amplo a estas informações que são de utilidade pública, possibilitando mais oportunidades àqueles que estão em busca de trabalho.



2.3.12 Acesso a Computadores e Internet

O SBPML oferece aos cidadãos serviço de navegação na internet e computadores de forma gratuita. Inicialmente, o serviço foi implantado pelo Governo Federal e, posteriormente, passou a ser administrado pela PML.

Os computadores são utilizados para elaboração de currículo, cadastro em plataformas, realização de pesquisas e para entretenimento, o que contribui para a inclusão digital de pessoas que não possuem acesso à internet. Atualmente a Biblioteca Pública conta com 10 computadores a disposição da população, que podem utilizar este serviço durante o horário de



funcionamento da biblioteca, não sendo necessário reservar os equipamentos para uso.

3 MELHORIAS NA ESTRUTURA PREDIAL DAS UNIDADES DO SBPML

3.1 Reforma da Biblioteca Padre Adelino de Carli

A primeira biblioteca a receber melhorias em sua estrutura foi a Biblioteca Ramal Padre Adelino Di Carli, situada na Vila Nova de Londrina. Em 2017, foi realizada a troca do sistema elétrico, reforma do sistema hidráulico, tratamento e envernizamento das prateleiras de madeira, que estavam infectadas por fungos e brocas. Esta foi a única reforma que ocorreu com recursos próprios da Secretaria Municipal de Cultura.



Figura 28: Reforma da Biblioteca Padre Adelino de Carli



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).



3.2 Reforma da Biblioteca Pública Pedro Viriato Parigot de Souza

Simultaneamente à elaboração de ações para democratizar o acesso ao livro, à leitura, à literatura e à informação, a Diretoria de Bibliotecas elaborava projetos e emendas parlamentares e fazia articulação com autoridades das diversas esferas governamentais para captar recursos e promover melhorias na estrutura predial das bibliotecas públicas do SBPML.

A gestão partia da premissa de que não basta ofertar ações para comunidade e querer trazê-los para dentro da instituição, em um prédio nada acolhedor, nada atrativo, com goteiras e infiltrações. Dessa maneira, após inúmeros contatos e reuniões para sensibilização dos governantes quanto à necessidade de reformas nas unidades, a Diretoria conseguiu, com apoio da Câmara de Vereadores de Londrina, um valor inicial de R\$ 350 mil para a substituição completa dos telhados, calhas e rufos e assim evitar infiltrações, goteiras e vazamentos que afetavam o espaço quando chovia. Além do telhado, foi realizada a revitalização de todo o piso da calçada externa, mantendo a originalidade das pedras pequenas em *petit pavè*, conforme o desenho do piso da década de 1950.

A entrada do prédio também recebeu melhorias como uma rampa para acessibilidade com corrimãos e estrutura de guarda-corpos. A iluminação também foi substituída por luminárias de LED, visto que era uma exigência do corpo de bombeiros para melhorar a visibilidade dos ambientes. Além disso, a Biblioteca Pública





Pedro Viriato Parigot de Souza recebeu pintura na área interna e fachada externa, dando nova vida e imponência ao prédio. As obras tiveram início em agosto de 2019 foram concluídas no início de 2020. Neste mesmo ano, após a finalização das obras, o prédio foi tombado como patrimônio histórico-cultural de Londrina, pois é uma construção da década de 1940 e faz parte da memória e história da cidade.

Figura 29: Reforma da calçada da Biblioteca Pública Pedro Viriato Parigot de Souza



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).

3.3 Revitalização do Piso e Troca do Mobiliário da Biblioteca Pública Pedro Viriato Parigot de Souza

Apesar das melhorias na área externa do prédio e a pintura interna, o piso da Biblioteca é formado por tacos também da década de 1940, e havia acúmulo de cera e sujeiras, que formava





camadas por todo o espaço, tornando-os pretos e sem brilho, sendo que alguns estavam podres e esfarelando. Além disso, a mobília da biblioteca era a mesma desde a década de 1990 e muitos móveis de atendimento eram adaptados para atender os leitores, mas não era digno deles.

Tanto os usuários, quanto os servidores necessitavam de ambiente digno e confortável para lerem e desenvolverem suas funções. Neste sentido, após intensas negociações com os órgãos de planejamento da PML, foi realizada a suplementação ao orçamento da SMC em R\$ 250 mil para restauração do piso da biblioteca e troca do mobiliário. Todo o processo de elaboração do termo de referência para o processo licitatório (orçamentos, detalhamento técnico do objeto) e demais partes burocráticas foram realizados pela equipe de servidores da Diretoria de Bibliotecas. A restauração do piso teve início em 2022 e incluiu a revitalização de 1.100 metros de área interna da biblioteca (piso inferior e superior). O processo de revitalização foi iniciado com o processo de lixamento para a remoção da sujidade acumulada ao longo de décadas. Posteriormente houve a substituição dos tacos danificados e polimento do piso. Após este processo, foram aplicadas três camadas de verniz transparente antichamas, para renovar e tratar a madeira do piso.

Após a secagem do piso, foram instalados os novos balcões de atendimento e mesas de leitura, que foram fabricados sob medida para o espaço da Biblioteca Pública Pedro Viriato Parigot de Souza.





Figura 30: Novo mobiliário da Biblioteca Pedro Viriato



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).

Figura 31: Piso em madeira da Biblioteca Pedro Viriato após revitalização



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).





3.4 Criação das Salas Ubuntu e Nhanderekô Eg Kanhró

Concomitante à revitalização do piso e troca do mobiliário da Biblioteca Pedro Viriato foram inaugurados dois importantes espaços: a sala “*Ubuntu*”, que significa “eu sou o que sou, porque todos nós somos” em homenagem aos saberes e à contribuição da cultura africana para construção da identidade brasileira e a sala “*Nhanderekô Eg Kanhró*”, que significa “conhecimento e sabedoria” e que também foi criada para valorização da cultura e do legado de seus ancestrais para a cultura brasileira.

Figura 32: Sala *Ubuntu*



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).





Figura 33: Sala Nhanderekô Eg Kanhró



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).



3.5 Reforma da Biblioteca Ramal Lupércio Luppi

A mais recente ação da Diretoria de Bibliotecas ocorreu no mês de abril de 2023, com o início da reforma da Biblioteca Ramal Lupércio Luppi, situada na região norte de Londrina. Assim como na Biblioteca Pública Pedro Viriato Parigot de Souza, o prédio da Biblioteca Ramal Lupércio Luppi, inaugurado em 2004, também sofria com problemas estruturais, tais como infiltrações, goteiras, entupimentos e deteriorações do tempo.

Esta primeira etapa de reforma contemplará a troca completa e impermeabilização do telhado, substituição do muro externo e restauro dos pilares da marquise e da calçada frontal. Além disso, o prédio receberá pintura interna e externa.



Após o término desta etapa, está prevista a confecção de móveis planejados para o espaço, sendo que esta contratação ainda está em fase inicial de planejamento.

Figura 34: Reforma da Biblioteca Ramal Lupércio Luppi



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).



4 DEMAIS CONQUISTAS DA DIRETORIA DE BIBLIOTECAS

4.1 Prêmio Boas Práticas na Administração Pública

Por iniciativa do Observatório de Gestão Pública de Londrina (OGPL), em 2018, foi aberto um edital para premiar as “Boas Práticas na Administração Pública”, direcionado a órgãos públicos da esfera municipal, estadual e federal com atuação em Londrina.



O edital foi composto por três áreas: “Transparência e eficiência”, “Controle social e participação da comunidade” e “Promoção da cidadania”. Os projetos inscritos foram avaliados por critérios de relevância da prática para o Município, custo-benefício, resultados alcançados, efetividade, simplicidade, praticidade, criatividade e inovação. Os projetos também foram analisados nos quesitos clareza, objetividade e contemplação dos demais requisitos que constavam no regulamento do edital.

Dentre as ações executadas pela Diretoria de Bibliotecas optou-se por cadastrar o projeto Literatura na Biblioteca na linha “Promoção da Cidadania”. Os dez projetos finalistas foram convidados para fazer uma apresentação para a seleção dos cinco melhores projetos. O projeto Literatura na Biblioteca ficou em 4º lugar, o que representa uma grande conquista, considerando que o edital era aberto às esferas municipal, estadual e federal.

Este prêmio foi o primeiro na história das Bibliotecas Públicas de Londrina e foi considerado pela banca avaliadora como uma ação de transformação e construção de cidadãos, o que motivou a equipe a pensar em novas iniciativas para formar leitores.





Figura 35: Certificado do Prêmio Boas Práticas



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).



4.2 Aquisição de Acervo

Dentre as metas estabelecidas pela Diretoria de Bibliotecas, uma das prioridades era trabalhar para garantir a compra de livros diversificados e atualizados, compreendendo todas as áreas do conhecimento. Desde a década de 1990, quando passou a ser subordinada à SMC, A Biblioteca Pública Municipal de Londrina nunca realizou compra de livros para o acervo, sendo que esta sobrevivia apenas com doações da comunidade.

Neste sentido, após algumas reuniões como setor financeiro e justificativa acerca da importância do desenvolvimento de coleções nas bibliotecas, a SMC criou uma rubrica específica para aquisição de livros. Desde então foram realizadas duas grandes compras para as sete bibliotecas públicas do SBPML. O objetivo



é oferecer à comunidade um acervo atualizado, diversificado, atendendo às demandas de acervo das diversas áreas do conhecimento. De acordo com Milanesi (2013, p.62):

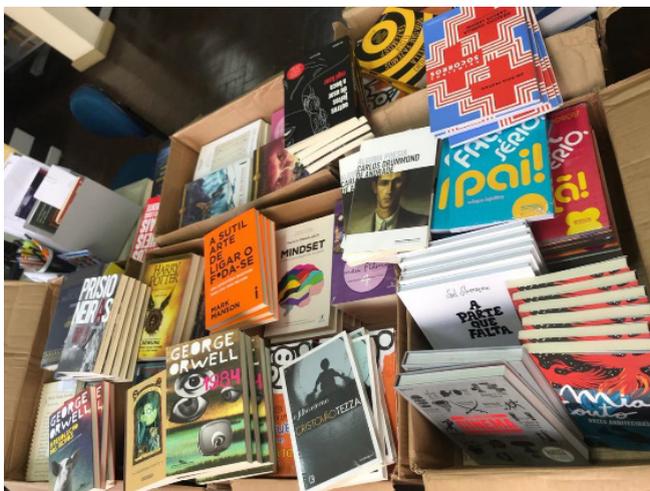
Nessas bibliotecas, a precariedade do acervo é crônica. O público tem interesse diversificado e não há correspondência entre esse desejo e as obras disponíveis. Quanto maior for a heterogeneidade do público, maior será a dificuldade de formação de acervo. As cidades, mesmo as menores, mostram uma diversidade sociocultural complexa. Nelas habitam classes sociais diferentes, grupos com escolaridade diversa, interesses múltiplos que se multiplicam pelas faixas etárias. A possibilidade que tem uma biblioteca municipal de oferecer acervo que atenda a interesses de adultos e crianças, doutores, alfabetizados e analfabetos, operários, donas de casa, adolescentes e de outras categorias é, estatisticamente, diminuta. [...] Os acervos impróprios – aqueles que não se relacionam com o público ao qual se destinam – foram criados em décadas, de forma fortuita, sem previsão, sem planejamento.

O acervo das bibliotecas públicas deve suprir as diferentes demandas e necessidades informacionais dos indivíduos na sociedade contemporânea, seja por meio do acervo impresso ou digital. Apesar da aquisição de livros em uma biblioteca pública parecer algo simples e básico, a realidade se torna complexa em uma sociedade que não valoriza a leitura.





Figura 36: Caixas com os livros comprados pela DB



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).



4.3 Óculos Orcam

O SBPML, em parceria com a Secretaria de Estado da Justiça, Família e Trabalho (SEJUF) do Governo do Estado do Paraná, recebeu um par de óculos com dispositivo inteligente de leitura para deficientes visuais. O aparelho portátil permite acessibilidade, inclusão e autonomia dos usuários que possuem dificuldades de visão. É um equipamento moderno, que permite a leitura por escuta, código de barras, identificação facial e de objetos.

Esta tecnologia veio de Israel, e objetivo do uso destes óculos é ampliar a acessibilidade ao livro e à leitura. A biblioteca possui servidores treinados para orientar o público a utilizar esta ferramenta que está fazendo a diferença na vida de muitos cidadãos e instituições que atuam com deficientes visuais.



4.4 Comemoração dos 70 anos da Biblioteca Municipal Pedro Viriato Parigot de Souza

Inaugurada em 04 de setembro de 1951, a Biblioteca Pedro Viriato Parigot de Souza comemorou recentemente seus 70 anos atuando de forma acolhedora, democrática e universal. As festividades foram realizadas no período de setembro de 2021 a setembro de 2022, com diversas atividades que ocorreram ao longo do ano. Uma destas atividades foi realizada pela equipe de servidores da DB, que montou uma exposição fotográfica itinerante com o tema “70 anos da Biblioteca Pública de Londrina”, que contou com 20 imagens fotográficas de momentos históricos da BP em Londrina.

Além desta exposição, a Associação dos Profissionais de Dança de Londrina (APD), com apoio do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (PROMIC), realizou na BP o “Projeto Bibliocircuito 22 – Modernismo e Antropofagia”. Esta ação contou com uma extensa programação que incluiu palestras, conferências, cortejos, oficinas, saraus, salas temáticas, shows com palco montado em frente a BP. O Bibliocircuito atuou fomentando as ações de incentivo ao livro, à leitura e à literatura, dando visibilidade à BP e refletindo acerca dos 100 anos da Semana de Arte Moderna no Brasil.

Para comemorar os 70 anos também foram elaborados uma logo comemorativa (recebida por meio de doação pelo artista londrinense Maikon Nery), o selo comemorativo dos 70 anos e





uma coleção de marca páginas que foi distribuída aos leitores da BP. Em parceria com a Sercomtel Iluminação, a Biblioteca Pública também recebeu uma iluminação comemorativa em LED na fachada do prédio.

Figura 37: Selo comemorativo dos 70 anos da BP



Fonte: Acervo da Diretoria de Bibliotecas (2023).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contemporaneidade apresenta constantes mudanças e inovações, marcada por uma complexa relação entre tecnologia, economia, educação e cultura, num processo acelerado de produção da informação. E o Brasil chega a este século XXI, sem





uma política efetiva e planejamento para o desenvolvimento das bibliotecas públicas.

Neste sentido, a sensibilização do poder público e autoridades governamentais acerca da necessidade de recursos financeiros e humanos para atender a ampla multidimensionalidade do papel e missão da Biblioteca Pública é constante e contínua. O papel político do profissional da informação é fundamental para execução das metas e planejamentos. A capacitação contínua também é uma exigência para o gestor.

Importante ressaltar que é impossível mensurar nestas poucas páginas toda vivência, sentimentos e sonhos de transformação em cada reunião com o poder público, em cada acompanhamento das bibliotecas ramais, em cada evento realizado nas unidades. Há dificuldades? Sim, muitas, a gestão de pessoas é a parte mais difícil na administração de uma instituição, foi inúmeros os cursos realizados na área de psicologia e administração, com foco em: “Administrando Conflitos no Ambiente de Trabalho” “Liderança e Gestão de Pessoas no serviço público”. Ter planejamento estratégico, disciplina, foco, determinação, autoconhecimento, saber identificar o perfil dos membros da equipe e conhecer as demandas reais e potenciais da comunidade, são itens fundamentais para alcance das metas.

As bibliotecas de Londrina são inclusivas e acessíveis, atuam em rede, possuem políticas, normas e manuais de serviços para nortear os processos biblioteconômicos desenvolvidos em seus âmbitos.





REFERÊNCIAS

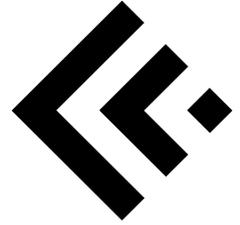
ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco; SANTOS NETO, João Arlindo dos. Mediação da informação e a organização do conhecimento: interrelações. **Informação & Informação**, Londrina (PR), v.19, n.2, p.98-116, maio/ago. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/informacao>. Acesso em: 1 mar. 2023.

CUNHA, M. B. da.; CAVALCANTI, C. R. de O. Dicionário de biblioteconomia e arquivologia. Brasília: Brinquet de Lemos, 2008.

FARIAS, Fabíola. **A biblioteca pública e seu projeto político: entre a conformação e o pensamento**. Perspectivas em Ciência da Informação, Belo Horizonte, v.19, número especial, p.242-253, out./dez. 2014.

RODRIGUES, Carmen Aguera Munhoz Rodrigues; ROSIN, Sheila Maria. **A importância do ensino de música para o desenvolvimento infantil**. 2011. Disponível em: http://www.crc.uem.br/pedagogia/documentos/carmen_rodrigues.pdf. Acesso em: 2 mar. 2023.





CAPÍTULO 11

Reflexões de uma garota do programa

Liliana Giusti Serra

Desde o início da graduação a tecnologia me fascinava! Ficava imaginando trabalhar com sistemas que permitissem a descrição e recuperação de dados a partir de cadastros de informações estruturadas. Nesta época a informatização estava engatinhando nas bibliotecas do Brasil, num período que podemos chamar de ‘bit lascado’, uma vez que não existia a Internet, o sr. Bill Gates era um ilustre desconhecido e o supprassumo da automação de bibliotecas era a plataforma CDS/ISIS (isso mesmo, o ISIS, o “pai” do WINISIS), que permitia somente o cadastro e, a muito custo, a geração das etiquetas dos livros.

Desde as primeiras experiências profissionais, ainda estudante, a tecnologia se mostrava em algumas horas como uma realidade distante, em outras como uma brincadeira possível, forçando o pensamento lógico em uma seara humanista. Independentemente da instituição onde eu fosse trabalhar, a





tecnologia sempre me acenava como um desafio encantador, e era inútil resistir. Seguimos juntas, não sem percalços, com algumas escoriações e muito aprendizado pelo caminho.

Neste ponto da minha carreira, já formada, participava de todos os projetos que envolviam automação de bibliotecas aos quais tive acesso, aprendendo a lidar com planilhas, linguagens diferentes e conversar de igual para igual com analistas, inclusive no desenvolvimento de sistema para solucionar situações corriqueiras na biblioteca universitária onde trabalhava na época.

Até que um dia fui contratada para organizar o acervo de uma biblioteca de uma instituição de ensino superior privado em São Paulo. O trabalho era para ser iniciado do zero, situação não muito comum. A instituição tinha contratado um sistema para gestão de bibliotecas, que, desconfio, nem tinha sido oficialmente lançado ainda. Era um produto novo, desenvolvido pela mesma empresa que fornecia o software de gestão escolar dessa instituição. Ao abrir o sistema aparecia uma tela preta com desenhos imitando lombadas de livros coloridos, até o carregamento total da ferramenta. Permitia a descrição de recursos de informação, porém parecia limitado ante a anarquia conquistada ao trabalhar com planilhas Access ou no sistema que eu tinha construído com um analista em Visual Basic (VB).

Num segundo relance notei que faltavam alguns campos necessários e, ao afirmar ao dono da instituição que aquele sistema não atenderia, a resposta foi: mas é com esse que você vai





trabalhar. Certo. Então me dá o telefone desta empresa. E foi assim que conheci o Sophia Biblioteca.

Fui a primeira usuária do sistema na cidade de São Paulo. Ao ligar, fui atendida pelo Eduardo Voigt, sócio fundador, e fui logo explicando: o sistema precisa ter algumas alterações agora porque eu recebo comissão do MEC em 2 semanas e não posso esperar. Alinhamos o que era minimamente indispensável e fui catalogando o acervo enquanto isso. Os ajustes foram feitos, veio o MEC, fomos aprovados. Novamente liguei ao Eduardo e avisei: agora vamos começar a trabalhar! Fui identificando funcionalidades necessárias, com o sistema evoluindo na medida em que a própria instituição de ensino ia crescendo. Em 1999 tivemos o primeiro encontro de usuários, reunindo os bibliotecários que aceitaram o desafio de fazer o sistema evoluir. Seis corajosos clientes reunidos numa mesa, elencando e priorizando as funcionalidades necessárias à evolução do produto. MARC, ISO2709, protocolo z39.50, OAI-PMH e outras siglas eram uma sopa de letrinhas desconhecidas. Existia muita coisa a ser feita.

O contato com o software sempre foi próximo, tanto com o sócio diretor, quanto com a equipe de suporte e analistas. Nesta época teve uma primeira sondagem sobre a possibilidade de trabalhar na evolução do sistema. Não era o momento. Para os dois lados. E a oportunidade passou.

Fui cliente nesta instituição de ensino por cerca de três anos, quando surgiu a oportunidade de atuar em biblioteca jurídica. Era uma experiência que queria ter e que realmente foi um divisor





de águas na minha carreira. Então surgiu um segundo convite para trabalhar com o Sophia, mas na época não tinha condições de morar em São José dos Campos, sede da empresa. Trabalho remoto era algo impensável naquele momento e, realmente, não estávamos preparados para isso.

Da biblioteca jurídica retornei à área cultural, onde, novamente, enveredei à informatização. O desafio era reunir mais de 30 bases de dados diferentes, com temáticas diversas em literatura, música, artes plásticas, teatro e fotografia e torná-las públicas na Web. Aprendi muito sobre migração, tratamento e limpeza de dados com Ernesto Spinak, consultor internacional que participou do projeto. Acho que foi nessa ocasião que me apaixonei por migração e conversão de dados. Alguém tem que gostar disso, não é?

Mesmo não sendo cliente Sophia, era convidada a participar dos encontros de usuários e acompanhava à distância a evolução do sistema. Fui a praticamente todos os Encontros Sophia. Até que surgiu a possibilidade de ser cliente novamente. Sistema contratado, migração de dados caminhando, implantação em curso, mas uma mudança de planos inesperada. Então veio novo convite e não se nega três vezes uma oportunidade. Além da mudança na forma de atuação bibliotecária, veio outro desafio: trabalhar de forma remota. Neste mesmo ano iniciei atividades como docente no curso de biblioteconomia.





Trabalhar com sistemas é muito diferente da prática do bibliotecário. A atuação não é limitada somente às evoluções do produto, mas também à documentação, criação e atualização de manuais, regras de negócio, relacionamento com clientes, apoio ao suporte, treinamentos internos e externos, implantação de projetos, palestras, consultorias, viagens, apresentações a prospectivos, análise de concorrentes nacionais e estrangeiros, entre outras atividades. Além de muito estudo.

Logo no início das atividades o choque: percebi-me sem acervo, sem usuários e sem equipe. Confesso que o primeiro impacto foi um vazio enorme: o que estava fazendo fora do meu habitat natural? Mas não tinha tempo para chorar o leite derramado, com muita coisa a ser feita. Peguei o medo que tentou me paralisar e o arrastei a contragosto neste novo e incerto caminho, sem olhar para trás.

Passei a ter contato com instituições diversas, públicas e privadas, pequenas e grandes, conhecendo realidades distintas, analisando solicitações, questionamentos, *bugs*, além de acompanhar o surgimento de novas regras e atualização de padrões existentes. Conheci realidades diferentes, neste país de proporções continentais e enorme diversidade. Além da participação na estratégia de desenvolvimento do produto, outras funções demandavam atenção, como apoio ao comercial e ao marketing, presença em congressos e reuniões, ministrar palestras e cursos, presenciais e remotos, além de apoiar clientes com dúvidas diversas, nem sempre restritas ao software.





Este contato despertou algo que estava adormecido: a curiosidade por novos conhecimentos. Clientes começaram a perguntar sobre a introdução de livros digitais nos acervos e eu não sabia como responder, porque era algo muito distante de nossa realidade. E comecei a pesquisar, de forma autônoma. E a compartilhar os achados, seja em *blogs* ou em apresentações. E então veio a decisão de formalizar os estudos: eis o mestrado!

Não tenho como agradecer a coragem e generosidade do Prof. Dr. Fernando Modesto ao aceitar ser meu orientador, mesmo com a temática não sendo sua área de estudo. Acreditou na importância da pesquisa proposta, me trouxe serenidade e condições para aprofundar os estudos. Tudo isso enquanto trabalhava, estudava, dava aulas, num período em que viajei muito, praticamente todas as semanas em aeroportos. Não era simples conciliar todas as atividades com o mestrado, mas com foco e disciplina finalizei em um ano e meio, com indicação da banca de qualificação para doutorado direto e lançamento de livro antes da defesa.

Mas o mestrado não me dava autonomia para publicar sozinha e eu queria essa liberdade. Seguir para o doutorado foi o caminho natural, desta vez acolhida pela UNESP, em Marília, ampliando os pares com os quais poderia dialogar. Queria aprofundar ainda mais os estudos sobre livros digitais, mas meu orientador Prof. Dr. José Eduardo Santarém Segundo me mostrou a web semântica e um admirável mundo novo se descortinou em frente aos meus olhos. Aproveitei meus conhecimentos em





catalogação, aliados aos desafios da gestão de livros digitais em bibliotecas e as tecnologias da web semântica, numa pesquisa que, num primeiro olhar, reunia temas que não tinham aderência, e, em alguns casos, possuíam correlações sutis.

Durante os anos de estudos, tanto no mestrado quanto no doutorado, tive total apoio do time Sophia para pesquisas, participação em aulas e eventos, conciliando as atividades profissionais com as acadêmicas, com direito a um hiato de um semestre como *visiting scholar* na *University of Illinois at Urbana-Champaign*, sob orientação da brilhante Jodi Schneider. Foi um período importante, onde pude me dedicar à pesquisa, além do contato com a realidade norte-americana, considerando experiência, atuação e formação profissional. Não poderia ter bebido em melhor fonte!



Tendências novas passaram a ser fruto de investigações e a tríade catalogação – *linked data* – conteúdo digital vêm proporcionando avanços importantes na área. Ter a possibilidade de contribuir com esse processo é muito gratificante e compensa os momentos de incerteza, quando não sabemos qual direção tomar, seja frente a uma nova tecnologia, desafios interpessoais, concorrência desleal (sim, isso existe!) ou a necessidade de buscar capacitação de forma autodidata em curto espaço de tempo e poucas fontes disponíveis.

Já enfrentei a desconfiança de colegas, que fizeram verdadeiras sabatinas, questionando a eficácia do sistema e meus conhecimentos. E conheci um outro tipo de situação: muitas



vezes não fui convidada para palestrar em eventos por temerem que eu fosse falar do sistema e não da temática proposta, sendo identificada como uma vendedora, antes de ser uma profissional da informação. Isso ocorre até hoje, como se eu não tivesse outro assunto a não ser Sophia.

Existem bons sistemas de biblioteca no Brasil, e o Sophia é um deles. Trabalhar com desenvolvimento de software é uma atividade muito custosa. A evolução é constante, não tem fim, e as pessoas não têm ideia do esforço necessário para isso. Quase como secar gelo! O desenvolvimento é lento e o tamanho do sistema aumenta a complexidade de atualizações, demandando extensas baterias de testes. Além de novas funcionalidades, é necessário acompanhar a evolução e atualização dos padrões, formatos e protocolos adotados, visto que a aderência não pode sofrer efeitos colaterais. No momento que acreditarmos que somos o melhor sistema do mercado será a hora de parar, pois não se alcança a plenitude nesta seara. É numa espiral constante, perseguindo o próprio rabo, num *loop* infinito.

Somos dedicados e sérios na evolução, cientes de que um sistema nunca estará pronto ou completo. Precisamos ouvir nossos clientes e parceiros, pois é para eles que construímos e mantemos a ferramenta. Mas também precisamos acompanhar as tendências do mercado e da tecnologia. Integrar a ferramenta com outros sistemas também é complexo e sensível, visto que os sistemas estão sempre evoluindo e uma integração precisa ser revista com periodicidade.





Ajuda muito ter um pé na academia para acompanhar e participar das discussões da área, no país e exterior, identificando melhorias e tecnologias que podem ser aplicadas para favorecer as atividades de bibliotecários e serviços aos usuários. A experiência em sala de aula conta muito nos momentos de capacitação, além de desenvoltura para falar em público. Isso não significa, porém, que seja uma atividade indolor. O frio na barriga está sempre presente.

Assim que retornei de Illinois participei de evento sobre o RDA no Brasil. Nesta ocasião ficou evidente que uma adesão das bibliotecas brasileiras ao RDA dependeria do apoio dos desenvolvedores de sistemas, proporcionando condições para realização de descrições aderentes ao novo código. Desde então tenho me dedicado a estimular a adoção do RDA no país, contribuindo com a capacitação dos bibliotecários, seja em ações abertas e gratuitas ou oferta de cursos pagos, priorizando os clientes Sophia. Aprendi e aprendo sobre RDA todos os dias, com o exercício de trazer a norma à realidade das bibliotecas brasileiras, em aplicações práticas, conciliando os dados legados ao novo padrão. O RDA é uma norma em constante evolução e que não determina como deve ser a saída dos dados. Temos muito para explorar neste ponto, subvertendo as possibilidades de apresentação e saindo de nossa zona de conforto.

Para atuar com desenvolvimento de software para bibliotecas a atualização é constante, com disciplinas novas aos bibliotecários, como arquitetura da informação, *user experience*





(UX), *search engine optimization* (SEO), inteligência artificial (IA), aprendizado de máquinas (*machine learning*), entre outras coisas. Não sei escrever códigos, mas entendo a estrutura de bancos de dados, relações entre tabelas e pensamento lógico. Conheço alguns poucos comandos de bancos de dados, mas não me aventuro nessa seara. Cada um no seu quadrado, contribuindo com suas habilidades.

Quando iniciei no Sophia eu me reconhecia como uma bibliotecária de sistemas. Quanta ingenuidade! Hoje entendo que sou uma bibliotecária de metadados, visto que não tenho formação em computação ou análise de sistemas. Não é preciso conhecer programação ou ser analista para atuar com tecnologia da informação. Sem dúvida alguma agrega muito, mas não é essencial. O importante é compreender o negócio e como o sistema pode ajudar no desenvolvimento das atividades dos bibliotecários. E ter vivenciado as experiências de colegas, entender suas alegrias e dores. Acho bem complicado alguém que nunca encostou a barriga num balcão de empréstimo em biblioteca universitária, em final de semestre, com a tensão exalando por todos os poros dos usuários, entender a urgência de algumas demandas, quando as bibliotecas precisam fazer cada vez mais com menos recursos humanos ou orçamentários.

Ter pleno domínio de padrões descritivos (AACR2, RDA, MARC21, ISBD, Dublin core, ABNT etc.), linguagens documentárias (tesauros, vocabulários controlados, indexação pré e pós coordenada etc.), conteúdo digital aberto e licenciado,





repositórios digitais etc., com capacidade de argumentação embasada em conceitos e experiência é fundamental. Uma formação profunda em catalogação é alicerce indispensável, assim como o conhecimento do formato MARC 21, enxergando suas virtudes e restrições.

A preocupação com a aderência ao formato é um ponto muito delicado, visto que ele permite adaptações e liberdades poéticas, que podem custar caro à biblioteca, ocasionando em baixa integridade ou perda de dados. Entender o formato, sem idolatrias, resistências ou condescendências, sabendo que, em algum momento, o MARC será substituído, abrindo espaço para outras estruturas descritivas. O formato já cumpriu sua missão na terra e merece descansar, com todas as honras e glórias a que tem direito, com enorme gratidão pelos serviços prestados.

Trabalhar com *software* de biblioteca é fazer a ponte entre a demanda do bibliotecário e o que precisa ser desenvolvido pelos analistas, respeitando a aderência aos formatos, padrões, protocolos, saídas de dados, regras de negócios e funcionalidades variadas. É acompanhar e participar de congressos e publicações sobre as tendências da área no Brasil e no exterior, sem se deslumbrar com o que é feito lá fora. Nem sempre o que é bom para outros países tem aplicação no Brasil e vice-versa. Tem coisas que são interessantes, e contribuímos para sua divulgação aqui, estimulando o uso, se apropriado. O Brasil possui um mercado forte na área de sistemas de bibliotecas. Foi-se o tempo em que a única opção de automação era com sistemas estrangeiros, quando





precisávamos nos adequar aos softwares, e não o contrário, sem a flexibilidade que a biblioteca precisa para estabelecer suas práticas e definir os serviços prestados. Sem falar nas adequações específicas, uma prática brasileira.

Conhecimento de outros idiomas ajuda muito, tanto para acompanhar eventos e literatura, quanto para ter reuniões, apresentações e discussões com parceiros e clientes. Somos um software brasileiro, mas com atuação internacional. Um sistema não precisa ficar restrito ao seu local de origem. Temos uma participação ativa em outros países, com os desafios de mudança de idiomas, práticas bibliotecárias, padrões locais e serviços aos usuários diferentes dos realizados por aqui. E isso é, além de ser um desafio, muito enriquecedor.

As bibliotecas brasileiras possuem necessidades diferentes das norte-americanas e europeias. Muitas atividades e rotinas são comuns, as normativas são as mesmas, mas os serviços prestados e os produtos disponíveis são distintos. A própria formação do bibliotecário brasileiro é diferente, assim como a cultura de bibliotecas em outros países. Não é melhor, nem pior, apenas diferente.

Ter um sistema com uma funcionalidade que não tem aplicação no Brasil é muito frustrante. É o mesmo que ter um Porsche que será utilizado para ir até a esquina de casa e voltar de ré. Um desperdício, sem falar no investimento inútil do que não será utilizado e, quase sempre, é pago em moeda estrangeira!





Ao pensar em sistema, não se desconsidera a interoperabilidade. Nunca um software será completo e abrangerá todas as necessidades de uma instituição, então a demanda para que outros sistemas conversem entre si é fundamental. A construção deve ser concebida e estruturada com padrões internacionais e abertos, para que seja possível trocar dados com outros sistemas, evitando a redundância, com vias de reaproveitamento de dados. Na concepção de evoluções a flexibilidade é um ponto chave, evitando reinventar a roda ou trabalhar com formatos proprietários e padrões fechados, que dificultam a comunicação entre máquinas. Por isso ter domínio do que é possível ser feito, do que ainda não é possível com a tecnologia atual e, principalmente, como distinguir esses dois casos.



Não existem bibliotecas iguais. O que é bom para uma não funcionará em 100% dos casos na outra. Bibliotecas não são somente livros, mas recursos de informação. E, apesar de utilizarmos regras consolidadas, não significa que é tudo a mesma coisa. A tipologia de bibliotecas é ampla, assim como os acervos, comunidades usuárias e profissionais atuantes, com formação e experiência variadas.

Outro aspecto que é cada vez mais relevante é a gestão. Foi-se o tempo que um sistema era para somente descrever os recursos e emitir etiquetas. Tem todo o lado gerencial, com controle de circulações, cadastro de usuários, históricos de solicitações, demandas versus oferta, reservas, aquisições, permutas, saída de dados em formatos variados etc. Isso sem falar na distinção entre



a gestão do acervo analógico e do digital! Enquanto pensarmos os livros digitais como somente uma alteração de formato físico não estaremos prontos para trabalhar com estes recursos. E tem também os repositórios! Quanta novidade.

O trabalho em bibliotecas é invisível e para o leigo ficamos lendo o dia todo. Quem dera! Os materiais (ainda) não se auto catalogam, é fundamental dar autonomia aos usuários e o bibliotecário toma decisões baseado em indicadores, principalmente numa realidade com cada vez mais conteúdo digital nas coleções. Mais do que nunca o usuário não precisa fazer consulta em catálogos impressos, aliás, nem precisa ir até a biblioteca, podendo descobrir e, muitas vezes acessar remotamente o que procura. O volume de dados trabalhado é imenso e não faz sentido continuar a investir em conceitos analógicos para controlar tudo. Da mesma forma que não é feito o controle de circulação com fichas carimbadas com datas para saída e devolução de materiais, as atividades são dinâmicas, com uma comunicação direta, segura e confiável com os usuários, usando a tecnologia para isso.

Muitas práticas precisam ser repensadas, afinal algumas rotinas ainda são feitas com a cabeça na ficha em papel de 7,5 por 12,5 cm. Não temos mais restrições de espaço para descrições, não é necessário fazer desdobramento de fichas, um registro pode ser descrito com coerência, evitando que um mesmo dado seja transcrito de formas variadas porque o formato não consegue reaproveitar um termo já digitado. Mais do que nunca





precisamos reaproveitar dados que estão em outras bibliotecas e, principalmente na Web, para otimizarmos nossos serviços.

Trabalhar em sistema é uma forma diferente de atuação ao bibliotecário. É ser fornecedor para clientes muito exigentes e detalhistas e que possuem um orçamento limitado. Infelizmente, a biblioteca não costuma ser prioritária no Brasil, tendo que fazer muito com o pouco que tem e com baixos investimentos.

Trabalhar em uma ferramenta como meio para que a atividade fim da biblioteca seja desenvolvida, de forma simples, ágil e eficaz é árduo.

Vivo uma simbiose, sendo confundida com o nome do sistema. Essa é a Sophia! Ou então, chama a “garota do programa” ou “a garota Sophia” para apresentar a solução para a gente. Essas situações são divertidas, proporcionando chances de conhecer muitas pessoas e trocar experiências com colegas, no Brasil e no exterior. Não poderia ser mais grata pela oportunidade.



BIBLIOGRAFIA

Abaixo foram listados alguns textos interessantes para quem deseja saber um pouco mais sobre sistemas de bibliotecas e automação na área. Não é uma lista exaustiva, mas apenas algumas sugestões:

AVRAM, H. D. **MARC, its history and implications**. Washington, DC: Library of Congress, 1975. Disponível em: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015034388556&view=1up&seq=3>. Acesso em: 28 abr. 2023.



BERNERS-LEE, T.; HENDLER, J.; LASSILA, O. The semantic web: a new form of Web content that is meaningful to computers will unleash a revolution of new possibilities. **Scientific American**, May 2001. Disponível em: <http://www2.ic.uff.br/~bazilio/cursos/sistweb/material/Barners-Lee-Scientific-American-May-2001.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2023.

BREEDING, M. **Library technology newsletter**: features, news, and analysis. 2023. Disponível em: <https://librarytechnology.org>. Acesso em: 30 abr. 2023.

BUSH, V. As we may think. **The Atlantic**, July 1945. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881>. Acesso em: 23 mar. 2023.

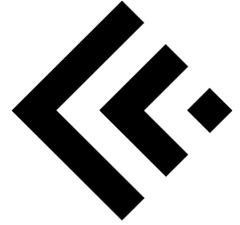
CUNHA, M. B. A biblioteca universitária na encruzilhada. **DataGamaZero**, v. 11, n.6, dez., 2010. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/14869/1/ARTIGO_BibliotecaUniversitariaEncruzilhada.pdf. Acesso em: 23 abr. 2023.

LIBRARY OF CONGRESS. **MARC standards**. 2022. Disponível em: <https://www.loc.gov/marc>. Acesso em: 29 abr. 2023.

SERRA, L. G. O formato MARC e o RDA: tempos de mudanças? *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE CATALOGADORES, 9.; ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES, 2., 2013, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2013. Disponível em: <http://www.telescopium.ufscar.br/index.php/eicenacat/eic-enacat/paper/viewFile/13/13>. Acesso em: 26 fev. 2023.

TENNANT, R. MARC must die. **Library Journal**, May 2010. Disponível em: <https://www.libraryjournal.com/story/marc-must-die>. Acesso em: 29 abr. 2023.





CAPÍTULO 12

Gestão da informação jurídica: relato de experiência

Regina Céli de Sousa

1 INTRODUÇÃO

A área jurídica oferece várias oportunidades para o trabalho bibliotecário, como Tribunais, Procuradorias, Assembleias Legislativas, Câmaras Municipais, Departamentos jurídicos de empresas, Associações, Conselhos e Ordens dos Advogados, Faculdades, Escritórios Jurídicos, entre outros. A existência de um serviço profissional e qualificado de informação contribui para a vantagem competitiva e tomada de decisão nesses ambientes. A questão que se coloca é: Quais as funções desempenhadas pelos bibliotecários em escritórios de advocacia? Para responder a essa questão, a apresentação de um relato informativo sobre a biblioteconomia em escritórios de advocacia permite examinar a sua função, atividades e objetivos desempenhados, além de observar a sua evolução. Apesar de cada contexto organizacional ser único, pode-se avaliar o grau





de contribuições que o bibliotecário pode fornecer ao ambiente advocatício. E neste sentido, desenvolve-se uma narrativa de experiência profissional, contextualizada em escritório jurídico localizado na cidade de São Paulo.

2 ESCRITÓRIO JURÍDICO

Fundado em 1972, o Machado, Meyer, Sendacz e Opice Advogados é um dos principais escritórios de advocacia do Brasil. Fornece assistência jurídica a clientes nacionais e internacionais, incluindo grandes corporações dos mais variados setores de atividade, bem como instituições financeiras e entidades públicas. Além de São Paulo, o escritório possui representações no Rio de Janeiro, Brasília, Belo Horizonte e Nova York. Conta com uma equipe de mais de 1.040 pessoas e atua nos segmentos: ambiental; arbitragem, aviação e navegação, bancário, seguros e financeiro, comércio exterior e direito aduaneiro, compliance e investigações, concorrencial, contencioso, contratos e negociações complexas, direito das relações de consumo, direito digital e proteção de dados, direito público e regulatório, imobiliário, infraestrutura e energia, mercado de capitais, mídia, esportes e entretenimento, M&A e *private equity*, penal empresarial, propriedade intelectual, reestruturação e insolvência, societário, trabalhista e tributário. Tem por missão atuar como um parceiro de confiança, atento à busca de soluções jurídicas adequadas às necessidades de cada cliente. A atividade é baseada na criação de relacionamentos duradouros, sob uma





cultura de comprometimento e colaboração, no desenvolvimento de equipes e alta competência e na atualização permanente dos conhecimentos jurídicos e de negócios.

Desde 2021, o escritório possui, uma ferramenta para gerenciamento eletrônico de documentos, denominada iManage. Toda a produção documental gerada na organização, é salva em um repositório “cliente/ caso”, com níveis de acesso estabelecidos para o público interno, para controle e segurança da informação gerada. Em decorrência do grande volume de informação produzida, houve investimento em uma ferramenta de inteligência artificial chamada Kira, que usa técnicas avançadas de aprendizado de máquina para extrair informações valiosas de documentos, como contratos, peças processuais e outros.



2.1 Contexto Histórico Profissional

O vínculo desta gestora com o Escritório teve dois momentos. O primeiro ocorreu na década de 1980, como bibliotecária responsável pelo desenvolvimento de coleções, serviço de referência, seleção e disseminação de legislação e notícias relevantes e de interesse. O segundo momento teve início em 2002, no cargo de gerente, com a atribuição de criar e gerir a área de Conhecimento e Informação. Nesse momento, o Escritório era um ambiente diferente de quando o deixara. A diferença decorreu da crescente utilização de tecnologias digitais na prática do Direito. Com a evolução tecnológica, os



profissionais do Direito, em geral, e os escritórios em especial, tiveram que se adaptar a um novo cenário para se manterem atualizados e competitivos no mercado. E esse cenário tecnológico e digital segue em constante evolução, com efeitos sobre o aumento da eficiência, a redução de custos operacionais, a otimização do atendimento ao cliente e, principalmente, a melhoria no acesso à informação e conhecimento.

Assim, nesse segundo momento do retorno, o interesse da organização estava na instituição de um fluxo dinâmico da informação, incluindo as geradas internamente. Para essa etapa, realizou-se um diagnóstico situacional, focado na avaliação dos produtos e serviços então oferecidos pelas bibliotecas e arquivos existentes no Escritório e nas demais unidades. Também se avaliou o grau de satisfação dos clientes internos (formados pelos sócios, advogados, estagiários e administrativos) e o mapeamento das necessidades.

Diante dos resultados obtidos, foi proposto um projeto, contemplando sugestões para inovação e/ou readequação das atividades realizadas para o atendimento das necessidades informacionais da organização. A partir de relatórios e dados coletados, investiu-se no desenvolvimento de produtos e serviços com agregação de valor para a tomada de decisão e de soluções orientadas aos clientes, dentro dos padrões de qualidade. Algumas das ações implementadas são comentadas a seguir.





3 COMPARTILHAMENTO DO CONHECIMENTO

3.1 Melhores Práticas/Pareceres

Criou-se um setor de Pareceres Jurídicos, para organizar e melhor compartilhar o conhecimento gerado interna e externamente. Com a colaboração de advogados, foi instituído um Comitê de Pareceres (CDPar), responsável por validar o conteúdo e efetuar a padronização jurídica. Esses pareceres foram classificados em 4 categorias: Vigente, Histórico, Externo e Em Desuso. Cada categoria com uma finalidade:

1. Vigente - Posição do escritório, na data da emissão do parecer, com relação a uma determinada tese, ou de sua aplicabilidade a um caso específico;
2. Externo - Opinião emitida por advogado ou parecerista de renome sobre determinado tema;
3. Desuso - pareceres modificados, em razão de alterações na legislação, doutrina, jurisprudência, ou uma nova posição sobre o assunto;
4. Histórico - pareceres emitidos antes da implantação do CDPar.

Ressalte-se que a Gestão do Conhecimento (GC) é percebida como um processo de aprendizagem colaborativa, por meio da inclusão de projetos que permitam identificar, coletar, analisar, construir, compartilhar e aplicar o conhecimento de forma prática





e sustentável. Neste sentido, Esteban Navarro e Navarro Bonilla (2003) afirmam que, no contexto da GC em organizações, discute-se o compartilhamento como mediação da informação e do conhecimento para benefícios das organizações, e também em relação à sua visão, missão, valores e objetivos.

Assim, investiu-se no compartilhamento de conhecimento e em treinamento das pessoas, além de incluir no Programa de Participação nos Lucros da Empresa o incentivo ao compartilhamento das melhores práticas (opiniões legais, memorandos, pareceres, peças processuais etc.). Adotar a cultura do compartilhamento foi um passo importante para estabelecer a criação de uma base de dados, contendo as Melhores Práticas.

Saliente-se que o compartilhamento da informação deve advir da necessidade de explorar as capacidades interna e externa da organização, em busca de melhores resultados, e da satisfação das demandas informacionais dos clientes, pela oferta de serviços e produtos de informação. (TOMÁEL; MARTELETO, 2007).



3.2 Offering

Offering é um documento oficial e obrigatório de divulgação de operações de oferta pública. Apresenta panorama econômico-financeiro e patrimonial da empresa e corrobora para o investidor tomar decisão.

A emissão de *offerings* é regida por legislação específica e instruções emitidas pela Comissão de Valores Mobiliários – CVM.



O tratamento e compartilhamento das *offerings* tem valor estratégico para a área de Mercado de Capitais de um escritório jurídico, facilita a elaboração de novos documentos que vão suportar nova emissão, no caso de uma negociação.

Por isso, o escritório desenvolveu uma base de dados de *offering*.

3.3 Base COVID

Diversos setores econômicos e sociais no mundo, tiveram os seus serviços presenciais interrompidos por causa da pandemia da Covid-19, doença infecciosa causada pelo vírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Em decorrência da pandemia, a área de Conhecimento e de Informação teve que repensar seu *modus operandi* e se adequar a uma nova realidade institucional de trabalho.

Com o estabelecimento do trabalho remoto no período pandêmico, verificou-se quais serviços e produtos informacionais seriam ajustados a esse modelo, e novos concebidos digitalmente; todos que podiam ser oferecidos aos clientes internos e externos, ao Escritório.

Nesse aspecto, destaca-se a importância de o bibliotecário atuar assertivamente no enfrentamento de seus desafios profissionais, que requerem a aplicação de uma prática libertadora, que possa proporcionar o surgimento do





pensamento criativo e da invenção em inúmeros contextos (Flusser, 1983 *apud* Araújo, 2017a).

A pandemia, apesar dos malefícios sociais causados, também provocou a necessidade de buscar novas configurações do fazer bibliotecário. Muitos profissionais tiveram que se adaptar às formas de interação, baseadas no ambiente digital de conexão e interação remota, e adotar ferramentas com recursos eletrônicos e virtuais dinâmicos, aspectos que corroboraram para o bibliotecário se tornar um protagonista social.

Neste contexto, a equipe seguiu com maior acuidade no acompanhamento diário da legislação federal, de diversos estados e municípios, além de notícias e artigos sobre os variados temas solicitados. Com a validação dos dados coletados, a equipe passou a fornecer um suporte informacional aos clientes que efetivamente contribuiu para ofertar informação segura à tomada de decisões.



1. Programa de Capacitação

A quantidade crescente de informação requer dos profissionais um domínio de habilidades que auxiliem no desempenho eficiente de suas atividades, além de contínua atualização. Nesse sentido, é importante saber acessar, avaliar e utilizar as informações necessárias para construir conhecimento e inovar na atividade desempenhada.



O desenvolvimento de um programa de competência em informação torna os indivíduos autônomos para a busca e a utilização da informação, em condição de avaliar a sua relevância. Lançado em 2010, o programa tem como objetivo capacitar os estagiários e advogados para o uso das principais fontes de informação jurídicas, sejam orais, sejam impressas, digitais e multimídia, e o reconhecimento e a validação dessas fontes. Além de orientá-los a utilizar a informação em seus variados suportes, de forma eficiente, gerando assim novos conhecimentos e subsidiando na tomada de decisões.

Para tanto, elaborou-se um manual do instrutor, bem como foram formulados exercícios para fixar o aprendizado.

Os participantes são orientados quanto às etapas que devem ser observadas na realização de uma pesquisa, a saber: análise da legislação aplicável, análise doutrinária, análise jurisprudencial e outras (perguntas e respostas, soluções de consulta etc.).



2. Portal do Conhecimento

Em um escritório jurídico, várias são as atividades desenvolvidas pelo bibliotecário. No caso do Machado, Meyer Advogados, destaca-se como produto âncora o que se denomina Portal do Conhecimento. Ele se constitui em um ambiente virtual no qual são integrados, preservados e compartilhados todo um conjunto de informações e de conhecimentos. O Portal contém 27 bases de dados internas: Melhores Práticas, Inteligência Coletiva,



Legislação, Doutrina, Pareceres, Notícias, *Offering*, Machado Meyer na Mídia, Jurisprudência, E-books, Procedimentos, Privacidade, Covid, Ementários etc.

Esse produto evoluiu, em 2023, para um Portal Colaborativo, a partir das recomendações emanadas dos *workshops* realizados com advogados do escritório; bibliotecários, profissionais de *marketing*, tecnologia, estratégia e inovação atuantes no escritório, além de fornecedores. Essa ampla e diversificada participação contribuiu para a coleta de sugestões, críticas e ideias, que subsidiaram o caminho para a transformação digital no âmbito da unidade de informação jurídica.

As inúmeras recomendações foram proporcionadas, principalmente, pela troca de experiências entre as pessoas. O procedimento de articulação adotado mostrou a importância de as áreas trabalharem cooperativamente para proposição de soluções. É importante atentar para as necessidades dos clientes. As percepções alinhadas com essas necessidades, devem ser analisadas e implementadas pelo seu valor de satisfação do público.

Neste sentido, selecionou-se junto ao mercado, uma empresa para implementação do RPA (*Robotic Process Automation*), aplicação tecnológica para automatizar processos de captação. Essa ferramenta passou a ser utilizada para a captura automática de informações. A automatização reduz o tempo despendido em um processo manual, cabendo à equipe realizar a curadoria das informações. Outro aspecto positivo dessa aquisição foi a adoção de procedimentos de acessibilidade.





4 OUTRAS ATIVIDADES REALIZADAS

4.1 Fórum de Discussão

O fórum de discussão é uma ferramenta muito utilizada para dar respostas diretas às perguntas, compartilhar práticas, sugestões e ideias, contribuindo com a criação de conhecimento coletivo. As melhores perguntas e respostas passam a compor uma base de dados intitulada Ementário.

4.2 Roda de Compartilhamento

Encontros mensais ou quinzenais com a equipe para compartilhamento de experiências, relato de eventos, palestras, cases.



4.3 Boletins Temáticos

Acompanhar e disseminar Informações e conhecimento prospectados sobre temas diversos, com a finalidade de atualização das pessoas, bem como agregar valor para a tomada de decisão. São mais de 400 temas acompanhados. Semestralmente, são revisitados por meio de consulta aos advogados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A área de Gestão de Informação e Conhecimento é, por excelência, um ambiente de promoção e mediação



no acesso à informação e ao conhecimento. Neste sentido, compete ao bibliotecário, sempre que necessário, reconfigurar sua competência, comprometendo-se com novos caminhos estabelecidos para os novos tempos tecnológicos.

Assim, como destaca Valentim (2002), a cultura organizacional tem papel significativo nos processos de inovação e está voltada às interações com os ambientes externo e interno, construindo estímulos que poderão dar sentido à informação para a organização. Por esse motivo, implica diretamente nas práticas de Gestão do Conhecimento, fazendo com que a organização propicie ambientes favoráveis ao compartilhamento, permita uma comunicação externa à organização mais fluida, possibilite o mapeamento e o reconhecimento dos fluxos informais de informação, proporcione tratamento adequado às informações, agregando-lhe valor, utilize as tecnologias de informação e comunicação para favorecer os fluxos, os processos e a mediação informacionais, e, por fim, promova a socialização do conhecimento no ambiente organizacional. É a partir disso que a organização constrói serviços e produtos que beneficiem não apenas a instituição em suas práticas organizacionais, mas a sociedade em geral.

Para que se possa definir e aperfeiçoar os produtos e serviços prestados, é essencial proceder à integração da equipe, com todos os membros do Escritório, para poder captar e compartilhar a informação e o conhecimento interno, agregado ao coletado externamente. Isso é importante para se obter





resultado no fornecimento de produtos e serviços informacionais de qualidade, confiabilidade e eficiência. Sempre observando que o desafio de instituições jurídicas, na atualidade, tem sido o de se reinventar continuamente, o que acaba sendo um desafio maior para os profissionais que prestam serviços documentais existentes em tais instituições (SOUSA, 2023).

No trabalho do bibliotecário jurídico, é importante destacar que toda assistência fornecida ao cliente, com objetivo de suprir as suas necessidades de informação, passa pelo estabelecimento de programas de treinamento no uso dos recursos disponibilizados. Também é importante que o bibliotecário desenvolva uma excelente rede de contatos, ou *network*, pois não há como ter um produto ou serviço que consiga oferecer tudo.

Assim, constituir colaboração entre pares favorece o intercâmbio com outros grupos jurídicos para circulação, tratamento e organização de documentos contendo informação não privada, mas de circulação restrita por não ser comercial. Portanto, saber se comunicar dentro da área com os seus pares é uma das principais tarefas dos profissionais que atuam em unidades de informação jurídica, bem como estabelecer a aprendizagem.

Dessa maneira, é possível estabelecer uma cultura organizacional baseada em informação e conhecimento, visando maior flexibilidade de atuação no mercado, assim como maior capacidade de criação e geração de tecnologia, ou seja, maior competitividade.





Assim, a unidade de informação pode desenvolver serviços e produtos que beneficiem a instituição, seus membros, clientes e até mesmo seus fornecedores, compartilhando informação e conhecimento de maneira eficiente e eficaz.

REFERÊNCIAS

FARIAS, M. G. G.; VARELA, A. V. Desiderato do protagonismo social na formação do bibliotecário mediante o desenvolvimento de competências. **Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Cariri, CE, v. 4, n. 1, p.34-44, jan./jun. 2018.

GOMES, H. F. **Protagonismo social e mediação da Informação**. Logeion: Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p.10-21, 2019.

GOMES, H. F. **Protagonismo sócio-informacional na saúde coletiva**. Informação em Pauta, Fortaleza, CE, p.47-61, 26 nov. 2018.

MARTELETO, R. M. Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação. **Encontros Bibli**: Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v. 11, n. 1, p.75-91, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11nesp1p75/387>. Acesso em: 24 maio 2023.

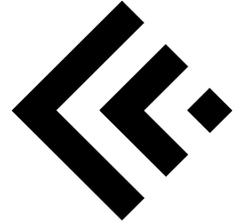
SOUSA, R. C. O valor proporcionado pela transformação digital. **Migalhas**, São Paulo, 30 maio 2023. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/depeso/387366/o-valor-proporcionado-pela-transformacao-digital>. Acesso em: 31 maio 2023.





VALENTIM, M. L. P. Inteligência competitiva em organizações: dado, informação e conhecimento. **Data Grama Zero**, Rio de Janeiro, v.3, n.4, p.1-13, ago. 2002. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/3837>. Acesso em: 28 maio 2023.





SOBRE OS AUTORES

Alessandra Atti

Mestre em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP), Pós-graduada em Gestão Pública pela Universidade Mogi das Cruzes (UMC) e Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). Bibliotecária na Prefeitura Municipal de São Paulo. Docente no Curso de Biblioteconomia da Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES). Foi Conselheira no Conselho Federal de Biblioteconomia – 18ª Gestão (2019-2021) e no Conselho Regional de Biblioteconomia - 8ª Região – 17ª Gestão (2015-2017) e 18ª Gestão (2018). Exerceu os cargos de Supervisora de Acervo e de Tratamento da Informação na Biblioteca Mário de Andrade e foi Diretora da Divisão de Desenvolvimento de Coleções e Tratamento da Informação da Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas de São Paulo. Foi tutora de ensino à distância em cursos de Pós-graduação em Gestão e Políticas Públicas da Unicamp, da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESP/SP) e da Fundação Santo André. Tem





experiência em Tratamento da Informação, Desenvolvimento de Coleções, Conservação e Preservação de Acervos, Repositórios Digitais, Bibliotecas Públicas e Escolares.

Camila Araújo dos Santos

Doutora e Mestra em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (UNESP) – Campus de Marília e Bacharel em Biblioteconomia pela UNESP-Marília. Está como Coordenadora do Grupo de Trabalho de Competência em Informação (GT - ColInfo) da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas da Informação e Instituições (FEBAB). Tem atuado como docente nos cursos de Biblioteconomia e de Arquivologia no ensino público superior. Possui experiência na área de Ciência da Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: Competência em Informação (ColInfo), Competência Midiática, modelos e referenciais (framework) para institucionalização da ColInfo, competências, conhecimentos, habilidades, atitudes e valores nos âmbitos informacional, educacional, midiático, organizacional, social e cultural, Mediação da Informação, Gestão da Informação e do Conhecimento, Atuação Profissional em Biblioteconomia, Metodologia da Pesquisa e do Trabalho Científico, Disseminação da Informação e Normalização Documental. Colunista do website da área de Ciência da Informação 'Infohome - OFAJ' com o tema "Competência em Informação".





Daniel Abraão Pando

Doutorado e Mestrado em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Especialista em 'Uso estratégico de novas tecnologias'. Bibliotecário-documentalista do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, câmpus Birigui, São Paulo.

Everton da Silva Camillo

Bibliotecário da Prefeitura Municipal de Cravinhos (SP). Doutor e mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Estadual Paulista (UNESP, Marília). Desenvolveu estágio de pesquisa na Université de Sherbrooke, no Canadá, por meio do programa Emerging Leaders in the Americas Program (ELAP). Bacharel em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP, Ribeirão Preto), com período sanduíche na Universidade de Coimbra, em Portugal. Possui experiência profissional em Biblioteconomia, com ênfase nas bibliotecas do tipo escolar e pública. Na pesquisa, os seus interesses consistem nos temas de políticas públicas, desenvolvimento sustentável e práticas profissionais referentes às bibliotecas de tipologia pública, comunitária e escolar no que tange às atividades de gestão, mediação e uso da informação.





Fábio Sampaio Rosas

Doutor e mestre em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), Supervisor da Seção Téc. de Biblioteca e Documentação da Unesp (Câmpus de Dracena), membro dos Grupos de Pesquisa “Estudos Métricos da Informação” e “Formação e atuação profissional em organização da informação”, ambos da Unesp (Câmpus de Marília).

Gabriela Bazan Pedrão

Bibliotecária e doutora em Ciência da Informação pela Unesp. Atua em biblioteca escolar há mais de 10 anos e há 9 anos é produtora de conteúdo do canal *‘É o último, juro!’*. Gabriela também é mediadora do Clube do Livro da Fundação do Livro e Leitura de Ribeirão Preto desde 2016 e foi laureada com o Prêmio Laura Russo de Biblioteconomia em 2017.



Gildenir Carolino Santos

Graduado em Biblioteconomia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Especialização em Desenvolvimento Gerencial em Instituições Públicas pela Universidade Estadual de Campinas (UNI-CAMP). Mestrado e Doutorado em Educação pela UNICAMP. Pós-doutorado em Divulgação Científica pelo Labjor/UNICAMP. Bibliotecário responsável pelo Portal de Periódicos da UNICAMP. Editor-chefe da RDBCI: Revista Digital de



Biblioteconomia e Ciência da Informação e da Revista Brasileira de Preservação Digital. Membro do Grupo de Estudo e Pesquisa Dríade e Líder da Linha de Publicações Periódicas Eletrônicas, ambos da Rede Cariniana (Ibict). Responsável pelo Portal de Periódicos da Universidade Estadual de Campinas e Professor a Distância do curso sobre Fontes de Indexação para Periódicos Científicos da Content Mind. Áreas de interesse: Indexação, Preservação digital, Portais de Periódicos, Publicações eletrônicas e Editoração científica.

João de Pontes Junior

Possui Mestrado em Ciência da Informação (2009) e graduação em Biblioteconomia (2000), ambos pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Foi Bibliotecário do SESC Campinas/SESC Pinheiros, onde além de exercer o cargo de Bibliotecário, também realizou animação cultural nas áreas de cinema, literatura e cultura digital. Foi um dos colaboradores para criação do portal de Acervos Artísticos e Culturais, da Secretaria Municipal de Cultura. Exerceu suas funções junto a Supervisão de Museologia e Acervos Municipais no Departamento dos Museus Municipais, onde trabalhou com acervo de fotografias (negativos, positivos e digitais) na indexação, catalogação e organização. Ainda no Museu da Cidade, foi curador digital de conteúdo. Criador e Organizador do Seminário Tecnologia e Organização da Informação em Museus por três anos seguidos





(2021, 2022 e 2023). Foi conselheiro do Conselho Regional de Biblioteconomia - 8ª Região por duas gestões. Membro do Conselho Editorial e Produtor Associado da Memoricidade - Revista do Museu da Cidade de São Paulo. Atualmente exerce suas funções junto a Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas - Biblioteca Monteiro Lobato, além de coordenar o Projeto Tríade da Informação de sua autoria.

Leda Maria Araújo

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Possui Mestrado em Ciência da Informação pela Universidade Estadual de Londrina (2015). É especialista em gestão de bibliotecas escolares pela Universidade Estadual de Londrina (2013). Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Estadual de Londrina (2004). Desde 2016 atua como diretora das Bibliotecas Públicas Municipais de Londrina. Tem experiência na área da Ciência da Informação, com ênfase em gestão e administração de Bibliotecas e unidades informacionais. Atua principalmente nos seguintes temas: Gestão de Bibliotecas, Gestão da Informação, Sistemas de Bibliotecas, Bibliotecas em Rede, Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Escolares, Mediação da Informação, Formação do leitor por meio da leitura de literatura e políticas públicas para livro, leitura e bibliotecas.





Liliana Giusti Serra

Pesquisadora visitante da University of Illinois at Urbana-Champaign. Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Mestre em Ciência da Informação pela Escola de Comunicações e Artes na Universidade de São Paulo (ECA/USP). Profissional da informação dos sistemas SophiA Biblioteca, SophiA Acervo e Philos. Pesquisadora na área de Ciência da Informação sobre conteúdo digital, livros digitais, linked data, web semântica, bibliotecas e repositórios digitais, catalogação (AACR2, RDA), metadados, automação de bibliotecas etc.



Lívia Aparecida Ferreira Lenzi

Professora da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, possui graduação em Biblioteconomia (1995) e especialização em Gerência de Unidades de Informação (2001) pela Universidade Estadual de Londrina e mestrado em Ciência da Informação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2006). Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Políticas e Gestão da Comunicação e Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: gestão de unidades de informação, inteligência competitiva e inovação tecnológica.



Maria de Lourdes Lima

Doutora em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia e Ciências (UNESP- Marília, SP), graduada em História pela Universidade Federal Fluminense, especialista em Organização de Arquivos pelo IEB/ECA, USP. Teve participação em eventos acadêmicos, como organizadora e participante, além da produção bibliográfica, por meio de artigos e capítulos de livros. Atuou no desenvolvimento de alguns projetos de pesquisa, a exemplo de: “Uma memória literária e técnico-científica em Alagoas: revistas”, “Estudo das imagens disponíveis nos repositórios de memória do Brasil”, “Fotografia de Lavenère: a cena pessoal, política e cultural de Alagoas”, “Os retratos de Lavenère: a cena pessoal, política e anônima de Alagoas”; organizadora da obra: *Uma cultura anfíbia na transversalidade de saberes: Alagoas e Rússia*. Colaborou nos anos 1990, em conjunto com a UFSE, no **Levantamento da documentação municipal, sindical rural e jurídica** de algumas cidades do Baixo São Francisco: Piranhas e Olho d’Água do Casado, por Alagoas; Poço Redondo e São Francisco Canindé, por Sergipe. Produto final: a produção do vídeo *Olhos d’Água das Memórias* e uma série fotográfica sobre a memória cultural e histórica da cidade de Olho d’Água do Casado, com a participação do fotógrafo e professor Siloé Amorim. Mediadora entre a Universidade Federal de Alagoas, a Secretaria de Educação do Estado de Alagoas, o Arquivo Público de Alagoas e o Arquivo Nacional, resultando no **Relatório de Visita Técnica do Arquivo Público de Alagoas**, (2ª Versão Atualizada, em 2003), elaborado por Adriana Cox





Hollós, Lúcia Peralta e Maria Ignez Ramos Silva, respectivamente, Coordenadora de Preservação, Supervisora de Conservação e Arquiteta do Arquivo Nacional, um dos principais instrumentos do **Plano de Revitalização do Arquivo Público de Alagoas/ APA**; principal articuladora entre o **Sistema de Arquivos do Estado de São Paulo**, a UFAL e o Arquivo Público de Alagoas, resultando na minuta responsável pela Lei 6.236, de 06/06/2001, que criou o **Sistema de Arquivos do Estado de Alagoas**. No presente, o Sistema de Arquivos do Estado de Alagoas permanece ignorado, do ponto de vista operacional, por gestores responsáveis pelo APA; colaborou na conservação preventiva de coleções fotográficas do Arquivo Público de Alagoas, na ocasião em que foi administrado pelo competente arquivista Geraldo da Silva Filho; colaborou com o plano de Conservação Preventiva das Coleções de Fotografia do Museu Théo Brandão de Antropologia e Folclore da Ufal, sugerindo a presença em Alagoas, através da UFAL, do Centro de Conservação e Preservação Fotográfica da FUNARTE, coordenado, na ocasião, pela Especialista em Conservação e Preservação Sanda Baruki. Fez parte da equipe de implantação do Programa de Pós-Graduação em História, liderado pelo então Coordenador, docente e historiador Antônio Filipe Pereira Caetano; foi professora do Departamento de História da Ufal, entre 1984-1999, ex-professora do Curso de Biblioteconomia (1998-2019); atualmente, integra o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI/ UFAL), como professora Colaboradora.





Marta Lúcia Pomim Valentim

Professora Titular da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Pós-Doutorado pela Universidad de Salamanca (USAL), Espanha. Livre Docente em Informação, Conhecimento e Inteligência Organizacional pela Unesp. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Docente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Unesp, câmpus de Marília. Coordena o projeto de pesquisa Inteligência organizacional e inteligência social no contexto do big data: análise de dados para a geração de diferenciais competitivos. Presidente da Asociación de Educación e Investigación en Ciencia de la Información de Iberoamérica y el Caribe (EDICIC), gestão 2021-2023. Atuou como Supervisora do Instituto de Políticas Públicas de Marília (IPPMAR), gestão 2021-2023. Coordenou o Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Unesp, gestão 2017-2021. Atuou como Presidente da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN), gestão 2016-2019 e 2001-2004. Exerceu o cargo de Vicepresidente da Asociación de Educación e Investigación en Ciencia de la Información de Iberoamérica y el Caribe (EDICIC), gestão 2009-2011. Exerceu a coordenação do Grupo de Trabalho 'Gestão da Informação e do Conhecimento nas Organizações' (GT-4), da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), gestão 2009-2010.





Regina Céli de Sousa

Graduada em Biblioteconomia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP e em Direito pela Universidade Paulista. MBA em Gestão Empresarial pelo Instituto Trevisan. Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas/SP. Presidente e vice-presidente do Conselho Federal de Biblioteconomia – CFB. Presidente do Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de SP – CRB-8, em 4 gestões. Presidente da Comissão de Informação e Documentação Jurídica – CBDJ. Presidente da Associação Paulista de Bibliotecários – APB. Diretora do Grupo de Informação e Documentação Jurídica do Estado de São Paulo - GIDJ/SP. Gerente de Conhecimento e de Informações de Machado Meyer Advogados. Organizadora e palestrante de Congressos, Seminários e Cursos. Mentora da LIFT. Voluntária em ONG.





9 786556 1242880